

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

JERUSA ALVES CUTY

**A PRESENÇA E A AUSÊNCIA DO RECONHECIMENTO SOCIAL:** os discursos docentes na  
coluna “Palavra de professor” (Jornal Extra Classe, SINPRO/RS, 2006 – 2015)

Porto Alegre  
2017

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

JERUSA ALVES CUTY

**A PRESENÇA E A AUSÊNCIA DO RECONHECIMENTO SOCIAL: os discursos  
docentes na coluna “Palavra de professor” (Jornal Extra Classe, SINPRO/RS,  
2006 – 2015)**

Porto Alegre, 2017

## Ficha Catalográfica

C991p Cuty, Jerusa Alves

A Presença e a Ausência do Reconhecimento Social : os discursos docentes na coluna "Palavra de Professor" (Jornal Extra Classe, SINPRO/RS, 2006 - 2015) / Jerusa Alves Cuty . – 2017.

144 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Villela Pereira.

1. Discursos docentes. 2. SINPRO/RS. 3. Reconhecimento social. 4. Presença. 5. Ausência. I. Pereira, Marcos Villela. II. Título.

Jerusa Alves Cuty

**A PRESENÇA E A AUSÊNCIA DO RECONHECIMENTO SOCIAL: os discursos docentes na coluna “Palavra de professor” (Jornal Extra Classe, SINPRO/RS, 2006 – 2015)**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Curso de Mestrado do PPGEDU da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Villela Pereira

Porto Alegre, 2017

Jerusa Alves Cuty

**A PRESENÇA E A AUSÊNCIA DO RECONHECIMENTO SOCIAL: os discursos docentes na coluna “Palavra de professor” (Jornal Extra Classe, SINPRO/RS, 2006 – 2015)**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Curso de Mestrado do PPGEDU da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação.

Dissertação apresentada em 13 de dezembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Marcos Villela Pereira (orientador - PUCRS)

---

Profa. Dra. Mônica de La Fare (PUCRS)

---

Profa. Dra. Márcia Ondina Vieira Ferreira (UFPel)

Porto Alegre – RS  
2017

## AGRADECIMENTOS

Tomo emprestadas as palavras de Jacques Rancière para expressar meu reconhecimento e admiração a muitas pessoas que me acompanharam nessa etapa acadêmica, pela motivação e constante incentivo:

A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permite liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo. (RANCIÈRE, 2007, p. 5)

Desse modo, para a escrita dessa dissertação, a minha subjetividade me motiva a traçar aqui os agradecimentos em ordem cronológica de influência para a escolha do objeto desta pesquisa. Assim surge, primeiramente, a minha grande mestra, minha mãe, Rosa Maria, orientadora, detentora de tantos valores importantes que me guiam e me alicerçam, além das palavras sábias e de todo o amor que dedica à nossa família. Muito obrigada!

À minha irmã, mesmo três anos mais nova, sempre atenta em me sugerir o melhor caminho a tomar, sabendo de minhas preferências e de minhas particularidades, desde a graduação, com seu pragmatismo e sua reflexão perspicaz sobre os assuntos dos quais traçamos bons diálogos. Eu te admiro muito!

Ao meu pai, figura sempre muito tímida, mas atuante em cada momento em que é solicitado a agir a favor da família, com seu amor em atitudes, mesmo que as palavras não surjam. Também todo o meu reconhecimento a ti!

À minha amiga Ana Sant'Ana, excelente profissional e acadêmica brilhante, após suas mudanças pessoais necessárias. Obrigada pelo incentivo e pelo belo exemplo!

Ao amigo e também professor Dr. José Luís Ferraro (Zé Luís), por me apresentar a riqueza de conhecimentos que existe no PPGEDU da PUCRS. Pelos cafés e pelos diálogos sempre cheios de amizade, antes mesmo dessa etapa que agora finalizo. Obrigada!

À amiga Adriana Beatriz Pacher, pelos aprendizados e pelas sugestões na trajetória semelhante que tomamos neste apaixonante mundo da pesquisa acadêmica. Obrigada!

Ao meu queridíssimo orientador, Marcos Villela Pereira, excelente professor, o qual atendeu a todas as minhas demandas durante a pesquisa, organizando as leituras, disponibilizando livros, lendo e relendo a dissertação, propondo reuniões do grupo de pesquisa e dos encontros individuais. Estás no meu coração para sempre! Muito obrigada!

À professora Mónica De La Fare, excelente docente, competente e apaixonada pela arte da pesquisa que envolve a pesquisa em Educação. Destaco os seus valiosos aprendizados para delinear o objeto de pesquisa dessa dissertação. Obrigada!

À minha querida amiga e filha do coração, Martha Porto, por seu incentivo, pela torcida e pela presença em meus momentos acadêmicos.

Aos colegas do grupo de pesquisa: Aaron Hengles, Anthony Fábio Torres, Enrique Blanco, Gabriela Peruffo, Géverton Kohnlein, Juliana Silva dos Santos, Ketlin Kroetz, Lilian Alves Schmitt, Michele Pedroso, Rodrigo A. Colla e Sofia Ferreira, além dos agregados ao grupo nos encontros extra-muros da PUC. Dedico aqui o meu agradecimento a todos vocês pela troca de ideias, pelas dicas, pelos churrascos, pelos cafés nos intervalos, pelas brincadeiras para não surgir o estresse tão comum a quem tenta fazer uma pesquisa da forma mais adequada possível.

A todos os demais colegas do PPGEDU- PUCRS que em cada disciplina cursada me auxiliaram com dicas ou sugestões para minha pesquisa. Foi um prazer nossa convivência. E que ela ainda continue frutificando.

Ao Sindicato dos Professores Particulares do Rio Grande do Sul (SINPRO-RS), na figura do jornalista chefe do jornal *Extra Classe*, por disponibilizar tempo para uma entrevista tão esclarecedora sobre a coluna “Palavra de Professor”, foco de meu *corpus*.

Ao Colégio Anchieta e aos meus colegas, pela credibilidade em meu trabalho e por me oportunizarem me ausentar em alguns momentos em função de eventos que ajudaram na pesquisa.

Por fim, a todos os professores que amam a sua profissão e desejam encontrar o reconhecimento social docente.

“Na maior parte do tempo, as relações entre humanos sofrem, muitas vezes, até a destruição, por não ser respeitado o contrato entre eles estabelecido. A partir do momento em que dois humanos entram em relação recíproca, o seu contrato, tácito no mais das vezes, entra em vigor. Ele regula a forma das suas relações.”

(BRECHT)

## RESUMO

A pesquisa teve como proposta investigar o reconhecimento social do professor por meio dos discursos docentes na coluna “Palavra de Professor” do Jornal *Extra Classe*, SINPRO/RS. Assim, o *corpus* total da pesquisa da dissertação está composto por vinte e três textos, coletados na versão *on-line*, selecionados ao longo da produção de dez anos, de 2006 a 2015, levando em consideração vocábulos que mostrassem o termo reconhecimento ou seus derivados. Como problema de pesquisa questionou-se: Quais são as evidências da implicação das esferas de reconhecimento, no contexto intersubjetivo, através dos escritos de professores do ensino privado na referida coluna? O objetivo geral proposto para esta pesquisa foi investigar os indicadores de presença ou de ausência de reconhecimento. A pesquisa apresenta como objetivos específicos que auxiliaram para a delimitação do tema: a) conhecer qual é o lugar do professor dentro dos marcos indicados nos discursos impressos na coluna “Palavra de professor”; b) analisar como o professor se vê e se coloca no processo de reconhecimento social. Como marco teórico, foi escolhido o filósofo alemão Axel Honneth, com sua Teoria do Reconhecimento, na qual o pensador propõe as esferas de reconhecimento que foram enfocadas como categorias *a priori*, as quais demonstram uma imbricação entre o contexto intersubjetivo (amor, direito e estima social) e o contexto subjetivo (autoconfiança, autorrespeito e autoestima) de uma matriz social. Com esses indicadores, objetivou-se conhecer quais são as evidências de reconhecimento, no contexto intersubjetivo, que surgem na coluna e, analogamente, pretendeu-se identificar os elementos que demonstrassem o contexto subjetivo da relação docente em qualquer contexto inter-relacional. Como categorias *a posteriori*, criadas a partir da Análise de Conteúdo (AC), com Laurence Bardin como maior expoente, a pesquisa envolveu o tratamento dos dados para focar os efeitos de sentido do reconhecimento, o que foi posto em confluência com as esferas de reconhecimento de Honneth. Depreendeu-se, assim, que o amor à profissão, primeira esfera da Teoria do Reconhecimento, alicerça a maioria dos docentes, mas eles desejam ter seus direitos assegurados e desejam ter a estima social presente.

**Palavras-chave:** Discursos docentes. SINPRO/RS. Reconhecimento Social. Presença. Ausência.

## ABSTRACT

The research had as proposal to investigate the social recognition of the teacher through the teaching discourses in the column "Word of Professor" of the *Extra Class Journal*, SINPRO / RS. Thus, the total corpus of the research of the dissertation is composed of twenty-three texts, collected in the online version, selected during the production of ten years, from 2006 to 2015, taking into account words that show the term recognition or its derivatives. As a research problem, we questioned: What are the evidences of the implication of the spheres of recognition, in the intersubjective context, through the writings of teachers of private education in the said column? The general objective proposed for this research was to investigate indicators of presence or absence of recognition. The research presents as specific objectives that helped to delimit the theme: a) to know the place of the teacher within the marks indicated in the speeches printed in the column "Word of teacher"; b) analyze how the teacher sees and places himself in the process of social recognition. As a theoretical framework, the German philosopher Axel Honneth was chosen, with his Theory of Recognition, in which the thinker proposes the spheres of recognition that have been focused as a priori categories, which demonstrate an imbrication between the intersubjective context (love, law and esteem social) and the subjective context (self-confidence, self-respect and self-esteem) of a social matrix. With these indicators, we aimed to know the evidences of recognition, in the intersubjective context, that appear in the column and, similarly, it was intended to identify the elements that demonstrate the subjective context of the teacher relationship in any inter-relational context. As a posteriori categories, created from Content Analysis (AC), with Laurence Bardin as the main exponent, the research involved the treatment of the data to focus the effects of sense of recognition, which was put in confluence with the spheres of recognition of Honneth. It was thus deduced that love of the profession, the first sphere of the Theory of Recognition, underlies most teachers, but they wish to have their rights guaranteed and wish to have social esteem present.

**Keywords:** Speeches teachers. SINPRO/RS. Social recognition. Presence. Absence.

## LISTA DE ESQUEMAS

ESQUEMA 1 – Etapas da Análise de Conteúdo	26
ESQUEMA 2 – Princípios da Análise de Conteúdo	27
ESQUEMA 3 – Esferas de reconhecimento .....	46
ESQUEMA 4 – Efeito das esferas de reconhecimento .....	47
ESQUEMA 5 – Desdobramento das esferas do reconhecimento .....	48
ESQUEMA 6 – Campo de influência das esferas de reconhecimento .....	49

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Reconhecimento no <i>corpus</i> (Coluna Palavra de Professor)	30
QUADRO 2 – Estado de conhecimento – Bibliografia categorizada	34
QUADRO 3 – Aspectos para a Análise de Conteúdo	56

## SUMÁRIO

<b>PARTE I</b> .....	12
<b>PERCEPÇÕES E DELIMITAÇÕES NECESSÁRIAS</b> .....	12
1.1 Os primeiros passos para a pesquisa .....	13
1.2 Vínculos com o reconhecimento na trajetória docente .....	16
1.3 As razões para se fazer a pesquisa.....	18
<b>PARTE II</b> .....	20
<b>PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA DE PESQUISA</b> .....	20
2.1 Etapas da artesanaria .....	21
2.2 Reconhecimento: presença ou ausência/ Situando o contexto e as escolhas dos indicadores .....	30
2.3 Olhares sobre o reconhecimento .....	34
2.4 Referencial teórico .....	42
<b>PARTE III</b> .....	53
<b>ANÁLISE DAS SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS</b> .....	53
3.1 Reflexões e inferências sobre o <i>corpus</i> .....	54
<b>PARTE IV</b> .....	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	104
4.1 Sobre essa pesquisa e seus desdobramentos .....	105
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	111
<b>ANEXOS – ACOLUNA “PALAVRA DE PROFESSOR” (2006 – 2015)</b> .....	114

**PARTE I**

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS E DELIMITAÇÕES**

## 1.1 Os primeiros passos da pesquisa

Em uma tarde nublada do mês de junho de 2015, após um turno de trabalho docente pela manhã, no conforto do lar, resolvi que era chegada a hora de buscar respostas sobre as questões que não são discutidas em meu cotidiano profissional, apenas nos diálogos familiares, mas que nem sempre encontram respostas mais amplas. Não posso esquecer também que outros amigos também me deram o incentivo para levar adiante meus planos acadêmicos. Assim, pensando em refletir sobre meus questionamentos, busquei conhecer, através do edital de ingresso no mestrado, as linhas de pesquisa em Educação da Pontifícia Universidade Federal do Rio Grande do Sul, querendo, portanto, engajar-me ao estudo das teorias que pudessem esclarecer-me sobre o que surge no meio social no qual me insiro.

Acredito ser importante apresentar esse *insight* inicial pois, raramente, os textos acadêmicos citam as condições humanas que partilharam o mesmo ambiente e o período de ingresso em um curso de mestrado, a escrita do projeto de dissertação, o desenvolvimento da pesquisa, as disciplinas feitas, as experiências que inspiram ideias e os sujeitos que tanto auxiliam para que isso possa ser possível. Na tentativa de restaurar o trajeto dessa dissertação de mestrado, descrevo o mais detalhadamente, sem querer ser exaustiva, a atmosfera que propiciou o desenvolvimento deste texto.

Os diferentes campos de pesquisa em Educação e em ensino abordam diferentes temáticas – formação de professores, inovação em sala de aula, educação inclusiva, políticas públicas, entre outras, mas, em sua essência, há um desejo comum de se construir cenários melhores para a educação nacional, para os sujeitos que interagem nos vários espaços educativos. É nessa perspectiva de educação e de valorização docente em que estou inserida e, graças a ela, tentei descobrir as respostas para os questionamentos que me desacomodavam.

Porém, sinto em meu trajeto como docente que a visão sobre os professores tem sido distorcida, no mais das vezes, ela tem sido estereotipada para surgir um ser “mendigante” de seus direitos salariais, desrespeitado pelos seus alunos e pela sociedade. Em uma experiência apenas de atuação em escolas particulares, via, somado a esse quadro social lamentável, a falta de reconhecimento entre os pares, por motivos vários. A partir dessa representação do sujeito-professor começou a surgir o meu problema de pesquisa, com o qual pude debruçar-me para o meu objeto de estudo, ou seja, o reconhecimento docente.

Partindo desse processo de rememorar, em texto de Tim Ingold, trabalhado por CARVALHO & STEIL (2012), encontrei uma citação de Francis Bacon que diz “Se a mente fosse tão clara e uniforme como um espelho perfeito, então, ela refletiria as formas autênticas das coisas.” Contra essa distorção da mente, nesse momento, recorro à apreciação que tive de meu orientador sobre a minha ideia de ter como objeto de pesquisa a autonomia e o reconhecimento do professor: “um termo é consequência do outro”, disse-me ele. Agradeço a lúcida apreciação e o pragmatismo necessários, os quais têm sido frequentes quando a minha ansiedade e o meu desejo de abraçar o mundo querem alçar voo.

Também é necessário destacar que ainda não conhecia Axel Honneth e sua Teoria do Reconhecimento, o qual fez todo o embasamento teórico de minha pesquisa, através de suas esferas: amor, direito e estima social, no contexto intersubjetivo. Com ele, movida também pelas questões filosóficas que fazem os seres humanos refletirem, encontrei nesses termos de reconhecimento a possibilidade de levar adiante uma discussão mais consistente sobre o que encontrei nos discursos docentes lidos e os modos como pude constituir os dados *a priori*.

É bom lembrar que o primeiro encontro do grupo de orientandos de Marcos Villela Pereira, em março de 2016, propiciou-me essa importante referência que está presente com todos os elementos teóricos que convergiram para a reflexão, as relações constantes com outros comentadores desse filósofo e o estabelecimento da conexão que tentei encontrar nos discursos de docentes com a referida teoria e a vida escolar.

Cabe destacar ainda que, no primeiro encontro individual, após uma conversa com meu orientador, além de já certa sobre a escolha epistemológica, levei para casa a tarefa de encontrar um escopo que demonstrasse praticidade para a análise. Assim, ao olhar para minha mesa de trabalho e em conversa com minha irmã, tive a ideia de trabalhar a coluna “Palavra de Professor” do Jornal *Extra Classe*, do SINPRO/RS.

A disciplina de Pesquisa em Educação I, ministrada pela professora Mônica de La Fare, foi de fundamental valor para estruturar o meu projeto de pesquisa e possibilitar o encaminhamento inicial que dei ao meu texto. A partir dela, pude objetivar o exercício de escrita e reescrita de minhas perguntas, direcionando qualquer leitor à clareza de qual é minha pergunta geral, quais são as perguntas específicas, qual é o objetivo geral e quais são os objetivos específicos, qual é meu marco teórico e o que utilizei como estratégia metodológica. Em suma, todos os passos para que a dissertação

tivesse a coerência interna, somada à correspondente empiria voltada à escola, o que só consegui após as conversas com meu orientador.

Esta possibilidade de aprendizagem através da pesquisa guiou-me em minha busca sobre o olhar do que outras pessoas também já produziram a respeito do reconhecimento. Por sua vez, esse processo apresentou-me a necessária busca constante em todos os repositórios acadêmicos sobre o que foi produzido por outros pesquisadores em outros contextos e em outros momentos, permitindo-me ver as experiências de cada um deles nas leituras breves de seus resumos ou nas mais atentas e longas dissertações e teses já consultadas.

Assumindo a postura de pesquisadora, essa dissertação de mestrado foi construída, é bom dizer, também como um conjunto de reflexões geradas através das leituras que fiz sobre o reconhecimento social, em evidente tentativa de somar à importância dada ao professor, ao respeito que lhe é demonstrado ou negado em nossa sociedade gaúcha e, ampliando o objetivo, brasileira. É assim que essa pesquisa tentou identificar em alguns excertos os indicadores ou os derivados do termo “reconhecimento” que evidenciassem como os docentes se veem ou são vistos em relação ao objeto desse presente estudo.

## 1.2 Vínculos com o reconhecimento na trajetória docente

### LEMBRO-ME DELE

(...) Ele me ensinou quase tudo o que eu sei: não só o tesouro oculto nas páginas de cada livro fechado, não só a maravilha de cada pequena ou grande descoberta, não só a comunhão com autores e leitores, mas a sabedoria da vida cotidiana.

(...) Esse é o verdadeiro mestre: o que não castiga, mas impele, o que não doutrina mas desperta a curiosidade e a acompanha, o que não impõe mas seduz, o que não quer ser modelo nem exemplo mas companheiro de jornada (...) (LYA LUFT)

Reconhecer no outro o alvo de uma estima e de um respeito social é um dos anseios de todo profissional em qualquer área de atuação, mas ainda mais entre os docentes. É nessa perspectiva que estou inserida, tendo em vista uma trajetória de vinte e um anos em sala de aula, espelhando a maioria social e a profissional. As escolhas ou não escolhas para um reconhecimento ao longo do percurso que tenho feito são movidas pelo desejo de ser uma profissional melhor em sala de aula, pelo desejo de construir, junto ao meu entorno, com todos com quem tenho contato direto, uma visão de maior estima pela profissão de professora. Sou especialmente movida pelo desejo de que a sociedade compreenda a importância de qualquer docente e não passe mais a desprezar-nos, o que irei explorar mais aprofundadamente quando for tratar sobre o papel e a importância do professor, a sua legitimidade social com a natureza singular de seu trabalho.

Parto de minha formação inicial em Letras – licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas afins. Já no início da carreira, recebi o maior prêmio de reconhecimento que contempla um jovem docente: fui homenageada pelos meus alunos do terceiro ano do Colégio Santa Dorotéia e, no ano seguinte, fui paraninfa das alunas do magistério especial (formação posterior ao Ensino Médio), o que me deixou certa de minha escolha profissional. Porém, anos depois, durante a Especialização em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa, comecei a analisar e a me questionar sobre o porquê os professores em qualquer âmbito deixavam de ter estímulo, autonomia e reconhecimento social e, em vários momentos, eram alvo de desprezo ou de pena pela sua escolha profissional. Essas reflexões iniciais foram sendo amadurecidas até eu ter certeza de que queria entender o processo que nos leva, como docentes, a essa “viela”, um caminho tão estreito e sem saída que parece nos deixar sem ferramentas para atuar de forma plena.

Assim, ingressando como aluna do Mestrado em Educação da PUCRS, vinculada à linha de pesquisa de Teorias e Culturas em Educação, tomei como objeto de

estudo empírico o reconhecimento em suas diferentes esferas, partindo de uma visão analítica e dos entrelaçamentos com a filosofia da educação, problematizando os condicionantes culturais que fundamentam a profissão. Dessa forma, para mostrar os caminhos que surgem na profissão e os desafios que nós, professores, encontramos nas relações intersubjetivas em que estamos presentes, apresentei, nesse estudo, trechos com as palavras de outros professores, vistas em textos divulgados na coluna “Palavra de professor”, encontrada no Jornal *Extra Classe*, periódico mensal de março a dezembro, publicado pelo SINPRO/RS (Sindicato dos Professores Particulares do Rio Grande do Sul), dos quais salientei os indicadores de presença ou de ausência de reconhecimento entre os docentes, reiterando o que já expus na introdução.

Por conseguinte, meu desejo era analisar como os docentes demonstram explícita ou implicitamente o sentimento de estarem desarmados de seus direitos ao respeito mútuo e à sua força social, à autoestima e à autoconfiança, que diminuem sobremaneira, enfraquecendo também a sua identidade pessoal como professores. Ademais, desejava pensar como a estrutura educacional pode ajudar ou mesmo atrapalhar o docente em seu objetivo desejado: ser reconhecido pelo seu imprescindível papel.

### 1.3 As razões para se fazer a pesquisa

*Uma parte de mim é todo mundo; outra parte é ninguém: fundo sem fundo.* Citei em meu memorial esse trecho de Ferreira Gullar em seu poema *Traduzir-se*, partindo de minha condição inicial no caminho da Educação. Ler, surpreender-me com a riqueza de detalhes da narrativa de cada ser humano, eis-me como indivíduo que, na busca do particular, ainda tento reter a riqueza moral e essencial de cada pessoa, a qual pode ser descrita a partir do literário e pode traduzir o que de imediato não pudera ser desvendado.

Numa época de grandes inquietações nacionais e mundiais como temos vivido nesses dois anos em que iniciei minha pesquisa, educar é, cada vez mais, uma tarefa a um tempo valiosa e valorosa. Então, antes de mais nada, o meu papel e o de cada professor(a) é a revelação de cada sujeito, de nossa condição humana, a fim de despertar o desejo de novos ensinamentos.

Assim, querendo auxiliar na construção de cenários melhores para o ensino no país, para os sujeitos que interagem nos diferentes espaços educativos, nutro o desejo de ainda conhecer uma perspectiva de desenvolvimento profissional, de reconhecimento e de sua conseqüente autonomia. Especialmente, fui e sou movida pelo desejo de que os estudantes com quem tenho contato compreendam a língua materna e passem a ter algum gosto pelo estudo de heranças dessa disciplina, comunicando-se bem e não enveredando por tropeços desprezados de quem é falante nativo.

Na perspectiva atual de professora do Ensino Fundamental II, tendo passado, na seqüência de minha vida docente, pelo ensino de Português para Estrangeiros, supletivos, pré-vestibular, todos os níveis do Ensino Médio, e em todos os níveis do Ensino Fundamental II, tenho o desafio permanente de conciliar e agregar ao trabalho diário as contribuições do campo da pesquisa e da formação nessas diferentes etapas. As atividades de cada um desses espaços percorridos têm naturezas distintas; portanto, exigem habilidades diferenciadas e propiciaram-me aprendizados singulares.

Consoante a esse percurso que estou trilhando, comecei a me interessar pelas implicações do tratamento social dado aos professores por parte dos sujeitos envolvidos nas escolas, a saber os próprios docentes, alguns um tanto competitivos e resistentes a uma convivência mais fraterna; os discentes, os quais interagem cotidianamente com seus mestres, porém, às vezes, sem demonstrar o respeito e o reconhecimento ao outro pelo papel que lhes cabe como mediadores de uma responsabilidade compartilhada para

a construção de qualquer conhecimento; as equipes pedagógica e administrativa, as quais lançam demandas em relação ao planejamento escolar, às avaliações e às questões burocráticas de cada instituição de ensino, sobrecarregando professores, em determinados momentos de forma quase desumana. Além desses sujeitos, interessava-me, sobremaneira, entender as concepções de aprendizagem de cada indivíduo e a visão do professor como um frequente aprendiz, o que subjaz a prática em sala de aula e que podem mobilizar, sob diferentes aspectos, as opções na condição de docente para o seu ofício.

Ademais, no interior das sociedades brota uma eficiente deturpação do senso comum, da indústria cultural, mas também da própria escola, dos demais envolvidos com o ensino, em relação ao estereótipo do professor. Assim cria-se, progressivamente, intensivamente, no dia a dia, em cada indivíduo pouco esclarecido, uma visão errônea de como são os docentes, da sua baixa remuneração, de suas precárias condições de trabalho, da proletarização de seu ofício. Por esse motivo, abracei o tema do reconhecimento por uma inquietude, um inconformismo e um desassossego com a visão cristalizada e generalizada da falta de respeito ou de *status* social menos valorizado do professor, por vezes estigmatizado, visto, genericamente, como um trabalho com algumas características imutáveis.

Dessa forma, vinculando o meu trabalho como docente ao meu objeto de estudo, escolhi como *corpus* os discursos escritos produzidos por outros docentes. Através desses, identifiquei, dentro de alguns excertos, os indicadores que me ajudaram a analisar a ausência ou a presença do reconhecimento social dos profissionais da Educação. Em meu itinerário, portanto, reitero, o quadro epistemológico para sustentar teórica e metodologicamente esta pesquisa foi a Teoria do Reconhecimento de Axel Honneth em interface com a Análise de Conteúdo (AC) de Laurence Bardin, a qual me auxiliou na análise dos textos produzidos pelos professores e divulgados pelo jornal *Extra Classe* do Sindicato dos Professores Particulares do Rio Grande do Sul (SINPRO/RS).

**PARTE II**

**PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA DE PESQUISA**

## 2.1 Etapas da artesanaria

Fazendo parte da vida escolar desde que ingressei em uma escola, como estudante, e ainda hoje como docente, há 21 anos, o que me orgulha muito, também me preocupo com os caminhos da profissão, pois, citando Fernando Savater (2012, p. 35):

Ninguém é sujeito na solidão e no isolamento, sempre se é sujeito entre outros sujeitos: o sentido da vida humana não é um monólogo, mas provém do intercâmbio de sentidos, da polifonia coral. Antes de mais nada, a educação é a revelação dos outros, da condição humana como um concerto de cumplicidades inevitáveis.

No entanto, o diálogo entre os protagonistas da educação e seus interlocutores não tem trazido tão bons resultados em todos os momentos, mas tem despertado, ao contrário, a falta de respeito e a perda de direitos de vários profissionais. Nessa narrativa, cada indivíduo carrega consigo um enredo por vezes marcado por conflitos morais, o que acarreta o sentimento de desamparo, de frustração, de desprezo, de perda da força de atuação. Assim, nesta escrita reiterativa, como professora que sou, tive como intuito investigar como se evidencia o reconhecimento ou a ausência dele, questionando sobre o seguinte problema: **Quais são as evidências da implicação das esferas de reconhecimento, no contexto intersubjetivo, através dos escritos de professores do ensino privado na coluna “Palavra de Professor” do SINPRO/RS (2006 – 2015)?**

O objeto de estudo em que me detive nesta pesquisa foi a investigação dos indicadores de presença ou de ausência de reconhecimento, analisando os discursos docentes no periódico referido. Consoante emane do rigorismo científico a interpretação possível sobre o *corpus* que delimitar, é da relação da minha prática com a reflexão que se deu esse foco investigativo, posto que me vejo inserida na sala de aula

Ademais, não é possível negar que aquilo que move as pesquisas, o que as faz progredir, são os questionamentos que surgem do sujeito interessado em entender o seu entorno, tentando melhorá-lo, e, no âmbito escolar, sobre a sua atividade. Por isso, como objetivos específicos que auxiliaram para a delimitação do tema, tentei:

- a) conhecer qual é o lugar do professor dentro dos marcos indicados nos discursos impressos na coluna “Palavra de professor”;
- b) analisar como o professor se vê e se coloca no processo de reconhecimento social.

Para identificar o potencial das palavras de cada professor, suas percepções do mundo educacional e social no qual ele se encontra, nada mais adequado do que apresentar o que já foi dito pelos docentes. Essa é a tarefa da coluna “Palavra de Professor” do jornal *Extra Classe*, publicação mensal do SINPRO/RS (Sindicato dos Professores Particulares do Rio Grande do Sul) de março a dezembro de cada ano. A partir desse periódico, extraí excertos das edições de outubro de 2006 a março de 2015 (encontrados nos anexos desta dissertação), com as quais pudesse encontrar o contexto da investigação.

O jornal foi lançado em março de 1996, com uma tiragem de 25 mil exemplares ao mês. Diferentemente do periódico, que no ano de 2016 completou duas décadas, a seção que serviu como meu *corpus* não tem a mesma idade do periódico, substituiu uma coluna chamada “Coisa de Mestre”, existente aproximadamente há uns 17 anos, conforme me foi informado pelo redator-chefe César Fraga. Após uma conversa agradável, o jornalista e ex-professor do currículo e do Ensino Médio na rede Luterana e no Estado, em que atuou com o MST, disse-me que o “Palavra de Professor” era uma coluna solitária e bem pequena. No entanto, ela ainda traz, como naquela que substituiu, uma demanda reflexiva de cada indivíduo que se utiliza do espaço para divulgar o seu discurso. Além disso, atualmente, o setor de comunicação do SINPRO/RS tem uma editoria chamada “Intervalo”, a qual é uma reelaboração do que era o “Coisa de Mestre” e que contém também a coluna “Palavra de Professor”, do ano de 2016 para 2017.

Então, os jornalistas reeditaram o espaço com a intenção de mostrar experiências extraclasse dos professores. São conhecimentos extrainstitucionais que fascinam os professores. A exemplo, César Fraga citou o trabalho de um professor de física que, para ministrar suas aulas de astrofísica, veste-se de Darth Vader, da série *Star Wars*, a fim de atingir os seus alunos; outros trabalham com a literatura fantástica, ou são cartunistas, com qualquer atividade que lhes traga lucratividade em paralelo com o que se relaciona com a vida deles em sala de aula.

Assim, a coluna é um espaço em que o professor se vê no jornal e motiva outros colegas a escreverem também. Inclusive, de uns tempos para cá, buscou-se uma interação maior dos professores na web. Com isso, a forma impressa está mais dinâmica com a edição on-line.

O redator-chefe frisou-me, em sua entrevista, que a coluna não é dedicada nem a questões totalmente editoriais, noticiosas, mas é o único ponto do jornal em que o autor

é totalmente livre para escolher a sua pauta; portanto, é um espaço em que o professor se sente sujeito. Infelizmente, o setor de comunicação não teve ainda um *feedback* para saber qual é a visão do outro professor que lê o que foi escrito na coluna, acompanhando o texto do professor para saber como a comunidade está reagindo àquele texto.

Hoje, o que os jornalistas percebem na equipe editorial, que tem ocupado muita observação na web, é que existe uma patrulha de pensamento nas redes sociais, não necessariamente professores. Essas são pessoas que vivem de “escrachar o que é de uma tendência ou de outra”, segundo palavras de César Fraga. Isso leva o setor de comunicação a sofrer muito, porque, como o jornal é mais progressista, e ainda tenta manter esse perfil, mal uma matéria é postada, já surgem discursos de ódio, de críticas. No outro extremo, existem pessoas que fazem a réplica, o que vira uma situação que polui muito a visão sobre o que é escrito, sem que os jornalistas consigam aferir quem é o leitor da Internet. Provavelmente, o leitor do jornal impresso apresenta uma outra característica, a qual será avaliada em breve em uma pesquisa do setor de comunicação, que será lançada no ano de 2017, com aproximadamente 2000 professores associados ao sindicato.

Somado a essa patrulha da web, de 2013 para cá há uma polaridade maior. A categoria dos professores não é heterogênea, por isso não é possível dizer que é um grupo de esquerda; nunca foi. Ela é essencialmente de classe média, conservadora. Em contraponto, o jornal tenta se posicionar de uma maneira jornalística, que dialogue com as diferentes posturas. No entanto, cada vez mais há um discurso de intolerância, por mais que apareçam pessoas coerentes, que conseguem entender o jogo que o jornal faz, o qual não é de “chapa branca”, mas tem uma posição, não é imparcial. Não existe imparcialidade, segundo César Fraga.

Já quem escreve para a coluna é autocentrado, escreve em primeira pessoa, pois, provavelmente, o professor que escreve tem muita dificuldade de se expor porque ele tem medo de perder o emprego. Muitas vezes, esse é o ponto. Muitas vezes, tem medo de ser visto em um jornal que é bancado pelo sindicato, mesmo sendo um jornal lido pelo padrão do docente.

O jornalista ainda acredita que existe um campo de diálogo, mas, ao mesmo tempo, nos últimos anos, o SINPRO e o SINEPE (Sindicato do Ensino Privado) passaram a ter uma relação menos diplomática. Essa patrulha ideológica também

acabou resultando em uma menor elegância nas relações institucionais do patronal. Isso acaba refletindo no professor não querer se expor.

Além disso, em termos de diagramação, a seleção dos textos envolve uma produção de no mínimo 1800 e no máximo 2200 caracteres com espaço simples, enviados à redação do jornal até o dia 15 de cada mês. No entanto, em determinados períodos, os jornalistas responsáveis precisam selecionar apenas um do conjunto de vários textos enviados e, no outro extremo, torna-se necessário encomendar uma produção de um articulista, pois alguns textos apresentam qualidade impublicável. Ou os diretores do sindicato estimulam alguns professores que queiram, que sintam vontade de escrever, mas que, às vezes, estão meio tímidos para fazê-lo. Por isso, algumas pessoas que já lançaram texto voltam à coluna.

Assim, pesquisando o jornal que disponibiliza os seus exemplares *online*, para qualquer público interessado, selecionei 29 textos, com 36 trechos, dos quais, posteriormente, cheguei aos 23 excertos que serão vistos na análise. Neles surge, de forma explícita ou implicitamente, a presença ou a ausência do reconhecimento do professor em seu meio de atuação.

Para desenvolver este estudo acerca do “reconhecimento social docente”, em termos de metodologia, é necessário que se faça uma explanação de como foi realizada essa dissertação que se encerra. Assim, busquei identificar os indicadores que contribuíssem para a presença ou a ausência do reconhecimento social do docente em escolas do ensino privado no estado do Rio Grande do Sul, a partir da coluna já apresentada ‘Palavra de Professor’, do jornal *Extra Classe*, entre os anos de 2006 – 2015. Para tanto, enquadrei os indicadores de reconhecimento e seus derivados, mapeando-os qualitativamente, inventariando-os dentro do panorama daquilo que baliza o presente estudo: a busca por reconhecimento.

Em seguida, aproximando-me da Análise de Conteúdo, mas dando um colorido próprio a esse estudo, analisei os discursos que compõem o meu *corpus*. Desse modo, pretendia salientar:

- a) quem é o sujeito em cada texto?
- b) como é produzido o sentido da presença ou da ausência de reconhecimento de cada professor que escreve?

- c) quais são as configurações desses sujeitos que se mostram ou se escondem através de um sentido deslizante entre a materialidade e a manifestação ideológica de cada um?

Para tanto, já que o método científico da Análise de Conteúdo propicia as inferências necessárias para a interpretação dos discursos selecionados no periódico escolhido, faz-se necessário apresentá-la. A própria Bardin pode esclarecer minha escolha ao corroborar que esse método é

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. Nesse conjunto, o fator comum é a inferência, a qual é uma operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras. (BARDIN, 2011, p. 15)

Além disso, é importante destacar que a inferência se realiza tendo por base indicadores de frequência; no presente estudo, esses apareceram com as esferas de reconhecimento da teoria de Honneth (2003). Ou seja, a Análise de Conteúdo permitiu-me tornar válidas inferências sobre dados de um determinado contexto, por meio de procedimentos científicos. Em comum, as narrativas feitas pelos docentes na coluna do jornal *Extra Classe* ressaltaram esse processo.

Contextualizando a metodologia escolhida, historicamente, a Análise de Conteúdo, a qual tratarei como AC de agora em diante, surgiu em um contexto behaviorista das ciências humanas e por interesse dos governos em adivinhar as orientações políticas e estratégias dos países estrangeiros, com a ajuda de documentos acessíveis da imprensa. Os Estados Unidos a propagaram, durante a Primeira Guerra Mundial, dentro do campo jornalístico na Universidade de Colúmbia.

Dentre os nomes que ilustram a história do desenvolvimento dessa técnica destacam-se Lasswell (1952), que fazia análise de material de imprensa e de propaganda desde 1915. Sua obra principal, *Propaganda Technique in the World War* foi publicada em 1927. O trabalho de Lasswell teve como contexto um momento histórico de fascínio pelo rigor matemático como medida e como parâmetro científico. Dessa forma, a AC, em sua origem, é criação da pretensa objetividade que os dados oferecem.

A partir da década de 1940, os departamentos de Ciências Políticas das universidades americanas tornaram-se o *locus* de desenvolvimento das técnicas de AC, tendo como material privilegiado as comunicações provenientes da Segunda Guerra

Mundial. Os investigadores visavam, dentre outros objetivos, desmascarar os jornais e periódicos suspeitos de propaganda considerada subversiva ou de caráter nazista.

Por outro lado, Lasswell continuava seus trabalhos sobre análise de símbolos. A ele juntaram-se estudiosos das mais diferentes áreas: sociólogos, psicólogos, cientistas políticos. Os marcos distintivos da técnica desenvolvida nessa época foram as análises estatísticas de valores, fins, normas, objetivos e símbolos. A preocupação da objetividade e da sistematicidade solidificou-se, tendo como foco o rigor quantitativo, para se contrapor ao que os cientistas denominavam “apreensão impressionista”, numa crítica permanente às escolas etnometodológicas e interacionistas.

A partir dos anos 1950, e sobretudo na década de 1960, a questão da AC ressurgiu, desta vez dentro de um debate mais aberto e diversificado. Assim, os pesquisadores que buscam ultrapassar o caráter meramente descritivo da mensagem, tentam atingir, mediante a inferência, uma interpretação mais profunda, ultrapassando o nível do senso comum e do subjetivismo e alcançando uma vigilância crítica ante a comunicação de documentos, textos jornalísticos ou resultados de observação.

Do ponto de vista operacional, a AC parte de uma leitura de primeiro plano das falas, depoimentos ou documentos, para atingir um nível mais profundo, ultrapassando os sentidos manifestos do material. Para isso, geralmente, todos os procedimentos levam a relacionar estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados e a articular a superfície dos enunciados dos textos com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural e processo de produção da mensagem. Esse conjunto de movimentos analíticos visa a dar consistência interna às operações.

### Esquema 1 - Etapas da Análise de Conteúdo



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2017)

O analista trabalha na primeira etapa, a descrição, enumerando as características do texto, resumida após tratamento, o que fiz com a coleta dos textos da coluna “Palavra de Professor” do jornal *Extra Classe*. Na segunda etapa, há a inferência como procedimento intermediário, a qual vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma descrição e de uma interpretação, o que consegui através da polissemia dos termos que remetem ao reconhecimento ou aos seus derivados. Na última, a interpretação, é a significação concedida às características dadas ao texto na primeira etapa, o que aparecerá através dos efeitos de sentido que me levaram à presença ou à ausência do reconhecimento social docente.

Ademais, o aspecto inferencial da análise de conteúdo, acrescido das outras etapas necessárias, fundamentam a unidade dos dados e pode responder a dois tipos de problemas:

- a) o que levou a determinado enunciado? (diz respeito às causas ou antecedentes da mensagem);
- b) quais as consequências que determinado enunciado vai provavelmente provocar em seu leitor? (trazem os possíveis efeitos das mensagens).

Assim, ao longo da análise tive acesso a:

### **Esquema 2 - Princípios da Análise de Conteúdo**



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2017)

Para chegar à AC, foi necessário passar por três diferentes etapas, as quais envolveram uma pré-análise dos dados, a exploração dos materiais e o tratamento dos dados obtidos para a sua interpretação. Sendo assim, torna-se útil identificar cada uma dessas fases.

#### 1º Etapa: Pré-análise

Esta etapa consistiu na escolha dos excertos a serem analisados e na retomada das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa. Com ela, como pesquisadora, perguntei-me sobre as relações entre as fases realizadas, elaborando alguns indicadores que me orientassem na compreensão do material e na interpretação final. A pré-análise pôde ser decomposta nas seguintes tarefas:

- a) leitura flutuante do conjunto das comunicações - este momento requeria que eu tomasse contato direto e intenso com o material do *corpus*, deixando-me impregnada pelo conteúdo. Para mim, essa etapa demandou a leitura dos jornais *Extra Classe* de março de 2006 a dezembro de 2015;
- b) constituição do *corpus* - termo que diz respeito ao universo estudado em sua totalidade, o qual deveria responder a algumas normas de validade qualitativa: exaustividade – que o material contemplasse todos os aspectos levantados no problema de pesquisa, além de demonstrar representatividade – que ele contivesse as características essências do universo pretendido; somado a isso, também, a homogeneidade – para que os dados obedecessem a critérios precisos de escolha quanto ao tema tratado e à pertinência desse *corpus* para dar resposta aos objetivos do trabalho. Para essa pesquisa, foquei nos indicadores de presença ou de ausência de reconhecimento, com os derivados do termo ao longo dos textos lidos;
- c) formulação e reformulação de hipóteses e objetivos – processo que consiste na retomada da etapa exploratória, tendo como parâmetro a leitura exaustiva do material para responder as indagações iniciais. Nessa fase, determinei a unidade de registro (palavra-chave ou frase envolvendo o reconhecimento docente ou seus derivados), a unidade de contexto (a delimitação do contexto de compreensão da unidade de registro), os recortes e a forma de categorização que orientaram a análise.

## 2ª Etapa: Exploração do material

A exploração do material consiste essencialmente em uma operação classificatória que visa alcançar o núcleo de compreensão do texto. Para isso, como investigadora busquei encontrar categorias que são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de um excerto será organizado. A categorização consistiu em um processo de redução do texto às palavras e expressões significativas, as quais me levaram aos elementos inerentes que tomei como categorias *a posteriori*.

## 3ª Etapa: Tratamento dos resultados obtidos e interpretação

Os resultados brutos são submetidos (tradicionalmente) a análises que permitem colocar em relevo as informações obtidas, em um conjunto de relevâncias ou de saliências sobre o assunto em foco. A partir daí, propus inferências e realizei interpretações na artesanaria de meu material, inter-relacionando-os com o quadro teórico desenhado inicialmente, abrindo outras pistas em torno de novas dimensões teóricas e interpretativas, sugeridas pela leitura do material.

O conjunto de etapas acima referidos, porém, merece um esforço sintético que articule os componentes em uma sequência que clareie a percepção por trás da multiplicidade dos discursos e das perspectivas. Sendo assim, a AC, da qual me utilizei, deu-me a conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais estive debruçada.

## 2.2 Reconhecimento: presença ou ausência

### Situando o contexto e as escolhas dos indicadores

Para dar continuidade a esse capítulo, apresento 23 trechos das ocorrências relacionadas ao termo **reconhecimento** na coluna ‘Palavra de Professor’ que foram analisadas, os quais compuseram a análise dos dados da presente pesquisa. Cada um deles foi selecionado após eu ter feito o mapeamento de todos os jornais produzidos desde janeiro de 2006 (mês de edição atípico, pois posteriormente passou a ser editado de março a dezembro de cada ano) até dezembro de 2015, os quais trouxeram os textos de professores da rede privada, majoritariamente, e uma docente da rede pública de ensino do estado do Rio Grande do Sul.

Em relação ao número de edições, selecionei 29, das quais fui filtrando os trechos em que surgissem ocorrências de indicadores sobre o reconhecimento ou a ausência dele, de forma explícita ou implícita. Alguns jornais, tendo em vista os lidos de 2014, não me ofereceram nenhum indicador a respeito de meu objeto de pesquisa; por isso, não foram citados em minha seleção. De outra forma, em alguns periódicos do *Extra Classe*, pude escolher uma (ano de 2006) ou até cinco ocorrências de indicadores (ano de 2008) que puderam servir para a prática do exercício de Análise de Conteúdo que será exposta mais adiante.

### Quadro 1 – Reconhecimento no *corpus* (Coluna “Palavra de Professor”)

Categoria		Corpus (Palavra de Professor)	
Reconhecimento		Mês	Ano
	Presença/Afirmação		
1.	<i>A profissão de professor é conhecida há muito tempo (...) é uma profissão imprescindível</i>	out	2006
2.		ago	2007
3.		jun	2007

		<i>ensino de idiomas.</i>		
4.	<i>(...) ser professor era uma possibilidade de realização sob todos os aspectos, além do status de uma bela profissão.</i>		abr	2008
5.	<i>Ser professor ou filho de professor conferia sentimentos de dignidade e de respeito.</i>		abr	2008
6.		<i>O trabalho foi se aviltando e os trabalhadores da Educação mergulhando em sentimentos de baixa auto-estima e de uma auto-imagem desprezível.</i>	abr	2008
7.	<i>Professores são, sim, necessários para a formação dos valores, da ética, da solidariedade e do respeito, da sensibilidade e da dignidade.</i>		out	2008
8.	<i>Nosso interesse é também sensibilizar a comunidade e os governos para desenvolver políticas públicas que atendam o professor, seu importante trabalho e sua saúde.</i>		dez	2008
9.	<i>(...) não discutimos suficientemente sobre a atuação do professor e sobre sua responsabilidade na formação de crianças e adolescentes.</i>		abr	2009
10.		<i>Houve um tempo em que a voz do professor era respeitada e que os pais não questionavam tal autoridade; além disso, nesta época também a escola defendia o seu corpo docente.</i>	mai	2009
11.		<i>Atividades marcadas pelo desrespeito através de tratamentos truculentos, humilhação, assédio moral e, finalmente, o atraso no pagamento de salários. Essa trajetória intensificou-se nesse período, porém, sempre existiu na relação da Ulbra com os seus trabalhadores.</i>	jun	2009

12.	<i>O que tenho na memória são estes fatos: excelentes aulas realizadas por excelentes professores. Para mim, a docência é isto, uma troca onde recolhemos o que de bom nossos professores compartilham ao ensinar.</i>		jul	2009
13.	<i>O professor é a autoridade da sala de aula e, portanto, deve ser respeitado.</i>		nov	2009
14.		<i>Os professores se sentem impotentes e angustiados frente à desautorização e tomam atitudes diversas: uns ficam apáticos, outros somatizam a frustração, ficando doentes, e outros lutam para procurar um novo caminho.</i>	abr	2010
15.	<i>(...) o papel do professor é primordial na formação do indivíduo e, por consequência, da sociedade.</i>		jun	2010
16.	<i>São pessoas especiais, cujas ações, conhecimento, experiência, caráter ou competência servem de modelo (ou de espelho) para a atuação futura da maioria de seus alunos.</i>		jun	2010
17.		<i>Realmente, uma boa aula depende principalmente da formação do professor, mas também da continuação de seus estudos. (...) Então, é preciso dinheiro para comprar os livros necessários e tempo para estudá-los.</i>	dez	2010
18.		<i>Urge transformar a docência em carreira de Estado, onde o professor seja efetivamente a autoridade humana e acadêmica por excelência. Nesta perspectiva, apesar do tema estar na agenda, a valorização dos professores e o financiamento da Educação precisam ultrapassar a barreira das promessas, de</i>	mar	2011

		<i>projetos e metas – a perder de vista –, para serem uma realidade imediata e viva.</i>		
19.		<i>(...) o papel do professor tornou-se muito mais complexo do que no passado recente.</i>	dez	2011
20.	<i>O professor é um dos protagonistas do processo de ensino e aprendizagem, o outro é o aluno.</i>		mar	2012
21.		<i>Em síntese, na atualidade, parece estar se consolidando entre os docentes a percepção de uma cultura de descartabilidade dentro do segmento educacional, e que este descarte pode ocorrer a qualquer momento.</i>	abr	2013
22.		<i>Que professor sou ou serei importa muito para mim e para muitos professores. Importa, especialmente, não ser um professor papel em branco, pois, assim como os estudantes com os quais trocamos experiências e saberes vida a fora, também temos leitura social extraclasse. (...) Também somos humanos e rimos, choramos, amamos... Também rasgamos quando não cuidados e não valorizados.</i>	nov	2013
23.		<i>Para nós representa uma contradição que professores que devem tomar para si a tarefa de formar gerações e de educar crianças e jovens tenham condições de trabalho penosas e, além disso, formação de qualidade prejudicada.</i>	mar	2015

### 2.3 Olhares sobre o reconhecimento

O objetivo desta seção é apresentar um estado de conhecimento orientado e atualizado até outubro de 2017, a fim de identificar as principais produções sobre o reconhecimento social e seus derivados. A referência que encontrei através da produção discente de teses e dissertações em relação ao reconhecimento social docente apresenta um número reduzido de pesquisas acadêmicas acerca das diversas tendências temáticas e teórico-metodológicas de estudos que abordem as relações entre o termo reconhecimento e a área da Educação.

Desse modo, tornaram-se necessárias buscas exploratórias sobre o que já fora produzido sobre o assunto e, a partir dessa pesquisa minuciosa, adotei um método de organização, de realização e de tratamento das leituras que foram utilizadas. Assim, estas surgiram através de produções científicas consultadas nas universidades do estado PUCRS, Lume - UFRGS, UCS, UFSM, UPF, banco de teses da CAPES, da BDTD – IBITC (Biblioteca de Teses e Dissertações – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) e artigos, disponibilizados no *Scielo* e no Google Acadêmico.

Por conseguinte, verificando o cenário nacional e regional das pesquisas, utilizei como termos “reconhecimento”, “educação”, “docentes”, “trabalho”, “sociedade”, os quais nortearam a busca dos dados. Baseada nesses critérios, cheguei a vinte dissertações, nove teses e cinco artigos, os quais me permitiram ver o tema reconhecimento específica ou tangencialmente tratado em diferentes áreas do conhecimento.

Dessa forma, indico abaixo as pesquisas que se articulam com essa dissertação, cada uma com sua particularidade sobre o reconhecimento de profissionais, alguns na docência outros não. Cada uma veio dar-me auxílio para entender o termo “reconhecimento” e a polissemia desse vocábulo, conforme o escopo em que se encontrava.

#### Quadro 2 - Bibliografia categorizada

Autor(a)	Título	Orientador(a)	Ano	Universidade/ Revista
1. Brum, Amanda Netto	O reconhecimento para além do reconhecimento: a (re)significação do conceito	Gautério, Maria de Fátima Prado	2016	UFRGS – dissertação em Direito e

	de reconhecimento do direito às sexualidades nas decisões do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul			Justiça Social
2. Hupfer, Celson Luiz	Liderança e luta por reconhecimento – trocas da relação eu – outro	Malvezzi, Sigmar	2016	USP – tese em Psicologia Social
3. Machado, Arminda Rosa Rodrigues da Matta	Reconhecimento e reificação: um estudo segundo o pensamento de Axel Honneth	Cardoso, Delmar Araujo	2016	Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – dissertação em Filosofia
2 Gomes, Valesca dos Santos	Reconhecimento social e permanência na EJA	Hermann, Nadja Mara Amilibia	2015	PUCRS – dissertação
3 Araujo, Fernando Marcial Ricci	Entre moral e reconhecimento: um estudo sobre o trabalho docente e suas críticas na modernização universitária	Rosenfield, Cinara Lerrer	2015	UFRGS – dissertação em Sociologia
4 Luiz, Ercilia Maria de Moura Garcia	Autorreificação da imagem e reconhecimento docente	Trevisan, Amarildo Luiz	2015	UFES – tese em Educação
5 Cesco, Marcelo Lucas	Reconhecimento em Axel Honneth	Nodari, Paulo César	2015	UCS – dissertação
6 Caux, Luiz Philipe Rolla de	Reconstrução e crítica em Axel Honneth	Silva, Eduardo Soares Neves	2015	UFMG – dissertação em Educação
7 Camati, Odair	Autenticidade e reconhecimento em Charles Taylor	Nodari, Paulo César	2014	UCS – dissertação
8 Guimarães, Cesar	Experiências emocionais da recusa ao reconhecimento	Malvezzi, Sigmar	2014	USP – tese em Psicologia

	Martins	intersubjetivo no trabalho			Social
9	Filgueiras, Elisa Maria Macas Fernandes de Castro	O reconhecimento social dos educadores do Ensino Superior à distância: possibilidades, dificuldades e dilemas	Santos, Monica Pereira dos	2014	UFRJ – tese em Educação
10	Moura, Rosana Silva de.	A experiência do ‘tempo do agora’, educação e reconhecimento social	Hermann, Nadja Mara Amilibia	2013	PUCRS – tese
11	Fagundes, André Luiz de Oliveira	A onipresença das competências na formação docente: um estudo no horizonte da reificação e do reconhecimento	Trevisan, Amarildo Luiz	2013	UFSM – dissertação em Educação
14.	Rosa, Regina Goulart da.	Transicionalidade e reconhecimento amoroso: implicações educacionais extraídas da aproximação entre Winnicott e Honneth	Cenci, Angelo Vitório	2013	UPF – dissertação
15.	Silva, Viviane Bastos E.	Direito dos outros: reconhecimento e luta	Plastino, Carlos Alberto	2013	PUCRJ – dissertação em Direito
16.	Moreira, Verônica Martins; Jesus, Fernanda Alves de; Pinheiro, Veralúcia	A valorização do professor: o desafio do reconhecimento	-	2013	Artigo – Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer – Goiânia, v. 9, n. 16
17.	Gonçalves, Tania	Autoridade docente: pensamento, responsabilidade e reconhecimento	Gottschalk, Cristiane Maria Cornelia	2012	USP – tese em Educação
18.	Arend,	A Teoria Social do	Trevisan,	2012	UFSM –

Carline Schroder	Reconhecimento como fenômeno pedagógico: a relação teórica e prática	Amarildo Luiz		dissertação (Banco de Teses da CAPES)
19. Dietzold, Marcel Schneider	Teoria do Reconhecimento – a proposta Hegeliana para uma ética social	Pinzani, Alessandro	2012	UFSC – dissertação em Filosofia
20. Faria, Bruno de Almeida	As relações de reconhecimento social na cultura escolar: um caminho para a compreensão da construção das identidades docentes	Bracht, Valter	2012	UFES – dissertação em Educação Física
21. Costa, Jean Carlo de Carvalho; Espíndola, Maíra Lewtchuk	Teoria crítica, reconhecimento social e política educacional: uma análise do discurso do Programa Nacional de Inclusão de Jovens	-	2012	Artigo – Revista Educação, 2012, Vol. 35(1)
22. Gatti, Bernardete A.	Reconhecimento social e as políticas de carreira docente na Educação Básica	-	2012	Artigo – Cadernos de Pesquisa, 2012, vol. 42, n.145
23. Flor, Denanci Lopes	Ética para além da moral: os apelos para o reconhecimento na escola	Sobreira, Henrique Garcia	2011	UFRJ – dissertação (BDTD – IBICT)
24. Lara, Andréa Paula dos Santos	Trabalho e luta por reconhecimento: a identidade do trabalhador com deficiência	Ciampa, Antonio da Costa	2011	PUCSP – dissertação em Psicologia Social
25. Silva, Maria Alice Moreira	A questão do reconhecimento na construção da identidade docente à luz de Charles	Araujo, Paulo Roberto Monteiro de	2011	Universidade Presbiteriana Mackenzie –

	Taylor			dissertação em Educação, Arte e História da Cultura
26. Souza, Luiz Aparecido Alves de	Desvalorização social da profissão docente no cotidiano da escola pública no discurso do professor	-	2011	Artigo – X Congresso Nacional de Educação – Educere – PUCPR/ Curitiba – nov 2011
27. Braga, Mariana Moron Saes	Reconhecimento social e autonomia intersubjetiva: uma análise da eficácia da legislação que garante a inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho	Schumacher, Aluísio Almeida	2010	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Marília – tese em Ciências Sociais
28. Trevisan, Amarildo Luiz; Rossato, Noeli Dutra	Reificação e reconhecimento: reflexões para a pesquisa em Educação	-	2010	Artigo – Revista Linhas Críticas, 2010, Vol. 16(31)
29. Xavier, Alessandra de Muros	Serviço social e Educação: análise do reconhecimento social e das experiências profissionais construídas nos diversos campos da política educacional	Silveira, Maria Lídia Souza da	2008	UFRJ – dissertação em Serviço Social
30. Moura, Rosana Silva de.	A experiência do tempo do agora, educação e reconhecimento social	Hermann, Nadja Mara Amilibia	2007	UFRGS – tese em Educação
31 Vidor, Vinícius Costa	Pessoa, amizade e reconhecimento:	Barzotto, Luis Fernando	2006	UFRGS - dissertação

	pressupostos éticos do conceito de justiça na tradição clássica			
32. Leite, Rodrigo Gomes	Teoria do Reconhecimento: a crítica universalista ao argumento multiculturalista	Melo, Marcus André Barreto Campelo	2006	UFPE – dissertação em Ciência Política
33. Mayer, Ricardo	Hierarquia, igualdade e diferença: lutas por reconhecimento no Sul do Brasil	Rojo, Raúl Enrique	2005	UFRGS – tese em Sociologia
34. Neves, Raphael Cezar da Silva	Reconhecimento, multiculturalismo e direitos – contribuições do debate feminista a uma Teoria Crítica da sociedade	Cohn, Gabriel	2005	USP – dissertação em Ciência Política

Dos trinta e quatro trabalhos voltados ao reconhecimento, mostrados no quadro 2, estão sistematizados os enfoques de cada um, o autor, o nome da obra, o(a) orientador(a) do trabalho, o ano e a instituição a que estava vinculado o pesquisador. De maneira geral, esses trabalhos estão voltados principalmente à discussão sobre o reconhecimento em vários âmbitos e estão articulados ao debate de alguma problemática específica delineada em cada título. Chama a atenção o fato de que, nesse conjunto encontrado, dezoito estão vinculados à Educação, três ao Direito, três à Psicologia, quatro à Filosofia, um à Educação Física, um às Ciências Sociais, um ao Serviço Social e dois às Ciências Políticas, demonstrando os vários interesses de investigação frente ao tema em pauta.

Em um primeiro grupo, voltado à Educação, nove desses trabalhos envolvem a docência, em que a análise dessa primeira categoria me permite destacar algumas características principais, comuns a praticamente todos esses estudos. A maioria contém relatos de experiências que descrevem diferentes atividades desenvolvidas na escola e constroem suas reflexões com esse escopo. No entanto, as situações variam. Alguns tratam de experiências institucionais de um ou mais níveis de ensino, como é o caso de ARAUJO (2015), LUIZ (2015), FAGUNDES (2013) GONÇALVES (2013),

FILGUEIRAS (2014) e SILVA (2011) que tratam sobre o ensino superior, bem como MOURA (2013), ROSA (2013), MOREIRA (2013), GONÇALVES (2012), AREND (2012), GATTI (2012), FLOR (2011) e SOUZA (2011) que tratam sobre o ensino básico, seu cotidiano e, especialmente o último, traz o discurso do professor da escola pública, o que veio auxiliar como uma visão da área pública. Os outros nove trabalhos da área da Educação tratam sobre os discentes, em que o professor é o mediador para o reconhecimento da inclusão e do direito dos indivíduos que são excluídos socialmente, a exemplo das pesquisas envolvendo o EJA (Educação de Jovens e Adultos) de GOMES (2015) e COSTA (2012); ou ainda, trazem a compreensão das identidades docentes entre os profissionais da Educação Física, com FARIA (2012). Os demais envolvem o reconhecimento social nas relações em que se encontram alguma deficiência intersubjetiva, com a perda de direitos, da autoimagem dos sujeitos envolvidos, com suas experiências emocionais negativas advindas de uma falta de respeito. Essas ocasionam perdas na constituição de cada indivíduo, o que foi vislumbrado também em minha pesquisa sobre o reconhecimento social docente.

Em um segundo grupo, selecionei trabalhos cuja temática perpassa desde o reconhecimento jurídico frente às questões de gênero, o que se encontra em BRUM (2016), a luta por reconhecimento em SILVA (2013) ou os pressupostos éticos para o reconhecimento nas relações intersubjetivas de amizade em VIDOR (2006); enfoques psicossociais envolvendo questões profissionais, como HUPFER (2016), GUIMARÃES (2014); filosóficos, a exemplo de MACHADO (2016), CESCO (2015), CAMATI (2014), DIETZOLD (2012); das Ciências Sociais, com BRAGA (2010), através da legislação que garante a inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho; do Serviço Social, com XAVIER (2008), com a análise do reconhecimento social e das experiências profissionais construídas nos diversos campos da política educacional; e da Ciência Política, com LEITE (2006) que trata sobre a Teoria do Reconhecimento, bem como com NEVES (2005) que traz um debate feminista acerca da Teoria Crítica e do reconhecimento.

Por conseguinte, o estado de conhecimento com a busca da literatura já produzida sobre o tema propiciou-me as dimensões de abrangência sobre o que fora escolhido para pesquisar, as quais me levaram a perceber, em um primeiro momento, reitero, a escassa produção sobre o foco de minha proposição. Em um segundo momento, apontaram as lacunas a respeito do assunto e articularam as variáveis

relevantes a outras áreas de conhecimento. Essas constatações me permitiram pensar que ainda há pouca ênfase da pesquisa educacional voltada ao reconhecimento social docente, quanto aos seus impactos no que se refere às práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores ao se depararem com a ausência de reconhecimento e de respeito na escola. O artigo de SOUZA (2011) corrobora para mostrar essa tendência no cotidiano da escola pública. O estudo do autor buscou identificar semelhanças nos aspectos abordados e nos resultados preliminares encontrados.

Quanto ao referencial teórico utilizado pelos pesquisadores, doze deles apropriaram-se da Teoria do Reconhecimento de Axel Honneth para trabalharem seus dados *a priori*, utilizando uma ou todas as esferas de reconhecimento propostas pelo filósofo. Uma pesquisadora, ROSA (2013), fez uma aproximação entre o filósofo alemão e o psicanalista inglês Donald Woods Winnicott, buscando entender a base nas relações familiares entre a criança e o ambiente em que ela está inserida, somando à esfera do amor de Honneth. DIETZOLD (2012) buscou a proposta hegeliana, da qual Honneth parte para a sua Teoria do Reconhecimento. E CAMATI (2014) trouxe Charles Taylor, representativo pelo seu pensamento sobre a Ética, o que o pesquisador coloca voltado ao reconhecimento social.

De fato, são inúmeros os aspectos que evidenciam contribuições para o desenvolvimento pessoal e profissional das pessoas envolvidas nos diferentes âmbitos em que se busca reconhecimento. No entanto, a articulação dialógica e sistêmica dos diferentes aspectos envolvidos com a docência nas escolas particulares, ainda é uma perspectiva não enfocada. Portanto, merece a atenção dos pesquisadores em geral.

## 2.4 Referencial teórico

Para constituir os referentes teóricos dessa investigação, entendi que era preciso articular olhares e perspectivas sobre o reconhecimento, pois se trata de um assunto em que se entrecruzam diferentes saberes. Tomei, desse modo, as principais abordagens sobre o tema. Dentre outros pensadores, evidenciei Axel Honneth e os principais comentadores de sua teoria no sul do Brasil, Claudio Almir Dalbosco, Hans-George Flickinger, Cinara Rosenfield e Giovani Agostini Saavedra, os quais têm dialogado com o pensamento de Honneth e já traçaram importantes estudos sobre o tema de minha investigação, além de Clede Casagrande, com seu trabalho sobre George H. Mead, filósofo norte-americano que Honneth abordou em sua teoria.

Com base nessa primeira percepção sobre o que já foi produzido por outros pesquisadores, saliento como base da pesquisa a perspectiva da teoria do reconhecimento de Axel Honneth, tendo em vista as esferas que o pensador propõe para a formação da identidade pessoal de cada indivíduo. Somado a isso, mostro que essa teoria fornece categorias embasadoras para me ajudar a fazer uma análise das questões sociais desafiantes do momento, ligadas à fragmentação social, à questão do poder, às condições de realização da liberdade e da autonomia, as quais podem ser desdobradas em uma busca pelo reconhecimento dos professores na sociedade, meu tema para a análise.

Inicialmente, é importante contextualizar a partir de qual realidade o filósofo alemão iniciou seus estudos para propor sua teoria. Após ter identificado fragilidades sociológicas e motivacionais na Teoria Crítica moldada na Escola de Frankfurt, ao resgatar os filósofos que o antecederam, Honneth abre espaço para a elaboração de uma lógica moral dos conflitos sociais, em que o conflito é estruturante da intersubjetividade, evidenciando as configurações sociais e institucionais para, a partir daí, buscar os sintomas implicados em suas relações. A base da interação é, portanto, o conflito, sendo demarcada, por conseguinte, por uma estrutura relacional com contornos teóricos hegelianos.

Esta ideia foi desenvolvida por ele ao longo de seis anos e deu origem, em 1992, à sua obra *Luta por Reconhecimento [Kampf und Anerkennung]*, resultado de sua tese de livre-docência, sob a orientação de Jürgen Habermas. Nela, o pensador apresenta o delineamento de seu próprio projeto de avanço diante dos problemas levantados em *Crítica do Poder: estágios de reflexão de uma teoria social crítica* (1997). Mais do que

isso, ele se propõe, nessa obra, a fornecer uma gramática moral para a compreensão da lógica social.

O livro *Luta por Reconhecimento* foi traduzido em 2003 para o português. Nele, o pensador afirma, logo no primeiro parágrafo de seu prefácio, que a retomada dos escritos hegelianos deve ser entendida como uma tentativa de levar adiante os objetivos esboçados em sua obra anterior, *Crítica do Poder*, ressaltando que

O propósito dessa iniciativa surgiu dos resultados a que me levaram meus estudos em *Crítica do Poder*: quem procura integrar os avanços da teoria social representados pelos escritos históricos de Michel Foucault no quadro de uma teoria de comunicação se vê dependente do conceito de uma luta moralmente motivada, para o qual os escritos hegelianos do período de Jena continuam a oferecer, com sua ideia de uma ampla “luta por reconhecimento”, o maior potencial de inspiração. (HONNETH, 2003, p.23)

Nesse trecho, o pensador já afirma que não se valerá diretamente das obras de Foucault ou de Hegel, mas os retomou para explicitar quais são as tarefas que um teórico crítico tem de enfrentar. Assim, Honneth encontra o contorno teórico da sua proposta na filosofia de Hegel, cuja elaboração do conceito de reconhecimento será visto como uma chave para a compreensão dos conflitos sociais no período de Jena<sup>1</sup>.

Por conseguinte, o filósofo visa extrair do pensamento hegeliano as intuições de uma teoria do reconhecimento, complementando a teoria habermasiana da intersubjetividade comunicativa com a luta e o conflito social. Para ele, a base da interação é o conflito, o que se estende para as divergências intersubjetivas e interculturais, as quais residem na ausência ou insuficiência de relações de reconhecimento recíproco. Portanto, o filósofo entende que a expectativa de reconhecimento envolve uma série de elementos morais e éticos que não foram levados em conta por Habermas.

Honneth procura, então, em uma primeira fase do desenvolvimento de sua teoria, a partir das ideias de Mead e do jovem Hegel, delimitar o pano de fundo teórico

---

<sup>1</sup> Honneth procurou realizar seu modelo de luta por reconhecimento reconstruindo os escritos do jovem Hegel no período de Jena. Esses textos possuem para o pensador um grande potencial de inspiração, pois é neles que Hegel recusa o paradigma instrumental de ação mobilizado por Hobbes e Maquiavel e desenvolve uma teoria em que a luta, ressaltada por eles como motor do desenvolvimento social, permanece central, mas é entendida como uma luta por reconhecimento. Ademais, é importante salientar que surgiram duas etapas da obra de Honneth, a primeira com a retomada de Habermas e Foucault, e a segunda com Hegel e Mead, as quais são vistas como momentos construtivos da Teoria do Reconhecimento do filósofo.

sobre o qual ele desenvolve sua própria teoria crítica da sociedade. Esses autores que ele buscou identificam uma ligação entre autorrelacionamento e reprodução da vida social, que está vinculada estruturalmente com as relações de reconhecimento.

No entanto, de acordo com o filósofo, a teoria hegeliana é abstrata demais para seus propósitos. Então, para dar um tom empírico a sua teoria, ele retoma a psicologia social desenvolvida por George Herbert Mead, por meio da qual procura conferir maior plausibilidade a seu modelo teórico. Para o seu projeto de reatualização de Hegel, a proposta de Honneth consiste em encontrar no jovem Hegel um padrão relacional para a constituição de uma teoria social, mediante um diálogo com as ciências empíricas.

Por conseguinte, para entender melhor o filósofo norte-americano, busquei o trabalho de CASAGRANDE (2014, p. 22), onde encontrei a ideia de que George Herbert Mead acreditava que todos os organismos vivos são sociais por natureza e, ao mesmo tempo, são dependentes da vida social. Da mesma forma ocorre com o ser humano, que necessita de uma vida social para nascer, crescer, subsistir e se desenvolver. Ademais, para Mead, há um princípio da indissociabilidade entre sujeito e sociedade, o qual implica no reconhecimento do caráter intersubjetivo da vida humana. Assim, as ideias desse pensador irão se somar aos estudos de Honneth em função do argumento central dele: a interação social não é constituída a partir de autoconsciências individuais, mas pode ser pensada como uma matriz de ação cooperativa ou coordenada, com a qual a consciência reflexiva da sociedade emerge.

Em sua teoria psicossocial, Mead centra-se no reconhecimento de que cada indivíduo está inscrito em uma matriz intersubjetiva, em uma rede de relações e de interações. Dessa forma, é possível encontrar a consciência e a identidade de cada sujeito, produtos ou efeitos da interação social, que dependem diretamente de relações recíprocas de reconhecimento. A prática educativa é capaz de proporcionar essa interação, em um contexto que possibilita que se estabeleçam relações recíprocas que garantam o reconhecimento social necessário para cada indivíduo.

No entanto, o reconhecimento depende de determinadas características que devem ser promovidas, como no processo educativo. Se o desenvolvimento não se der de maneira participativa, no qual os membros façam parte e compreendam as motivações, intenções e necessidades de cada um dos atores educativos, o resultado social da ação pedagógica escolar ficará prejudicado, trazendo como resultado o não

reconhecimento do indivíduo durante a vida no meio escolar, do grupo ao qual faria parte.

Outra possibilidade de fator propulsor da ausência do reconhecimento no processo educativo está na formação dos professores. Novos professores, egressos de cursos de licenciaturas atuais, divulgam que sua formação apenas lhes possibilitou o domínio e a transmissão de conteúdos, mas deixou a desejar a diversidade cultural como novos docentes, cortando os vínculos que podem levar ao reconhecimento social. Dessa forma, a formação das licenciaturas deixa transparecer que a ação pedagógica depende apenas das diretrizes curriculares que estão definidas nos documentos oficiais, o que surge na contramão, também, do Plano Político Pedagógico (PPP) de cada escola que visa “à formação de um sujeito crítico e autônomo”, o que se torna visível com docentes que apresentem essas características. Infelizmente, não se destina atenção para as discussões que vão contribuir para a identificação do professor como membro do processo educativo, nem se problematiza onde, quando e como utilizar as convicções pessoais, enriquecendo e pessoalizando o processo do trabalho educativo, fortalecendo o contexto social da sala de aula. Enquanto processo dinâmico, essa inserção dos professores poderia promover a conquista de seu reconhecimento como agentes integrados à escola e, conseqüentemente, promoveriam também sua autoestima.

Voltando a encadear ao suporte teórico, é importante salientar que da forma como é concebida por Honneth, a sua teoria social de caráter normativo parte da proposição de que o conflito é intrínseco tanto à formação da intersubjetividade como dos próprios sujeitos em sua subjetividade. Assim, para fazer o entrelaçamento com o âmbito escolar, é necessário resgatar como o filósofo apresenta a constituição de uma estrutura tripartite das relações de reconhecimento, começando pela esfera afetiva do amor, depois pelo direito e pela estima social, chegando ao reconhecimento social, foco do presente estudo sobre os sujeitos envolvidos com a docência. É indispensável, portanto, que se compreenda como essas três esferas são compostas e como podem ser correlatas nos contextos em que surgem.

### Esquema 3 – Esferas de Reconhecimento



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2016)

Honneth determina que o reconhecimento amoroso é o primeiro que se estabelece em qualquer contexto intersubjetivo. Com ele, os sujeitos reconhecem e confirmam suas carências e atualizam o vínculo de dependência ou de autonomia do sujeito em si mesmo e no mundo. Essa experiência é, pois, capaz de estabelecer uma autorrelação entre sujeitos, resultando no desenvolvimento da autoconfiança deles, o que precede todas as formas de reconhecimento.

Por meio do direito, Honneth estabelece o reconhecimento jurídico, no qual os sujeitos reconhecem-se reciprocamente como indivíduos dotados de igualdade. Com essa segunda esfera, o autorrespeito é a possibilidade de referência positiva a si mesmo, em um contexto subjetivo, quando o indivíduo está inserido em uma coletividade que conjuga características semelhantes que lhe capacitam a participar de uma formação discursiva semelhante. Tendo o professor como participante efetivo de sua formação e observando a preocupação de seu papel social, posso identificar aqui a continuidade do reconhecimento recíproco.

Na terceira dimensão, dá-se o domínio das relações de solidariedade/contribuição/*performance*/estima social (*leistung*, no original), as quais propiciam o respeito universal, onde os sujeitos podem encontrar a valorização de suas

idiosincrasias. Honneth demarca, por conseguinte, um reconhecimento social que está ligado à relevância social que é dada ao indivíduo, configurando a estima social. No âmbito subjetivo, analogamente, os sujeitos demonstram a sua autoestima, vinculada à terceira esfera da prática social e ao aspecto subjetivo que advém das relações sociais.

As relações de reconhecimento são formadoras, portanto, de três esferas nas relações de exterioridade, dentro de uma coletividade, de uma prática social. Elas surgem, também, na interioridade de cada indivíduo, atuando na constituição intersubjetiva da identidade pessoal, tendo em vista um nível cada vez mais consolidado de individualização e de autonomia.

#### Esquema 4 – Efeito das Esferas de Reconhecimento



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2016)

Por meio dessa abordagem, o filósofo consegue identificar a existência de um interesse em acabar com a humilhação e o desrespeito e em estabelecer relações plenas de reconhecimento recíproco. Para o pensador, esse interesse não seria apenas contingente, mas explicaria a matriz social que teríamos em cada agrupamento humano. Nessa perspectiva, o papel do professor poderia demandar as três esferas como prerrogativas para a formação de um ser inserido na escola, que precisa do amor nas relações educacionais; do direito, para que os sujeitos conjuguem características semelhantes; e da estima social, o que fortaleceria qualquer professor em seu fazer pedagógico.

A peculiaridade da teoria aqui abordada é que ela consegue mostrar que relações de reconhecimento podem ser justificadas com base em elementos estruturais de uma matriz social, dependendo, assim, dos pressupostos subjetivos do amor próprio, do autorrespeito e da autoestima que precisam ser preenchidos para que os sujeitos assegurem condições para sua autorrealização individual. Em livre tradução das palavras de Honneth, “a teoria do reconhecimento resulta em uma expansão ‘hegeliana’ do liberalismo, a qual consiste em adicionar as condições sociais da autonomia ao catálogo de direitos que assegura essa premissa” (2011, p. 414). Temos, portanto, o reconhecimento em sua configuração de três distintos padrões para uma autorrealização de cada sujeito.

**Esquema 5 – Desdobramento das esferas do reconhecimento**



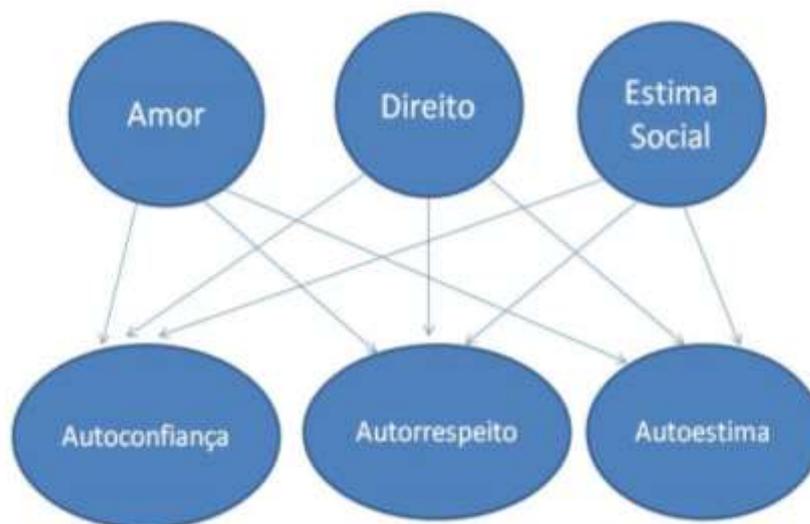
Fonte: elaborado pela pesquisadora (2016).

Em relação ao esquema acima, essa formulação surgiu após a leitura da obra *Luta por reconhecimento* (2009), a qual promoveu-me o entendimento sobre o percurso do reconhecimento e demonstrou-me o caráter conflituoso das relações intersubjetivas, sendo guiado por uma lógica que subjaz aos conflitos sociais, o que pretendo focar no caso do docente e seu entorno. Então, reconhecimento vincula-se a um momento em que uma consciência se reconhece em outra, sustentando a emergência da identidade pessoal de cada envolvido, ou uma luta por causa da violação recíproca das pretensões particulares dos personagens relacionados.

Também os contextos irão interferir nas relações intersubjetivas, as quais permitem uma reconciliação entre as diferenças de cada indivíduo e a sua identidade

pessoal. Essas expectativas dos sujeitos formam a identidade pessoal, de modo que o indivíduo pode se compreender como membro autônomo e individualizado, ou seja, reconhecido nas formas de sociabilidade comum. Desse modo, isolei a intersubjetividade das esferas de reconhecimento, mostrando que a individualização autônoma dos atores sociais envolvidos em cada grupo implica em uma autorrelação prática de influência dessas para que os contextos de exterioridade e/ou de interioridade possam igualmente ser enriquecidos.

**Esquema 6 – Campo de influência das esferas de reconhecimento**



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2016).

Essas formas são resultantes, respectivamente, dos contextos intersubjetivos que envolvem o amor próprio, a igualdade de direitos e a comunidade de valores, chamada de solidariedade pelo pensador, mas também entendida como estima social nos agrupamentos que cada indivíduo compõe. As três atuam, às vezes mais ou menos, sobre os contextos subjetivos: autoconfiança, essencial à expectativa de segurança nas relações sociais; autorrespeito, dependente de uma contextualização de sua evidenciação; e autoestima, contingente na formação de cada indivíduo.

Para o pensador, “graças à aquisição cumulativa de autoconfiança, autorrespeito e autoestima, (...) uma pessoa é capaz de se conceber de modo irrestrito como um ser autônomo e individuado.” (HONNETH, 2003, p. 266). Quando essas expectativas são desapontadas, pode surgir uma experiência moral que se expressa no sentimento de

desrespeito. A abordagem do reconhecimento, então, atrela-se às patologias sociais, as quais são deficiências que resultam em atentados às condições sociais de autorrealização individual.

Os conflitos que são ocasionados pelas experiências de desrespeito são muito importantes para o desenvolvimento moral dos sujeitos, podem ser tomados como as fontes motivacionais das mudanças sociais. Assim, para cada um dos padrões de reconhecimento intersubjetivo, há um equivalente quando se aborda o desrespeito. Para as relações de dedicação emotiva, temos os maus tratos e a violação a essência de cada indivíduo; para o reconhecimento jurídico, surge a negação dos direitos; e para o reconhecimento social, visto por Honneth como estima, surge a diminuição do valor social do indivíduo ou de um grupo, desvalorizando as suas formas de viver e de agir, o que pode ocasionar a perda da autoestima.

Entendo que, a partir do estudo dessa teoria, encontramos os indivíduos em constante espera pela possibilidade de terem reconhecidas suas capacidades, potencialidades e contribuições ao todo social pelos demais. Portanto, a necessidade de reconhecimento é universal, essencial e inerente à integração social. No entanto, talvez, a frustração resultante do desrespeito e da ausência de reconhecimento, além de desencadear uma luta por reconhecimento, possa impedir a realização de autonomia, condição para uma vida de autorrealização social, além da negação da identidade do sujeito.

Assim, os pontos principais da teoria de Honneth envolvem a concepção individualista de autonomia e suas implicações sobre o entendimento do papel da ação coletiva na luta pelo reconhecimento. Eis que essa teoria procura evidenciar quais são os sintomas implicados na ausência de reconhecimento. Em artigo intitulado *Integridad y desprecio* (1992), o autor apresenta os motivos básicos de uma concepção de moral em uma sociedade, para salientar os três grupos de experiências de desprezo, citando o que Ernest Bloch descreve primeiro, metaforicamente, como a “morte psíquica”, a qual envolve o desprezo físico e a conseqüente perda do reconhecimento afetivo; em um segundo momento, ele descreve a “morte social”, a qual demonstra o desprezo de privação de direitos e a conseqüente perda do reconhecimento jurídico; e em terceiro lugar, o autor cita o “ultraje”, o qual se configura como o desprezo do valor social do indivíduo, acarretando na perda do reconhecimento mútuo, favorecido pela disposição

moral do ser humano. Honneth, nesta terceira forma, entende que a dimensão da personalidade ameaçada é aquela da dignidade.

Também com esses grupos de experiências, o desrespeito pode ser encontrado na degradação de uma forma de autorrelação que é aquela da autoestima, o que me interessa sobremaneira identificar nos discursos docentes que foram analisados por mim. Para Honneth, Ernst Bloch admite que a completa integridade do homem e sua dignidade só são alcançadas estabelecendo uma adequada proteção diante dos distintos modos de ofensa e de desprezo.

Acontece que a prática do desprezo causa danos às condições intersubjetivas das relações sociais. Isso ocorre porque os sujeitos humanos não podem se relacionar de maneira afetivamente neutra diante destes indícios de desprezo. Os indivíduos que experimentam sentir-se com menos valor do que os demais, sentem-se humilhados ou mesmo estigmatizados. Vale salientar aqui o que Elias & Scotson citam ao analisar um grupo de *burakumin*, o qual não se sente humano, nem parte da sociedade japonesa, em que os autores citam

A estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e outsiders, (...) reflete e, ao mesmo tempo, justifica a aversão – o preconceito – que seus membros sentem perante os que compõem o grupo. (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 35)

Para o contexto educacional, posso retomar o estigma social criado no Brasil, com o qual a maioria dos professores se depara a longa data: uma classe mal paga, desrespeitada e desvalorizada. Desse estigma pode surgir a perda da autoestima dos indivíduos que atuam como docentes, conforme o contexto em que estão inseridos, o que pode gerar a falta de reconhecimento em uma cadeia consequente da perda da estima.

Retomando, então, a terceira esfera do reconhecimento, a qual Honneth denomina de solidariedade, encontram-se valores e objetivos que funcionam como um sistema de referência para a avaliação moral das propriedades pessoais dos seres humanos, cuja totalidade constitui a autocompreensão cultural da sociedade. Essa esfera de reconhecimento estaria, portanto, vinculada a uma vida em comunidade, por isso a capacidade e o desempenho dos integrantes de um grupo de indivíduos com as mesmas afinidades somente poderiam ser avaliados subjetivamente, com os integrantes tendo a chance de desenvolver a sua concepção de vida, sem desenvolverem as patologias das experiências de desrespeito.

Como vemos, portanto, o aporte à compreensão da dimensão social dos processos identitários e de construção da autonomia individual repousa sobre três esferas do reconhecimento: dedicação emotiva, respeito e estima social. Para os indivíduos, em especial pensando o âmbito escolar, poderem dispor de suas capacidades individuais, é preciso que socialmente sejam reconhecidas suas necessidades, sua igualdade legal e suas contribuições sociais. É a experiência de falta de reconhecimento em uma ou mais dessas esferas, com a violação, privação ou exclusão, que serviria de motivação para a luta por reconhecimento.

Discussões acerca da teoria de Honneth trazem um potencial especulativo e teórico que podem contribuir decisivamente para uma recepção maior da obra do autor em várias áreas do conhecimento. E, parafraseando Flickinger (2013), saliento que o sucesso do processo educativo depende essencialmente da experiência social que este oportuniza. Assim, acredito que essa demanda poderá ser respondida pela teoria do pensador alemão, ao fazer do reconhecimento mútuo a diretriz ético-moral por excelência no palco social do docente.

### **PARTE III**

## **ANÁLISE DAS SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS**

### 3.1 Reflexões e inferências sobre o *corpus*

Para dar continuidade a esta dissertação, inicio a análise dos dados pensando em um fator agregador para os trechos que já foram selecionados no quadro A (presente na parte I, referente ao reconhecimento no *corpus*). Desse modo, fiz um recorte de cada um dos excertos, escolhendo os indicadores que serviram para demonstrar a presença ou ausência de reconhecimento social de docentes. Para contextualizar quem são os sujeitos enunciadorees de cada texto, é importante mencionar que voltei a ler cada um dos textos que compõe o meu *corpus*, o que pôde deixar mais clara a atmosfera em que foram narradas as ideias aqui presentes.

Do ponto de vista operacional, meu orientador e eu chegamos a pensar na Análise do Discurso (AD), idealizada por Michel Pêcheux, mas devido à complexidade da teoria e à sua falta de diálogo com a Teoria do Reconhecimento de Axel Honneth, ela foi abandonada. Assim, encontramos na Análise de Conteúdo (AC) os princípios que conversaram de forma plena com o presente estudo. Essa levou-me a procedimentos que relacionam estruturas semânticas (significantes), as quais já estava utilizando em um primeiro expediente, com estruturas sociológicas (significados), postas aqui através dos efeitos de sentido dos indicadores, articulando inferências sobre a superfície dos trechos selecionados com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural e processo de produção da mensagem. Portanto, esse conjunto de movimentos analíticos deu-me consistência interna às operações.

Entendo que cabe a mim, como pesquisadora, ser uma investigadora insistente, que está sempre entre os conhecimentos teóricos e as informações do *corpus*. Assim, em uma primeira etapa de minha análise, a fim de entender os sujeitos enunciadorees de cada discurso selecionado, no quadro 1, classifiquei-os, após abandonar vários textos anteriormente escolhidos que pareceram ser muito repetitivos, para que aparecessem com as posições de 23 professores e professoras que expuseram seus olhares e seus dizeres sobre a escola, a Educação, o contexto escolar, seus predicados e suas mazelas. Portanto, cada um mostrou-se inscrito em matrizes de sentido que nomeiam e que interpretam os lugares sociais dos quais fazem ou fizeram parte, em contextos de produção por vezes semelhantes, por vezes distintos.

Ao buscar quem são esses sujeitos, suas palavras, a partir dos trechos já expostos, e mais ainda dos efeitos de sentido de suas palavras, pretendi perceber como eles reforçam a inserção de cada um na sociedade. A imagem de professor definida por

cada enunciador representa, volto a frisar, a sua identidade, a qual se estrutura e é influenciada por aspectos psicológicos, sociais, culturais e ideológicos. Então, foi necessário proceder a uma superação de uma visão ingênua inicial, de uma visão geral empírica, visando penetrar nos significados que os atores sociais compartilharam na vivência de sua realidade.

Assim, através da AC, enquadrei os enunciados já selecionados com uma filtragem que servisse para mostrar os efeitos de sentido possíveis em minha análise dos dados. Para tanto, é importante salientar que entendi que o sentido que surgiu de cada trecho não é determinado pelo produtor do texto (enunciador) e nem pelo interlocutor, pois é necessário que as expressões linguísticas sejam associadas aos seus respectivos discursos, que são de natureza social (22 professores da rede privada e 1 professora do ensino público do estado do Rio Grande do Sul) e não individual. Então, os efeitos de sentido que estavam ancorados no texto ou fora dele, na relação entre a minha visão de mundo como interlocutora no uso de tais discursos, puderam permitir-me interpretar a situação de surgimento de cada discurso em foco.

Acredito que a capacidade de ver dentro, ver do que se constitui cada discurso docente, depende da capacidade de ver fora, de ver o contexto, desde que se articulem sobre o que os diferencia, e não sobre o que os assemelha. Nessa linha de pensamento, conforme diz José Ortega y Gasset

Es de suma importancia esta distinción entre el ver desde dentro o desde fuera, entre la visión stricto sensu íntima, inmanente, y la visión extrínseca. Un ejemplo que la aclara puede ser la diferencia que hay entre ver correr a outro o sentirse uno corriendo. El que corre percebe su carrera desde el interior de su cuerpo como un conjunto de sensaciones musculares, de dilatación y constricción de los vasos, de aceleración del flujo sanguíneo. El prójimo que corre es, en cambio, un espectáculo visual y externo... (ORTEGA Y GASSET, 1958, p. 20)

Desse modo, no que chamei de quadro 3, dividi em quatro as etapas da minha Análise de Conteúdo inicial. Com elas, os efeitos de sentido que ainda queria encontrar podem ser compreendidos por manifestações de pertinência discursiva frente ao indicador de presença ou de ausência de reconhecimento, do produtor do texto, do contexto da coluna selecionada e da ocorrência ou ausência de reconhecimento, os quais surgem abaixo.

**Quadro 3 – Aspectos para a Análise de Conteúdo**

	<b>Indicadores de reconhecimento (ou de ausência de reconhecimento)</b>	<b>Produtor do texto</b>	<b>Contexto</b>	<b>Ocorrência de reconhecimento (ou de ausência de reconhecimento)</b>
1.	Profissão imprescindível	Professora de computação falando a respeito de um concurso público	Reflexão sobre o valor da profissão de professor na sociedade.	Presença
2.	Valorizados, motivados	Professora criticando a implementação de programa do governo federal	Argumentação sobre a necessidade de profissionais que operacionalizem essas intenções do governo.	Ausência
3.	Respeito	Professor de inglês comentando sobre o profissionalismo e a atuação	Análise sobre a necessária formação e o profissionalismo dos professores de línguas estrangeiras.	Ausência
4.	Realização, status, bela profissão	Professor com 34 anos de docência	Retrospectiva de como era ser professor, de como a docência possibilitava realização e status de uma bela profissão.	Presença

5.	Dignidade, respeito	Idem ao anterior	Especificação as consequências positivas conferidas a ser professor ou filho de professor.	Presença
6.	Baixa autoestima, autoimagem desprezível	Idem ao anterior	Identificação do paradoxo criado na sociedade em relação aos docentes.	Ausência
7.	Necessários	Escritor falando sobre ser professor	Argumentação de um escritor sobre o quanto os professores são necessários para a formação dos valores, da ética, da solidariedade, do respeito, da sensibilidade e da dignidade humana.	Presença
8.	Importante trabalho	Psicóloga falando a respeito da violência na escola	Análise de algumas doenças psicológicas que os professores desenvolvem devido aos problemas surgidos nas escolas.	Presença
9.	Responsabilidade na formação de crianças e	Professora do ensino universitário	Comentários sobre a função de professores que	Presença

	adolescentes	falando sobre ser professora de professores	auxiliam na formação de outros professores.	
10.	A voz respeitada do professor era respeitada	Professora falando a respeito da educação sem rumo, tendo em vista a violência em sala de aula	Análise de um fato em Caxias que põe em discussão a palavra de uma professora e demonstra os descaminhos da educação.	Ausência
11.	Atividades marcadas pelos desrespeito	Professor da ULBRA comentando sobre o desrespeito sofrido na universidade falida	Evidenciação sobre a gestão intimidatória da reitoria da Ulbra durante o atraso dos salários aos docentes.	Ausência
12.	Excelentes aulas realizadas por excelentes professores	Idem ao anterior	Resgate das memórias de estudante.	Presença
13.	O professor é a autoridade da sala de aula (...) deve ser respeitado	Professora comentando sobre a falta de respeito e a humilhação em escola	Análise da perda de autoridade de uma professora por sua fala e os equívocos dos pais na educação de seus filhos.	Ausência
14.	Os professores se sentem impotentes e angustiados	Professora analisando os desafios da escola	Argumentação sobre o aumento de responsabilidades	Ausência

		real	dos professores nas escolas e a crise de autoridade do docente frente a pais, alunos e instituições de ensino.	
15.	Papel do professor é primordial	Professora afirmando que professor é profissão do futuro	Avaliação sobre a importância da profissão de professor historicamente.	Presença
16.	São pessoas especiais, cujas ações, conhecimento (...) servem de modelo	Idem ao anterior	Diálogo com o leitor para valorizar também algum professor que passou em sua vida estudantil.	Presença
17.	Uma boa aula depende principalmente da formação do professor, mas também da continuação de seus estudos	Professor criticando a falta de salário para continuar se aprimorando	Análise sobre um bom salário recebido por professores e a qualidade de ensino, graças à constante investimento dos docentes em aprimoramentos.	Ausência
18.	O professor seja efetivamente a autoridade humana e acadêmica por	Professor falando a respeito do Plano Nacional de Educação	Discussão sobre três questões estratégicas para melhoria da	Ausência

	excelência (...) a valorização dos professores e o financiamento (...) precisam ultrapassar a barreira das promessas		educação nacional.	
19.	O papel do professor tornou-se muito mais complexo	Professor falando a respeito da nova crise do ensino	Argumentação de que a escola vive uma nova crise devido às novas tecnologias que precisam ser agregadas ao ensino formal.	Ausência
20.	O professor é um dos protagonistas do processo	Professor afirmando que professores são tratados como coadjuvantes	Identificação do professor e do estudante como protagonistas do processo de ensino e aprendizagem.	Presença
21.	Percepção de uma cultura de descartabilidade	Psicóloga e professora universitária falando a respeito do desencantamento com a profissão	Análise sobre as falas de professores após suas rescisões de contrato.	Ausência
22.	Professor papel em branco (...) rasgamos quando	Professor avaliando a postura	Discussão sobre os motivos que levam um professor	Ausência

	não valorizados	desmotivadora e desvalorizada dos professores	parecer sem conteúdo e sem valor social.	
23.	Professores tenham condições de trabalho penosas e, além disso, formação de qualidade prejudicada	Professora afirmando que o tempo de trabalho e o tempo para o estudo são uma contradição para o docente	Questionamento sobre as contradições na vida do docente para o seu aprimoramento.	Ausência

Minha análise dos excertos se iniciou com a escolha de cada trecho, que retirei do quadro acima, inserindo-os na sequência discursiva completa (SD) transcrita abaixo; fiz uma breve pesquisa sobre a polissemia do termo selecionado, tendo-a como a fonte do sentido que pretendia vislumbrar; identifiquei e caracterizei o produtor de cada texto, bem como o contexto e o assunto da coluna selecionada; por fim, fiz o exercício de análise mais atenta de cada recorte.

As sequências estão organizadas em três grandes grupos, conforme os elementos inerentes que apareceram em cada uma. Esses são os indicadores *a posteriori*, relacionados ao contexto intersubjetivo e/ou ao contexto subjetivo, em referência àquelas esferas de reconhecimento descritas por Honneth. Sendo assim, o leitor atento pode estranhar as diferenças de assimetria entre cada um desses grupamentos, mas isso se deu pelas diferentes ocorrências dos indicadores analisados. Por isso, distribuí os trechos em:

1º grupo) ofício/ sujeito professor/ imagem

2º grupo) formação e qualidade do ensino

3º grupo) políticas voltadas à docência

O primeiro grupo está composto por categorias *a posteriori* que classifiquei a partir da AC com os excertos 1, 2, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 21 e 22, e está assim constituído em virtude de os excertos terem característica de remessa ou referência expressa à figura do professor, seja como sujeito, seja como profissional. O segundo grupo está formado pelos excertos 3, 9, 17 e 23, os quais apresentam como característica a formação acadêmica de cada docente e a conseqüente qualidade de sua

atividade. O terceiro grupo é composto pelos excertos 8 e 18, os quais apresentam a preocupação dos sujeitos-enunciadores com a existência ou a falta de políticas voltadas à docência.

### **1º grupo: Ofício/ sujeito professor/ imagem**

SD1

*A profissão de professor é conhecida há muito tempo (...) é uma profissão imprescindível*

Para atingir a atenção do leitor, o recorte mostrado busca dar conta do que se pretende dizer, mas se sabe impossível, já que o discurso surge como uma categoria que evidencia o ofício, o sujeito professor e a sua imagem. Assim, na sequência discursiva selecionada, o efeito de sentido suscita uma reflexão sobre o valor da profissão de professor na sociedade, mas também leva à identificação que podemos fazer do docente que é desvalorizado inúmeras vezes, lutando por sua identidade profissional e pessoal, em especial o professor de computação, o qual ainda está fazendo o seu espaço de ação na educação, dentro de um contexto relacional preconceituoso em relação ao seu papel.

Assim, o enunciado, através do qual o sujeito é exposto, fornece uma realidade não apenas de Santa Cruz do Sul, mas de todo um sistema de evidências da educação brasileira, onde a ideologia da enunciativa se reconhece. Nela, é necessário acabar com o “Brasil off-line”, título dado a esse primeiro texto em análise.

Nesse espaço discursivo, o contexto dessa sequência situa o sujeito-enunciador como uma professora, que teve o seu texto divulgado no mês de outubro de 2006, descrevendo o espaço do professor de computação frente a um concurso público, em que nem todos os docentes dessa disciplina tinham ainda sido incorporados em algum emprego. Conforme palavras da autora “a formação específica para trabalho com computação está começando agora a ser disseminada e lentamente absorvida pelo mercado de trabalho”.

Em uma segunda recepção dessa sequência discursiva, posso pensar no implícito que se encontra no adjetivo “imprescindível”, isto é, no seu antagonismo “dispensável”. A imagem que faço como leitora desse termo resulta de uma interpretação individual sobre o mundo da escola, do qual participo e que poderá trazer efeitos de acordo com a experiência e o olhar de cada um.

Em relação ao referencial linguístico, o adjetivo “imprescindível”, especificado, causa a força do discurso e a postura do sujeito envolvido no trecho. Temos, então, recorrendo ao Pequeno Dicionário Houaiss, o significado de “o que não se pode dispensar; indispensável” (2015, p.528) o qual é contextualizado como a característica da profissão de professor. No entanto, o efeito de sentido leva-nos a agregar uma pergunta filosófica: “o que contribui para o reconhecimento da profissão docente como imprescindível?”, a qual nos remete à peculiaridade da matriz social exposta por Axel Honneth: a estima social leva-nos a identificar o professor com sua força de inclusão social e com o respeito mútuo que lhe cabe, conforme o sujeito-enunciador.

Com as categorias estruturais de Honneth, posso identificar o reconhecimento em sua configuração de três distintos padrões para a autorrealização do sujeito: sociabilidade, intersubjetividade e moral. Depreende-se daqui que a imagem do docente está impressa como positiva por tudo o que ela nos acessa em sua constituição, fazendo emergir o autorrespeito e a autoestima que a compõe.

Encadeando o termo salientado no trecho com as esferas de reconhecimento da teoria de Honneth, posso inferir que os elementos inerentes que se sobressaem são tanto pertencentes ao contexto intersubjetivo quanto ao contexto subjetivo. Dessa forma, o trecho demonstra a busca pelo reconhecimento do papel de qualquer docente de computação, com a pretensa identidade pessoal definida.

## SD 2

*(...) precisamos de professores valorizados, motivados.*

Houve uma argumentação consistente do sujeito-enunciador sobre a necessidade de profissionais que operacionalizassem as intenções do governo de implementar programas educacionais. Para tanto, através de alguns problemas sociais evidenciados, encontrei a preocupação com os professores que iriam pôr em prática esses programas, mas que, na contramão do que se percebia, não recebiam a valorização da mídia, menos ainda da população em geral.

Depreende-se, também, após a leitura do texto em que está inserido o discurso selecionado, que a professora pretendia fazer uma crítica ao humor inconsequente do programa televisionado, além de chamar a atenção do sujeito-leitor sobre o compromisso social dessa mídia que detém grande audiência nacional. Portanto, o

sujeito-enunciador pretendia convocar cada espectador a fazer parte do grande desafio em prol da valorização das instituições de ensino, dos professores, que tiveram uma representação caricata e desrespeitosa por parte do programa televisivo, e de todos que acreditam que a Educação transforma a sociedade.

Percebo, por conseguinte, que o lugar discursivo também é efeito da prática dessa enunciativa. Lugar social e lugar discursivo se constituem de forma complementar e trazem a força da identificação do sujeito com esse meio em que ela se insere. Identifico também a manifestação da enunciativa contra um estereótipo vinculado sobre professoras, o qual teve ressonância em uma grande mídia, por isso, o questionamento a quem é o interlocutor desse discurso.

Por meio da leitura desse texto, entendo que há um discurso refletindo as palavras de uma professora que analisa a implementação de programas educacionais do governo federal em um momento que diz ser histórico, agosto de 2007. Assim, ela vai listando os diversos problemas sociais conhecidos pelo povo brasileiro, como “a falta de opções para os mais pobres, a impossibilidade de ascender na vida, a dificuldade de construir cidadania e a extrema violência a que assistimos”, termos que ela utiliza em seu texto, os quais servirão para nos mostrar que, para trazerem o resultado esperado, são necessários professores valorizados e motivados.

Em seguida, o sujeito-enunciador apresenta uma crítica acerca de um programa humorístico de televisão em que uma professora apareceria com roupas e ar sedutores, fazendo programas sexuais, inclusive com alunos, para complementar seu baixo salário. Depreende-se daqui a força estigmatizadora de um estereótipo ultrajante lançado pelo veículo de comunicação trazido a destaque pela professora, o qual evidencia a ausência ou negação do reconhecimento das docentes, tendo em vista o desprezo ao gênero feminino e ao seu respeito moral. Além dessa consequência, a desvalorização das esferas do direito e da estima social ficam evidentes, porque a enunciativa do discurso mostra que o valor e a motivação de cada profissional da educação precisam estar presentes para que sua identidade pessoal seja preservada.

No recorte do discurso em pauta, os adjetivos “valorizados” e “motivados” ficam em primeiro plano em função de uma presença de reconhecimento do professor na sociedade. Nas definições encontradas no Pequeno Dicionário Houaiss (2015, p. 957), em relação ao primeiro termo “1 a que se deu valor ou cujo valor foi reconhecido; 2 que teve o seu valor aumentado; encarecido”. Quanto ao segundo termo, fui buscá-lo

no dicionário Houaiss (2001, p. 1968), do qual trago o recorte de duas definições que servirão a esse estudo “1 que tem motivo, causa ou fundamento, fundado, justificado [...] 3. *PSI* que se comporta com determinação e/ou intensidade (diz-se de indivíduo)”.

Com eles, é possível tecer a busca do reconhecimento do professor na sociedade, primeiramente, pelo seu valor profissional e social; em seguida, o indivíduo pode ser visto como aquele que tem determinação, fundamentado em sua força de inclusão social, voltando à matriz social da teoria de Honneth. O seu direito de atuação, tendo em vista a sua moral e o respeito recebido pelo seu entorno, somado à sua participação legitimada, ajudam, pois, a nominar como o sujeito está sempre se constituindo.

Eis, reiterando a matriz social e os componentes intersubjetivos de Honneth, mais uma vez as esferas do direito e da estima social sendo alvos de afronta, de um desprezo em relação ao autorrespeito e à autoestima de cada docente frente aos fatos aqui apontados. Essas são, portanto, negadas e as expectativas do sujeito-enunciador indicam uma experiência moral que expressa o seu sentimento de desapontamento em relação à realidade social que a cerca como professora e como mulher.

#### SD 4

*(...) ser professor era uma possibilidade de realização sob todos os aspectos, além do status de uma bela profissão*

Como uma bela retrospectiva de como era ser professor, de como a docência possibilitava realização e *status* da profissão docente, o enunciador consegue atingir o leitor com a força de sua realização pessoal na profissão escolhida, quando, em seus primeiros 20 anos de atuação, colocava em prática toda a sua motivação, em seus feitos pessoais e profissionais. Em seguida, ele demarca bem o prestígio que sentia em sua função de professor, motivo pelo qual considerava uma bela profissão, com a admiração cultivada por outros indivíduos em seu entorno, por sua atuação lucrativa e, principalmente, pelo elevado valor moral que ser professor suscitava. Ademais, ele reforça que fez uma escolha pela profissão que ainda exerce e conseguia se aprimorar, sentindo-se satisfeito e vencedor.

As esferas do reconhecimento frente a esse depoimento me levaram a evidenciar nesse enunciador o respeito mútuo e a força que ele sentia e nutria por sua profissão: ser professor. Surtem efeito também, em seu discurso, a sociabilidade e a moral que ele

deixa transparecer no final do enunciado selecionado “*status* de bela profissão”, o que Honneth estabelece no vínculo do sujeito em si mesmo e no mundo em que atua. Essas características são formadoras, portanto, de identidade desse professor, vista com sua constituição intersubjetiva de autoestima e de autorrespeito.

A partir do título do texto<sup>2</sup>, entendo que a posição do sujeito é de um professor, o qual explicitou em seu discurso as atribuições, a realização e o cansaço advindos de sua profissão em abril de 2008. São essas três etapas, respectivamente, que encontrei na narrativa dessa coluna. Como sujeito-leitor, percebi toda uma retrospectiva de um professor que trabalha há 34 anos. Iniciou com todo o entusiasmo e encantamento os primeiros anos de docência, mas sente a sua missão inconclusa devido às mudanças que foram surgindo.

Também infiro que a profissão de professor, com os contornos que o produtor do texto utiliza, é a causa da motivação e/ou da frustração no contexto e produz o sentido esperado de memória de um tempo já-vivido e que quer resgatar o reconhecimento e o espaço alcançados em anos anteriores. Dessa forma, o sujeito narra, de forma idealizada, como era a vida de um professor: com dois contratos de 20 horas em uma escola pública estadual, com os quais podia comprar um carro popular, em seguida, o apartamento e, posteriormente, poderia casar.

Nessa representação docente, conseguir uma complementação financeira surgia com o emprego em alguma escola particular, comum na trajetória de sucesso em qualquer nível de ensino. Com estas condições, ser professor era uma possibilidade de realização sob todos os aspectos, inclusive era comum muitos docentes continuarem sua formação ingressando em cursos de pós-graduação, em especializações, mestrados e doutorados. Sobrava dinheiro para comprar livros e usufruir de eventos culturais, como cinema e teatro. Portanto, o professor conseguia ter sua autoestima e o autorrespeito como parte de seu cotidiano e de sua força de inclusão social, bem como levava seus filhos a valorizarem a profissão docente.

No entanto, mudanças foram surgindo na sociedade e o cansaço, devido às exigências das instituições de ensino, foi aumentando, em função de novas e cada vez mais numerosas demandas na jornada de trabalho de cada professor. Resumidamente, a

---

<sup>2</sup> Professor: atribuições, realização e cansaço... (*Extra Classe*, abr. 2008)

frustração começou a surgir, acarretando em perda de estima social e de respeito na comunidade da prática de sua profissão.

Assim, na sequência discursiva em foco, encontrei quatro termos que servirão para analisar esse discurso. A primeira envolve o substantivo “realização”, o qual encontra-se com a definição de “1 o que se consegue pôr em prática; 2 feito, ato de heroísmo”, segundo o Pequeno Dicionário Houaiss (2015, p. 799). Essa é demonstrada pelo sujeito-enunciador: um professor com 34 anos de docência.

O segundo termo no recorte da sequência discursiva é o estrangeirismo “*status*”, que surge como “1 situação, estado ou qualidade de uma pessoa ou coisa em determinado momento; condição; 2 p.ext. prestígio social ou funcional” (HOUAISS, 2015, p. 883), com o qual se revigora a posição do professor que faz uma retrospectiva da profissão em que atua.

Com os dois últimos vocábulos, encontro o adjetivo “bela” somado à “profissão”, os quais surgem no Pequeno Dicionário Houaiss (2015, p. 130), respectivamente, “belo: 1 que tem formas e proporções harmônicas; 2 que causa admiração; 3 harmonioso, lucrativo; 4 de elevado valor moral”, entre as principais definições. Quanto ao substantivo “profissão”, encontro “1 atividade para a qual um indivíduo se preparou e que exerce ou não; 2 trabalho que uma pessoa faz para obter o necessário para sua subsistência e à de seus dependentes; ocupação, ofício”, restringindo os significados ao contexto do discurso.

Com os termos evidenciados, noto a força de inclusão social desse professor, com sua carga emocional e todo o reconhecimento que ele demonstra da importância de sua atuação e de sua formação na sociedade. Encadeando com as esferas de reconhecimento de Honneth, volto a frisar o direito respeitado e o valor moral dado a ele, com a estima social que levou o sujeito-enunciador a sentir o respeito mútuo, com os devidos contextos de autorrespeito e autoestima sendo salientados.

No discurso em foco, é mobilizado um encontro entre o contexto intersubjetivo atrelado a uma escuta discursiva em que podem estar vigentes os contextos cultural, social e profissional desse sujeito que deseja ser ouvido por outros sujeitos que detenham a mesma trajetória. Entendo, então, que a ideologia no discurso é da ordem do mundo e o resultado dessa formação é uma imagem de um sujeito que também deseja dar sentido novamente a sua profissão e, para tanto, deseja que outros sujeitos assumam também o seu lugar social que ele ainda ocupa.

SD5

*Ser professor ou filho de professor conferia sentimentos de dignidade e de respeito*

Em vista de o enunciador trazer à tona os sentimentos que para ele lhe eram conferidos, posso inferir que a dignidade e o respeito estão interligados na sequência discursiva feita pelo professor. Um denota o outro, surgindo a consciência do próprio valor, a honra frente ao seu ofício, e o amor-próprio. Somado a esses, há o modo de proceder que inspira respeito e distinção social em décadas de trabalho.

Ainda como uma continuação da sequência discursiva anterior SD4, com suas recordações sobre como era a atuação em décadas atrás, o professor que escreveu o texto em pauta busca demonstrar sua crítica sobre as mudanças ocorridas, ainda que já aposentando, frente a uma missão que diz estar inconclusa. A partir de suas reminiscências, ele descreve detalhadamente quais eram os passos, como os dele, de quem ingressava na vida docente:

Há mais de três décadas, o sonho de todo jovem professor era conseguir dois contratos, de 20 horas, numa escola pública estadual. Com 20 horas dava para comprar um fusca, e com dois contratos dava para comprar o apartamento e casar. A saúde era garantida pelo respaldo completo do Instituto de Previdência do Estado. Conseguir trabalho em escolas particulares era a complementação de uma trajetória de sucesso, em qualquer nível de atuação. As férias eram, no inverno, de mês inteiro, e de três meses, no verão. Com estas condições, ser professor era uma possibilidade de realização sob todos os aspectos, (...) (*Extra Classe*, abril de 2008)

Com esse discurso, o professor vai traçando todas as conquistas e todos os sonhos realizados dos quais fez parte. Dessa forma, ele reforça o seu papel como sujeito, o *status* de seu ofício e a sua autoestima frente ao reconhecimento que tinha da profissão.

Em relação à polissemia dos termos “dignidade” e “respeito”, sobre o primeiro encontram-se os seguintes significados “s.f. 1 consciência do próprio valor; honra; amor-próprio. 2 modo de proceder que inspira respeito; distinção. 3 título, função ou cargo de alta graduação.” (HOUAISS, 2015, p. 337). Enfocando o segundo sentido publicado ao vocábulo “dignidade”, encontro o “respeito” já citado. Esse traz significados como “s.m. 1 sentimento que leva a tratar alguém ou algo com grande atenção; consideração, relevância. 2 obediência, acatamento. 3 ponto de vista. 4

sentimento de medo; receio.” segundo o Pequeno Dicionário Houaiss (2015, p. 821). Ambos conferem a força do papel de ser professor em uma época passada.

Interligado à sequência discursiva anterior, esse trecho reforça a retrospectiva feita pelo autor sobre os valores dados aos docentes durante a sua carreira. Com os termos utilizados, o ofício de professor, a imagem positiva que ele e qualquer outro colega seu tinham são salientados a partir da utilização do tempo verbal no pretérito imperfeito, o que demonstra sentimentos que passaram, mas que o enunciador ainda desejaria resgatar. Encadeando esses indicadores com as esferas de reconhecimento de Honneth, posso depreender que o amor à profissão, os direitos assegurados e a estima social estavam presentes para o autor em sua trajetória profissional.

Portanto, o sujeito-enunciador vai descrevendo o frescor de uma época que viveu, com todos os desejos realizados ao longo de seus anos de docência, além do retorno emocional, que lhe deixava fortalecido em sua escolha profissional. Ele tinha consciência de seu valor, ficava honrado em ser professor, o que o motivava e, por isso, sentia dignidade e respeito por parte do contexto em que estava inserido, salientando o âmbito intersubjetivo.

## SD6

*O trabalho foi se aviltando e os trabalhadores da Educação mergulhando em sentimentos de baixa autoestima e de uma autoimagem desprezível.*

Posso depreender, a partir do paradoxo analisado pelo sujeito-enunciador, que em vista de ter evoluído, o mundo foi trazendo modificações ao ofício de professor, com novas atribuições e, junto com essas, o cansaço advindo de uma sobrecarga de trabalho semanal. Como consequências surgiram os sentimentos de baixa autoestima e autoimagem desprezível, os quais estão imbricados nos contextos subjetivo e intersubjetivo das esferas de Honneth, traçando um perfil paradigmático em que considero o professor ferido em sua dignidade e sua integridade como profissional.

A jornada de trabalho desgastante de três turnos diários para garantir uma sobrevivência precária aumentaram sobremaneira, deixando o tempo e as condições para usufruir uma vida confortável cada vez mais deficitários. Infiro, então, que o presente discurso demonstra toda uma carga de desabafo, tendo como base o retrospecto do professor que se sente frustrado e cansado com a atitude das escolas.

Frente ao uso de qualificativos para cada um dos indicadores, tomo-os em separado, primeiramente, para em um segundo momento poder analisá-los em conjunto. Para tanto, encontrei sobre os substantivos sublinhados os seguintes significados: “autoestima s.f. qualidade de quem se valoriza, se contenta com seu modo de ser e demonstra confiança em seus atos e julgamentos. (HOUAISS, 2015, p. 106). Sem encontrar o termo “autoimagem”, identifiquei em seu substantivo primitivo o que denota o vocábulo: “imagem s.f. 1 representação visível de um ser ou objeto por meios artísticos ou técnicos. (...) 3 reprodução visual por reflexo. 4 fig. réplica, retrato. 5 fig. conceito de que uma pessoa goza junto a outras” (HOUAISS, 2015, p. 521). Com esse último sentido, depreendo o valor que pode ser enquadrado na sequência discursiva em evidência, juntamente com o prefixo “auto”, o qual suscita o conceito que a pessoa goza frente a si mesma.

Quanto aos adjetivos, “baixa” e “desprezível”, recorro do que ocupa a primeira posição apenas a significação impressa, a qual demonstra “1 diminuição de valor” (HOUAISS, 2015, p. 116), e em relação ao segundo “1 que pode ser desprezado. 2 merecedor de desprezo; vil, vergonhoso” (HOUAISS, 2015, p. 327), que mostram o quanto se perdeu da autoimagem do professor.

Tomando como referência ainda o texto das sequências discursivas SD4 e SD5, de abril de 2008, o professor enunciador vai traçando o que paradoxalmente foi se constituindo em relação ao mundo e ao professor inserido nessa nova realidade: a educação foi sucumbindo a uma precariedade lamentável. O acúmulo de trabalho foi se aviltando e os docentes foram mergulhando em um contexto de baixa autoestima e de autoimagem desprezível, com uma jornada de trabalho que se multiplicou, enquanto o tempo para o aprimoramento e o lazer foram diminuindo sobremaneira. Assim, para ele, o desapontamento e a fadiga dos docentes se reflete na reação displicente e agressiva dos alunos.

Os espaços escolares não escondem mais a deterioração que vai surgindo por dentro, com os atores que nela atuam. Resulta que a Educação e os educadores pedem socorro. Enquanto a mercantilização do ensino cria guetos de excelência para uma sociedade marcada por diferenças e privilégios, o enunciador clama por urgência em uma solução, para que se funde a esperança de que ainda é tempo de construirmos uma escola de qualidade para todos.

Eis, pois, a ausência de reconhecimento social, com as esferas propostas por Honneth em evidência: o amor ao ofício, o desejo ao direito de ter uma jornada de trabalho menos extenuante, e a “performance”, tradução possível à terceira categoria, são prejudicadas. Como consequência, no âmbito subjetivo, o docente também sente esse desgaste e a desmotivação profissional frente a essa realidade já descrita. Portanto, não vê a força de inclusão no meio escolar e na sociedade.

SD7

*Professores são, sim, necessários para a formação dos valores, da ética, da solidariedade e do respeito, da sensibilidade e da dignidade.*

Em um processo dialético de ensino-aprendizagem, o enunciador do texto demonstra ser necessário assinar o que escreve e ele reforça essa postura ao ensinar a seus alunos essa atitude. Do contrário, diz o professor e também escritor, menciona que além de ilegítimo, torna-se um ato inócuo. Eis, por conseguinte, como vai traçando o seu discurso cheio de referenciais e de uma reflexão consistente acerca do ato de escrever, tomando uma postura e respeitando a postura contrária de quem conseguiu dar a sua identidade ao que produziu.

Para tanto, percebo que ele traz à tona a importância do professor nessa tarefa de ensinar a escrever, a assinar o que se escreve e valorar o caráter sobre o espírito de cada um dos estudantes que passam por ele. Portanto, ratifica a necessidade da presença do professor para manifestar valores morais, ética, solidariedade, respeito, sensibilidade e dignidade, e não apenas para ser mero transmissor de conhecimento.

Tendo esse sujeito-enunciador, o leitor percebe um discurso que mostra a longa formação de um profissional que quer atuar bem na docência, com 43 anos de estudo e, após esse período, o ingresso na vida acadêmica como docente. Para ele, um professor só pode “gastar seu tempo” em aprender com os clássicos, a exemplo dos gregos, romanos, judeus, orientais ou ocidentais, pois aprender e ensinar estão imbricados no cotidiano de alguém que escolhe seguir a profissão docente.

Dessa maneira, o enunciador vai descortinando o seu ofício como professor e como indivíduo que deseja levar aos seus alunos uma formação integral, reiterando, com todos os valores morais, até chegar ao caráter. Assim, buscando reforçar o que espera atingir em cada aluno, ele vai reforçando o que anseia ao lhes transmitir o desejo

de terem um lugar no mundo, de receberem os aplausos que lhes possam ser permitidos. Não obstante, as lacunas que surgem podem ser sanadas com a pesquisa, com a orientação do professor-escritor.

Por conseguinte, ele cita documentos que referendam o direito à divulgação de nossos pensamentos e nosso posicionamento. Eis, portanto, porque ele frisa que “escrever e não assinar, além de ser um ato ilegítimo, é um ato inócuo, porque toda manifestação anônima, numa sociedade em que vige o estado de direito, não é digna de crédito”. Palavras que na realidade atual de nosso país parecem começar a perder-se e que revelam a marca da contemporaneidade: um campo de indefinições, de mistura de posições, dependendo das demandas de cada grupo envolvido.

Buscando o referencial linguístico, encontro no dicionário Houaiss “necessário”, em sua primeira denotação, como um adj.”1 aquilo de que se tem necessidade; indispensável; essencial” (HOUAISS, 2015, p. 663). É a partir dela que vou traçar a importância que emerge dos professores nessa sequência discursiva.

Concatenando com as esferas de reconhecimento de Honneth, evidencio a autoconfiança, o autorrespeito e a autoestima, no contexto subjetivo do professor, que reforçam o seu amor ao ofício, o direito ao seu nome em todo texto que produz, e a estima àqueles que também produzem um texto. Ele agrega todos os elementos inerentes ao que se propõe passar aos seus alunos no ofício de professor.

Consequentemente, no âmbito intersubjetivo, há uma força evidente nas três categorias propostas pelo pensador alemão: o amor ao ofício de professor, o direito ao trabalho digno e a estima social que sente ao ser reconhecido em seu fazer diário. Frente a esses fatos que o sujeito-enunciador salienta, promove-se a sua essencial tarefa no meio em que se encontra.

SD10

*Houve um tempo em que a voz do professor era respeitada e que os pais não questionavam tal autoridade: além disso, nesta época também a escola defendia o seu corpo docente.*

Entendo que a autora do texto mostra sua perplexidade diante de um fato totalmente inusitado, o qual, por ventura, tem sido um reflexo de um círculo de horrores por que tem passado muitos docentes. Assim, como leitora, encontro uma professora

sem saber como agir diante da armadilha em que ficou encurralada, mesmo argumentando não ter presenciado o momento em que uma criança colocou-se fita adesiva na boca; deparou-se, em seguida, com uma direção submissa ao que é determinado pelos pais do pequeno estudante de cinco anos; além de uma sociedade que delega ao professor o papel de ensinar e de educar, essa última ação, antes, dever dos pais.

Após ter ouvido a notícia sobre uma professora em Caxias do Sul que teria posto uma fita adesiva na boca de um aluno, o sujeito-enunciador do texto de maio de 2009 enfatiza sua reserva em relação ao caso. Para a docente que escreveu para a coluna, parece uma atitude pouco provável de uma colega de profissão, a qual lhe surge de maneira perturbadora e ela traz à tona outros assuntos que são motivadores de uma postura subserviente da escola frente ao que a criança foi levada a dizer.

O sujeito-enunciador percebe, também, comparativamente, a realidade do corpo docente em escolas estaduais, como a Escola Bahia, em Porto Alegre, na qual uma aluna agrediu uma de suas professoras, provocando-lhe um traumatismo craniano. No entanto, tal notícia não provocou tanta comoção como a da criança de Caxias do Sul. Faz-se necessário lembrar que no que pesem os direitos humanos, qualquer indivíduo merece o respeito à sua dignidade.

Retrospectivamente, a enunciativa nos mostra que houve um tempo em que os pais não questionavam a autoridade dos professores e a escola era favorável ao seu corpo docente, defendendo-o. Isso não significa que ela seja favorável aos maus tratos aos alunos, como a palmatória, os joelhos no milho, mas que lhe fica evidente que muito mudou em relação ao tratamento dado aos atores que dialogam diariamente com os estudantes. Hoje, o que ela percebe é uma constante necessidade de o corpo docente precisar agradar ao corpo discente, como uma forma de demonstrar afeto, amizade ou qualquer relação intersubjetiva que permeie a aproximação entre esses dois constituintes da escola.

Consequentemente, dessa nova realidade, à escola resta aceitar todo tipo de violência contra os seus docentes: socos, pontapés e palavrões, como se estivesse dentro de uma normalidade e de uma moralidade viciantes. Por conseguinte, no caso específico vinculado sobre a criança com a fita adesiva, não se questiona se ela não teria mentido ou mesmo fantasiado, tendo em vista os seus cinco anos na época.

Por isso, a professora que critica tal episódio lança questionamentos sobre em que momento os educadores perderam a sua autoridade, sua credibilidade e seu respeito. E qual a postura da escola frente ao ocorrido? Apenas a professora regente deve ser alvo de humilhação, de qualquer tipo de punição? Para onde caminha a humanidade com uma educação cada dia mais sem rumo?

Na sequência discursiva anterior, evidencio a relação com o termo “voz do professor”, a qual demonstra um efeito de deslocamento para o discurso que era proferido por qualquer docente, tendo-se ela “respeitada”, no participio. Fazendo o recorte denotativo, encontro o verbo “respeitar” (HOUAISS, 2015, p. 821), o qual traz como significados “1 tratar com estima, consideração, reverência; prezar, honrar. 2 mostrar obediência a; cumprir. 3 tomar cuidado para não prejudicar, danificar, ofender etc. 4 ter medo de; recear. 5 dar atenção ou importância a; considerar”. Desses sentidos, entendo que todos podem levar o leitor a identificar a ocorrência com a proximidade da consideração, à dignidade como consequência dessa relação intersubjetiva, e à integridade do que a professora lhes passava como fala, uma comprovação de que o seu trabalho é bem feito, prima por valores indispensáveis à boa convivência com os estudantes.

Retomando as esferas de reconhecimento de Honneth, no que me interessa salientar nessa pesquisa, o contexto intersubjetivo, através da perda do direito à defesa e da estima social são negados nesses episódios. A docente não teve como buscar o respaldo da instituição em que trabalhava, sendo respeitada. Na dimensão subjetiva, não se confirmam mais a possível autoconfiança, o autorrespeito ou a autoestima resultantes de uma relação harmoniosa em qualquer ambiente, ainda mais dentro dos muros de uma escola. Sem elas, são negadas conjuntamente o respeito mútuo e a força de inclusão social que os indivíduos poderiam traçar em seu meio.

#### SD11

*Atividades marcadas pelo desrespeito através de tratamentos truculentos, humilhação, assédio moral e, finalmente, o atraso no pagamento de salários. Essa trajetória intensificou-se nesse período, porém, sempre existiu na relação da Ulbra com seus trabalhadores.*

Por meio da esfera do Direito, Honneth estabelece o reconhecimento jurídico de cada indivíduo em um contexto intersubjetivo, com o qual cada sujeito reconhece-se reciprocamente como dotado de igualdade entre os demais. Com essa categoria, o autorrespeito é a possibilidade de referência positiva para si mesmo, em um contexto subjetivo. Não obstante, na sequência discursiva em pauta, depreende-se que há uma negativa para essa referência.

O sujeito-enunciador está inserido em uma coletividade em que ele não encontra essa esfera, em que não se espelham características de uma continuidade do reconhecimento recíproco. Ao contrário, surge a negação do direito ao salário, às horas trabalhadas, às demandas da pesquisa, ao tempo de orientação. Em suma, temos a violação das premissas para a relação de estima social pelos docentes e demais funcionários de uma universidade, os quais perderam a sua autoconfiança, o seu autorrespeito e a sua autoestima.

Assim, após longos nove meses de trabalho sem o recebimento de sua remuneração na ULBRA, um professor dessa universidade lança seu desabafo através de um texto cheio de metáforas e de ricas analogias que permeiam o literário. Nesse texto da coluna de junho de 2009, encontrei expressões que demonstram o quanto cada docente, assim como o que foi o sujeito-enunciador, pensava a sua perda de direitos como pessoas, como profissionais, como pesquisadores, como professores.

Entre as expressões mais relevantes expostas ao longo do texto, saliento aquelas que demarcam bem uma luta pelo respeito perdido, pelo reconhecimento: “1. espírito docente em um camelo a serviço desse formato de gestão medieval; 2. espíritos camelos que suportavam pesados fardos; 3. deserto da falta de salários; 4. dezenas de leões docentes que tinham de enfrentar o dragão que dava ordens: tu deves dar aula de graça; tu deves pesquisar sem receber bolsa; tu deves orientar 12 horas-aula e receber o equivalente a meia hora-aula; 5. Lá estávamos num número crescente de leões com narizes de palhaços e apitos.”

Com cada uma das sentenças manifestas pelo docente, explicitou-se o que era a crise institucional vivida por aquela universidade e pôde-se perceber que os professores queriam se libertar da tirania de um empregador cruel que os sugava em suas competências e produtividade, mas não lhes dava os retornos financeiro e emocional tão esperados. Em consequência, passados 36 anos de gestão intimidatória, o reitor não resistiu à luta dos docentes e pediu para sair do cargo. Por conseguinte, um novo ânimo

surgiu nos grupos docente, discente, dos funcionários administrativos e da saúde, pois houve uma nova perspectiva de retomada das atividades e de uma gestão que organizasse os salários de todos.

Emblematicamente, o autor lança como última frase “E aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música”, dando-lhe a autoria de Nietzsche. Nela pesa toda a sua euforia após a saída do dragão que os escravizava (o reitor da época) e emerge uma nova energia para tentar vislumbrar um futuro melhor, com o respeito tão sonhado.

Voltando o meu foco para o referencial linguístico, tomo o vocábulo “desrespeito” como termo para o presente estudo, o qual surge como antônimo do indicador “respeito”, já evidenciado anteriormente. Com ele, encontro o substantivo masculino que denota “falta de respeito, de consideração” (HOUAISS, 2015, p. 328), cujos significados repercutem na matriz da crítica do enunciador desse texto. Uma crítica ainda atual na perspectiva dessa pesquisa.

Como a necessidade de reconhecimento é universal, essencial e inerente à integração social, o sujeito-enunciador demonstra todo o trajeto de perdas vivido por ele e por seus colegas, além de salientar a sua frustração frente ao quadro que foi se configurando em anos de vínculo com a universidade. Portanto, salienta-se, também, a sua condição de indivíduo ultrajado, o que pode trazer a disposição de perda da dignidade do profissional no seu meio de atuação.

SD12

*O que tenho na memória são estes fatos: excelentes aulas realizadas por excelentes professores. Para mim, a docência é isto, uma troca onde recolhemos o que de bom nossos professores compartilham ao ensinar.*

Axel Honneth determina que o reconhecimento amoroso é o primeiro que se estabelece em qualquer contexto intersubjetivo. A partir dele, os sujeitos reconhecem e confirmam suas escolhas e atualizam o vínculo de autonomia no seu meio. Essa esfera traz uma experiência capaz de estabelecer uma autorrelação positiva entre os atores envolvidos no mundo escolar, resultando no desenvolvimento de autoconfiança de cada um deles, o que precede as outras formas de reconhecimento: direito e estima social.

Depreende-se desse discurso que o sujeito-enunciador tem a sua identidade profissional valorizada, tendo em vista o seu nível de individualização da narrativa de suas memórias escolares. Por meio dela, é possível inferir, então, que existem os efeitos das três esferas de reconhecimento, em relação ao contexto intersubjetivo ou sobre a individualização do autor da coluna.

Iniciando a coluna com uma visão sobre os limites que precisam ser dados para os filhos, mas que certos pais procuram que os professores deem a cada estudante, o sujeito-enunciador nos mostra a realidade das salas de aula dos anos 2000. Somado a isso, o autor do texto aborda a influência da Internet nas relações escolares e a dinamicidade que ela pode nos trazer, em especial aos jovens. Frente a essa realidade, ele questiona o leitor, em especial os professores, sobre como agregar essas novas possibilidades digitais e a construção das noções de respeito e de cordialidade, que, para ele, deveriam vir prontas de casa, da família. No entanto, isso nem sempre tem acontecido.

Além disso, o autor da coluna vai relembando o que outros colegas de profissão já disseram acerca do ofício de ser professor, das avaliações a que são submetidos e dos contextos de outras exigências que se tornam falas de exploração do docente. No entanto, mesmo com as dificuldades enfrentadas, vai traçando algumas atividades que unem os docentes e os discentes, como uma horta comunitária, ou mesmo aulas inesquecíveis de Português, de Matemática, de Biologia, com os respectivos nomes de cada professor que ministrou essas disciplinas para ele. Somado a essa retrospectiva de sua vida escolar, o autor cita:

O que tenho na memória são estes fatos: excelentes aulas realizadas por excelentes professores. Para mim, a docência é isto, uma troca onde recolhemos o que de bom nossos professores compartilham ao ensinar. Gostaria de começar aqui uma caminhada onde possamos dar ênfase aos bons professores, à boa escola e aos bons alunos, porque, com certeza, teremos muito que mostrar. Referenciemos o que está funcionando bem e observemos estes exemplos para que com eles possamos aprender.  
(*Extra Classe*, julho de 2009)

Com essas lembranças, o professor demonstra todo o amor que tem pela sua escolha, pela sua caminhada escolar, desde o momento em que fora estudante até o presente momento, em que é um docente, o qual estima os seus professores. Portanto, há uma carga emotiva explícita ao longo de todo o seu discurso.

Tomando como referencial linguístico a carga positiva do adjetivo “excelentes” junto ao substantivo, encontro o significado do vocábulo de dois gêneros “muito bom; de ótima qualidade” (HOUAISS, 2015, p. 430), com o qual salienta-se a relevância dada ao profissional do ensino. Somado a ele, o vocábulo “professor” surge como “s.m. 1 pessoa que ensina uma arte, uma ciência, uma técnica, uma disciplina. 2 quem tem como profissão dar aulas em escola ou universidade; docente. 3 fig. indivíduo especializado em algo.”

A peculiaridade desse texto é que, ao contrário dos demais até agora analisados, com ele a teoria de Honneth toma força, pois consigo encontrar as relações de reconhecimento que podem justificar os elementos estruturais de um amor próprio, de um autorrespeito e de uma autoestima espelhados em um retrospecto do que foi a vida desse estudante que anos depois tornou-se um professor. Ademais, ele continua valorizando e respeitando seus professores, querendo que as inovações tecnológicas, como a Internet, possam agregar sentido ao seu fazer docente e de seus colegas.

SD13

*O professor é a autoridade da sala de aula e, portanto, deve ser respeitado.*

A abordagem dada pela autora ao longo do texto me possibilita inferir que o problema da escola em foco está atrelado a uma patologia social, no caso da falta de limites, a qual tem como consequência a crise da autoridade paterna. Essa deficiência pode ser resultante de um atentado constante às condições sociais de autorrealização individual, como salienta Honneth, por parte tanto do corpo docente quanto do discente. Por isso, quando a experiência moral é quebrada, temos a expressão de um sentimento de desrespeito.

Em vista dessa realidade, a professora que lança o seu discurso parte em defesa de sua colega, trazendo o seu direito, a segunda esfera da Teoria do Reconhecimento do filósofo alemão, sem a qual a vice-diretora teria negada a sua autoridade e a sua força de convencimento frente ao fato de uma parede ter sido riscada por um aluno. Somada a esse fato, também saliento a diminuição do valor social dessa professora ou mesmo de todo o grupo escolar em que ela se insere, desvalorizando, sobremaneira, a sua forma de agir, o que pode, também, ocasionar a perda de sua autoestima.

Após um episódio de pichação na parede de uma escola de Viamão, na grande Porto Alegre, a vice-diretora da instituição de ensino chamou o aluno responsável por riscar o lugar de “bobo-da-corte” e deu-lhe como punição pintar novamente a parede. Não fosse o erro em insultar o aluno, a vice-diretora estava com o seu direito de exigir que a escola tivesse suas dependências cuidadas por quem deveria desfrutar do ambiente.

O que indignou a autora da coluna foi a defesa dos pais do aluno e dos demais colegas sobre a punição, para eles, injusta. Pareceu-lhe que todos os valores foram invertidos, tendo em vista que os pais não se assustam mais com as atitudes de seus filhos, apenas lhes deixam livres, sem nenhum tipo de censura. Comparativamente, ela salienta que diariamente professores são alvos de ofensas, porém nada é feito a respeito e não há repercussão social favorável ao corpo docente. Caso semelhante fora narrado na SD10, em que um estudante de Caxias do Sul colocara fita adesiva em sua boca e a professora fora julgada como culpada, com várias retaliações por parte da escola, dos pais e da sociedade.

Além disso, para o sujeito-enunciador, as escolas tentam resolver o problema disciplinar oferecendo palestras sobre limites, o que os pais não dão aos seus filhos. No entanto, escola e família deveriam trabalhar em conjunto para que professores e pais continuem sendo autoridades no século XXI, sem inverter os papéis como atualmente parece tão corriqueiro, o que impele a um campo profissional de indefinição, de contestação da palavra de um profissional da Educação.

Encadeando o estudo linguístico ao indicador sublinhado na sequência, parto do vocábulo “autoridade”, o qual surge como um substantivo feminino com os significados de “1 direito ou poder de ordenar, de decidir, de se fazer obedecer. 2 pessoa com esse direito ou poder. 3 representante do poder público. 4 influência exercida por uma pessoa sobre outra; ascendência. 5 força convincente; peso. 6 especialista respeitado em um assunto.” (HOUAISS, 2015, p. 107). Desses, apenas o terceiro não se enquadra no contexto da sequência discursiva em foco. Com eles, o período torna-se ainda mais enfático em relação ao que deve surgir de força docente, com suas decisões, sua influência, seu convencimento, sua especialização.

Para cada um dos padrões de reconhecimento intersubjetivo, há um equivalente subjetivo quando se aborda o desrespeito. Em especial, relacionando com o fato anterior, entendo que o sujeito-enunciador da coluna encontrava-se em espera pela

possibilidade de ter sua colega reconhecida como autoridade, contribuindo para educar os demais alunos e mostrar aos pais que limites precisam ser expostos a quem está sendo educado.

SD14

*Os professores se sentem impotentes e angustiados frente à desautorização e tomam atitudes diversas: uns ficam apáticos, outros somatizam a frustração, ficando doentes, e outros lutam para procurar um novo caminho.*

Os desafios de qualquer escola são o mote para a reflexão da professora estadual que divulgou seu texto no *Extra Classe* de abril de 2010. Com seu pragmatismo, ela vai traçando o perfil do professor estadual, o qual também serve ao docente da escola municipal ou privada, mais um exemplo evidente da tendência atual em não absolutizar a profissão docente, de levar a uma quase total desvalorização o profissional que nela atua.

Estar ou não de acordo com o que vem sendo o crescente acúmulo de tarefas de cada professor em sala de aula é o seu desabafo, não que a docente seja contrária às necessidades de mudanças e de inovações no dia a dia escolar, mas, como o título de seu artigo já salienta, os “desafios da escola real” são muitos, porém nem sempre há meios para alcançá-los da forma que leve cada professor a sentir-se motivado, respeitado e participante de uma equipe que trabalha para aprimorar o ensino.

Frente a todo um discurso que demonstrava o quanto os professores são alvos de uma crise em relação aos desafios da escola atual, o sujeito-enunciador mostra o quanto os docentes da escola pública e privada sofrem. Assim, a professora que escreveu para a coluna menciona todo um quadro de mudanças constantes, como a que ocorreu quando o Conselho Estadual de Educação aprovou parecer que orienta a inserção de normas de convivência nos regimentos escolares, e salienta que se estabelece um excelente momento para o debate com a sociedade e o estado do Rio Grande do Sul sobre o que deverá ser feito sobre as práticas inovadoras que motivem alunos e professores a permanecerem em sala de aula.

Para a enunciativa, nas escolas eclodem as angústias de uma categoria sofrida que vê, cotidianamente, aumentar a responsabilidade de formar alunos para enfrentar um mundo de desigualdades sociais, violento e com graves problemas ambientais.

Assim, ela destaca que nesse meio se levanta a questão da avaliação e recompensa ao professor. No entanto, vê que há um sistema com uma visão desconexa da realidade dos atores envolvidos com o fazer pedagógico: professores e funcionários são tratados muito mais como adversários do que como parceiros no educar.

Dessa forma, a docente enfoca alguns problemas muito comuns em várias escolas, como a tão alardeada inclusão sem as escolas estarem supridas de serviço pedagógico especializado. Somado a isso, há o número de alunos por sala, a necessidade dos docentes trabalharem em várias escolas semanalmente, os baixos salários e a falta de pessoal de apoio, os quais não permitem que o professor atenda plenamente todos os seus alunos.

Ademais, nas palavras da professora que lançou o texto na coluna, educadores motivados e respeitados requerem que o poder público entenda Educação como investimento, forneça suporte pedagógico, condições de trabalho. Sobretudo, que as escolas vejam o aluno como educando e não como cliente.

Para reforçar o contexto da informação, cada um dos indicadores linguísticos selecionados na sequência evidenciada retrata a perda de reconhecimento. O primeiro a ser buscada a significação é “impotentes”, o qual surge como um “adj. 1 (o) que não tem poder, força, meios para fazer algo.” (HOUAISS, 2015, p. 527). O segundo, também um adjetivo, denota o “estado de ansiedade, inquietude; sofrimento, tormento” (HOUAISS, 2015, p. 59), a que os professores são acometidos em seu ofício.

Por conseguinte, percebo que nesse discurso em foco há a ausência das esferas de reconhecimento de Honneth, posto que o contexto subjetivo fica prejudicado na fala da enunciadora, com a perda da sua autoconfiança, do autorrespeito e da autoestima, cuja consequência é também reflexo das perdas no contexto intersubjetivo, em que o Estado é o mecanismo propulsor da ausência de amor ao trabalho realizado por cada docente, pelos direitos trabalhistas postos em segundo plano, pela baixa estima social da atividade docente.

Retomo, então, a concepção de desprezo que o filósofo alemão já citou em artigo *Integridad y desprecio* (1992), em que ele menciona que as perdas de reconhecimento, com os sentimentos de impotência e de angústia, podem ser decorrentes de um ultraje. Esse se manifesta com o desprezo do valor social do indivíduo, acarretando, por conseguinte, em perda da dignidade, quando a personalidade é ameaçada; metaforicamente, quase como uma “morte”, decorrente desse lastimável quadro de

paradoxos e inesgotáveis sinais de uma sociedade neoliberal, a qual prima pela espúria remuneração do magistério, pelo aumento da posição sacrificial dos professores, há a disposição em um permanente devir-revolucionário.

SD15

(...) o papel do professor é primordial na formação do indivíduo e, por consequência, da sociedade.

Com uma visão utópica, a autora do texto de junho de 2010 discorre sobre a importância da profissão de professor como um ofício do futuro, porque ela sempre será essencial, primordial para a formação de outros profissionais. Ademais, infiro que ela, como professora universitária, demonstra a presença de reconhecimento social docente em seus dois âmbitos: intersubjetivo e subjetivo.

Por meio das relações de contribuição social, de *performance* e de estima social, as quais para Honneth propiciam o respeito universal, encontro a visão de grande relevância social dada ao docente. No âmbito subjetivo, analogamente, a enunciadora demonstra a sua autoestima, vinculada à terceira esfera da matriz social lançada na Teoria do Reconhecimento, e o aspecto de respeito mútuo, o qual reforça a inclusão social nesse processo de sociabilidade entre os sujeitos professor e estudante.

Desde o título “Professor é profissão do futuro”, infiro que a intenção do sujeito-enunciador do artigo de junho de 2010 era enfatizar a importância da função docente, do primeiro personagem na vida escolar de todos os estudantes. Assim, dando enfoque à história da humanidade, o sujeito-enunciador afirma a relevância docente em qualquer sociedade, não importando o século.

Em um diálogo aberto com o leitor, a professora que publicou esse texto questiona o seu interlocutor sobre um ou mais professores que marcaram a sua vida estudantil. Segundo ela, são pessoas especiais, cujas ações, conhecimento, experiência, caráter ou competência servem de modelo (ou de espelho) para a atuação futura da maioria de seus alunos.

A partir dessa visão, a enunciadora vai discorrer sobre o porquê de os professores serem a profissão do futuro, o porquê, no dinamismo de nossa sociedade, um grande contingente de docentes é essencial para conduzir o amplo processo educacional na qualificação de diversos outros profissionais, como os que atuam na

comunicação, na informática, no meio ambiente e no entretenimento, os quais necessitam de docentes para educá-los. Assim, ela ainda afirma que muitas crianças sonham em ser professores, porém, a oferta e a procura no eixo Sul/Sudeste brasileiros são menores do que o panorama nacional precisaria.

Como contraponto, o que temos são muitos jovens que desistem de ingressar nas licenciaturas e de atuar na carreira de professor, ao perceberem a desvalorização social, a baixa remuneração, a rotina desgastante do profissional. Em compensação, outras carreiras ditas mais promissoras são buscadas, como forma de retorno financeiro e *status* social. A busca das licenciaturas se dá apenas pelos estudantes provenientes da rede pública, geralmente pertencentes a nichos sociais menos favorecidos.

Por conseguinte, a autora do texto reforça a importância de cada professor procurar especializações, valorizando-se, pois o mercado de trabalho é promissor para quem busca estar bem capacitado e atualizado, exercendo a profissão com competência científica e qualidade emocional. Para os atuais e os futuros professores, portanto, fica, segundo ela, a segurança de terem escolhido o caminho certo, a necessidade de constantemente rever e repensar seus paradigmas e a responsabilidade de voltarem a sua ação para sua carreira, para o aluno e para a instituição a que pertencem.

Salientando os vocábulos “papel” e “primordial” dados a um professor, encontro a partir deles, respectivamente, o substantivo masculino que denota “3 personagem que cada ator ou atriz representa numa obra dramática. 4 dever, função, obrigação.” (HOUAISS, 2015, p. 702) e o adjetivo de dois gêneros “1 relativo a primórdio. 2 primeiro, primitivo. 3 que é importante; essencial.” (HOUAISS, 2015, p. 764). Ambos reforçando a presença do reconhecimento em relação ao trabalho docente.

Portanto, identifico a promoção de uma força de inclusão social, a qual promoveria o entendimento sobre o percurso do reconhecimento docente e sua consciente estima pela profissão. Com essas boas relações, haveria uma conciliação entre as diferenças de cada indivíduo, com suas escolhas pessoais e profissionais, e a sua identidade social.

SD16

*São peessoas especiais, cujas ações, conhecimento, experiência, caráter ou competência servem de modelo (ou de espelho) para a atuação futura da maioria de seus alunos.*

Tomando como base de minha interpretação os substantivos “caráter, competência e modelo”, além do adjetivo “especiais”, percebo que cada um demonstra a dimensão positiva da presença de reconhecimento social docente explicitada no discurso da autora. Com eles, posso traçar a força de inclusão social que o sujeito-enunciador quis dar para si e para os demais professores que passaram por uma vida estudantil.

Encadeando à matriz social da Teoria do Reconhecimento de Axel Honneth, da forma como ela foi concebida, posso notar que as três esferas, começando pela do amor, depois a do direito e, em seguida, a da estima social vão se entrelaçando nesse discurso. Com elas, no contexto intersubjetivo, percebo o reconhecimento social pretendido por qualquer pessoa em seu ofício, mais ainda do professor em seu meio de atuação.

Para embasar o que menciono, trago ao foco da análise o contexto do artigo publicado em junho de 2010, no qual a professora salienta a importância dos professores como profissão para o futuro, tendo como base o passado de cada estudante. Como mostrado anteriormente, na sequência discursiva quinze (SD15), a autora vai discorrer sobre o motivo de os docentes serem especiais para conduzir o amplo processo educacional na qualificação de diversos outros profissionais, os quais sempre necessitam de docentes para educá-los.

Assim, ela questiona o interlocutor para saber como foi, na nossa história, a presença dos professores que passaram por nossa vida escolar. Afirma que poderíamos citar um ou mais professores que nos marcaram. Além de citar que atitudes profissionais, mesmo quando não percebidas como tais pelo aluno, geram interações positivas dentro ou fora da sala de aula.

Referentes à presente sequência discursiva, saliento o adjetivo “especiais”, cuja significação surge como “1 que tem função, propósito ou aplicação particular. 2 exclusivo para determinado indivíduo ou grupo. 3 fora do comum, excelente.” (HOUAISS, 2015, p. 408), tendo em vista a qualificação dada aos professores como “pessoas especiais”. Em seguida, destaco os substantivos “caráter”, “competência” e “modelo”, os quais surgem, respectivamente, como “1 personalidade, temperamento, índole. 2 traço distintivo da pessoa, coisa ou grupo. 3 sinal. 4 honestidade, dignidade.” (HOUAISS, 2015, p. 182), em relação ao primeiro termo; “1 conjunto de conhecimentos ou habilidades; aptidão. 2 autoridade atribuída a um indivíduo por seu cargo ou sua função; atribuição, alçada.” (HOUAISS, 2015, p. 232), sobre o segundo vocábulo; e “1 aquilo que serve para ser reproduzido (...) 6 coisa ou pessoa que serve de

imagem, forma ou padrão a ser imitado, ou como fonte de inspiração” (HOUAISS, 2015, p. 645), a respeito do terceiro substantivo. Com cada um desses vocábulos, fica inerente a valorização e o reconhecimento do docente na sociedade.

Somado à exterioridade, na constituição de sua identidade pessoal, percebo a consolidação do que está internalizado nessa professora enunciadora, com a sua defesa da profissão de professor para o futuro e, ainda mais, de sua convicção frente às suas escolhas. Por conseguinte, as esferas do reconhecimento tanto no âmbito da coletividade como da individualidade repercutem positivamente na autonomia de cada professor em seu ofício e nos demais indivíduos que, talvez, busquem essa atividade como profissão.

SD19

*(...) o papel do professor tornou-se muito mais complexo do que no passado recente.*

Quando a interação social entre estudantes e professores não é constituída a partir de autoconsciências individuais, quando não há cooperação entre os indivíduos que compõem a escola, o processo educativo fica prejudicado e o reconhecimento de cada um inexistente. Daí surge, pois, o papel complexo exercido por cada professor que não consegue resultados no meio em que atua.

Sabendo que Honneth evidencia que o conflito é desencadeador de uma ação social, ainda assim, parece-me que não havendo estima pelo trabalho do professor, não surge o respeito e o conseqüente reconhecimento social docente. Por isso, o contexto desfavorável irá interferir nas três esferas da Teoria do Reconhecimento do filósofo alemão, tendo em vista uma configuração de baixa autoestima, de autoconfiança prejudicada e de perda do autorrespeito do profissional envolvido com uma realidade de adversidades.

O autor do texto é um professor que nos fala a respeito da “crise da escola”, título da coluna do *Extra Classe* de dezembro de 2011. A partir desse rótulo, ele vai nos mostrando o assunto que pauta o seu discurso, dando ênfase ao motivo pelo qual a escola tornou-se um lugar em que os jovens inventam e organizam suas novas culturas, desprezando o conteúdo escolar, o qual consideram maçante.

Assim, o sujeito-enunciador vai nos mostrando que a escola tornou-se um local em que alguns veem sentido, outros não veem sentido algum, apenas a frequentam porque não querem deixar de lado as refeições, os benefícios sociais, os amigos, os

namoros, ou seja, o meio de socializarem. Dessa forma, os estudantes sempre tentam vivenciar os processos de humanização nessa instituição, o que têm negligenciado por suas famílias e pelo próprio Estado.

Não vendo um fim prático de ascender socialmente a partir de sua escolarização, os jovens transformam as aulas em “festivais de bocejos” (expressão utilizada pelo autor do texto), porque as consideram enfadonhas, chegando até a comportamentos agressivos, rebeldes e levando-os a um enorme desinteresse. Alguns desses estudantes querem o certificado de conclusão apenas por justificativa social.

No entanto, o autor do texto, um professor de história, salienta que é necessário mostrar a esses jovens o quanto necessitam se conscientizar da necessidade de aprender a escrever, a ler, a falar. Enfim, instrumentalizar-se para que possam ser indivíduos críticos, capazes de refletir sobre tudo e de conviver em sociedade, não apenas no grupo escolar em que estiveram inseridos.

Na retomada da expressão “papel do professor”, a qual já surgiu em momento precedente na SD15, saliento também o adjetivo “complexo”, cujo significado surge em dois tópicos que repercutem no contexto da palavra “1 que se compõe de elementos diversos relacionados entre si. 2 complicado, difícil” (HOUAISS, 2015, p. 233). A partir dessa denotação, percebo a carga negativa dada à atividade, o ofício penoso em que se transformou a docência.

Para que haja a reconciliação entre os diferentes discentes e seus docentes, urge, pois, que as relações intersubjetivas permitam essa expectativa entre os sujeitos. De uma exterioridade marcada pelo amor ao ensino, dos direitos assegurados aos membros escolares e da estima social resultante da chance de cada professor se fazer conhecer através de sua *performance*, de sua contribuição didático-pedagógica e dos valores morais e sociais que ele transfere em sua atividade diária, emerge o possível caminho para se reverter essa ausência de reconhecimento docente.

SD20

*O professor é um dos protagonistas do processo de ensino e aprendizagem, o outro é o aluno.*

Também como docente, incomoda-me ver a força dada a vozes que não conhecem a realidade de uma sala de aula, mas que são tornadas as personagens mais

respeitadas nas falas vinculadas pela mídia televisiva, como se apenas os números referentes ao mercado fossem o único indicativo de que o ensino está dando certo. Na presente coluna, não é um economista que assumirá esse papel, nem pela falta de formação e nem pela falta de experiência profissional.

Quem realiza contínua e prolongadamente uma atividade é o protagonista daquela atividade. Sendo assim, reconhece-se aqui a primeira esfera de reconhecimento de Honneth no contexto intersubjetivo: o amor pela atividade que se exerce. Com ele, o indivíduo confirma sua autonomia como sujeito em si e no mundo, no caso, na instituição escolar em que está vinculado. Essa experiência estabelece, também, uma relação positiva entre as pessoas com quem ele se relaciona e resulta em autoconfiança, uma das esferas de Honneth no contexto subjetivo.

Sentindo-se incomodado por não ver professores dando a sua opinião sobre questões relacionadas à Educação (ENEM, distúrbios da USP, entre outros), o sujeito-enunciador da coluna em foco quis mostrar o quanto os docentes estão colocados como coadjuvantes das cenas em que eles seriam os especialistas na matéria. Assim, o professor-autor vai exemplificando momentos em que os docentes deveriam ser os protagonistas, mas, infelizmente, outros profissionais surgem para fazer declarações sobre Educação, como o economista citado, que não tem a formação ou a prática para tratar sobre problemas sérios de cada realidade escolar.

Surge, então, uma sequência de fatos que servirão como argumentos convincentes sobre o quanto cada professor deve ter seu papel valorizado, em contrapartida ao que a mídia tenta desmerecer. O sujeito-enunciador salienta o número de alunos que os docentes precisam administrar para ministrar uma aula, da atenção para prender os alunos, uma tarefa quase impossível, frente à preocupação de cada estudante com o namoro, as brigas familiares, os desentendimentos com os amigos. Em contrapartida, o que tem importado aos economistas em geral são as estatísticas sobre a educação brasileira. Importa que alguns saibam ganhar dinheiro, por isso lhes é dada a palavra no lugar dos professores.

Assim, o sujeito-enunciador ergue a bandeira de que cabe aos professores fugirem de sua coadjuvância. Os docentes precisam ser ouvidos, fazerem-se ouvir, sem esperar convites. Somente assim poderemos ser protagonistas da educação, já que o autor inclui todos os leitores professores da coluna do jornal *Extra Classe*.

Para enfatizar a ideia do autor do texto, ao longo da sequência discursiva selecionada, encontro como indicadores de reconhecimento o substantivo “protagonistas”, o qual surge com a significação de “1 que(m) é personagem principal de peça de teatro, livro, filme etc; 3 (indivíduo) que tem papel de destaque num acontecimento” (HOUAISS, 2015, p. 773). Em seguida, o vocábulo “processo”, com o qual verifico a “1 realização contínua e prolongada de alguma atividade. 2 método, procedimento” (HOUAISS, 2015, p. 765).

Vinculando a esse processo, evidencio os termos “ensino” e “aprendizagem”, respectivamente, vistos como “1 transferência e/ou troca de conhecimento; instrução. 2 conjunto de sistemas adequados e necessários a essa transferência e/ou troca. 3 conjunto de métodos e estratégias usadas nessa transmissão. 4 transmissão dos princípios da vida em sociedade; educação. 5 lição, experiência, ensinamento. 6 ofício de professor; magistério” (HOUAISS, 2015, p. 385). Quanto ao segundo termo, sobre ele recai o substantivo “aprendizado”. A partir desse, saliento “1 processo de aprender; aprendizagem. 2 duração desse processo; aprendizagem” (HOUAISS, 2015, p. 74), os quais consolidam a argumentação do sujeito-enunciador do discurso.

Por conseguinte, adicionando às condições sociais de autonomia à esfera do direito, teríamos assegurada a premissa de igualdade entre os indivíduos que participam da sociedade, independentemente de suas formações, mas, principalmente, sem desmerecer a formação de cada licenciado. Somado a isso, no desdobramento das esferas de reconhecimento, a intersubjetividade, vinculada à sociabilidade, temos traduzido o reconhecimento que o sujeito-enunciador da coluna em foco gostaria que houvesse para os docentes.

SD21

*Em síntese, na atualidade, parece estar se consolidando entre os docentes a percepção de uma cultura de descartabilidade dentro do segmento educacional, e que este descarte pode ocorrer a qualquer momento.*

A abordagem da ausência de reconhecimento atrela-se às patologias emocionais advindas com a perda do vínculo de um docente em uma escola. Essa realidade de ser um indivíduo “descartável”, sem importância, mesmo tendo auxiliado por anos em uma

instituição, afeta sobremaneira a autorrealização individual, a autoestima e o autorrespeito dos professores, esferas de reconhecimento no âmbito subjetivo.

No entanto, com uma visão empresarial que as escolas têm demonstrado administrar as instituições escolares atualmente, o resultado em relação ao corpo docente é uma insegurança, um sentimento de atentado aos seus direitos, um esquecimento do seu papel e às suas condições sociais e profissionais. Quando um ser humano vê suas expectativas e seu investimento frustrados, o desapontamento pode ser tão grande que o leva a uma experiência de “morte social”, com o desprezo dos direitos e a conseqüente perda de reconhecimento social, profissional e jurídico.

Assim, o desencantamento com a profissão é o assunto da coluna de abril de 2013. Nela, o sujeito-enunciador, a professora universitária e psicóloga do Núcleo de Apoio ao Professor contra a Violência (NAP), serviço oferecido pelo SINPRO, quando das rescisões de contratos dos docentes nas escolas particulares do estado do Rio Grande do Sul, propõe mostrar as falas desses professores ao terem seu vínculo empregatício encerrado.

Também chamou a atenção da autora o grande número de pedidos de demissão dos professores. Como motivos mais frequentes, ela percebeu que os docentes eram motivados por diversos fatores, entre eles os concursos públicos e a desistência da carreira. Quanto à faixa etária, essa não era a premissa para abandonarem a docência, não eram apenas os mais jovens e nem os mais velhos. A fala de cada um recaía sobre o ideal de fazer a diferença na sociedade, mas que o perderam, pois o brilho apagou. Apenas restou a frieza da lei, de um meio que adocece esses profissionais e, portanto, os desestimula em demasia.

Na análise linguística dos indicadores do trecho em estudo, encontro na expressão sublinhada os substantivos “cultura” e “descartabilidade”, com os quais tenho, respectivamente, “3 conjunto de padrões de comportamento, crenças, costumes, atividades etc. de um grupo. 5 *fig.* conhecimento; instrução” (HOUAISS, 2015, p. 277). Quanto ao segundo vocábulo, tive de recorrer ao grande dicionário Houaiss, no qual surge o termo com os significados de “qualidade ou característica do que é descartável. 1 possibilidade de se pôr de lado, de não se utilizar. 2 *fig.* possibilidade de rejeitar (alguém ou algo), colocando-o de lado; descarte” (HOUAISS, 2001, p. 964), ambos reforçam a ausência de reconhecimento do profissional que atua em sala de aula.

Por conseguinte, pela pesquisa feita pela autora, descortinou-se uma realidade dos colegas docentes que estão se acostumando com a “cultura da descartabilidade” dentro das escolas, a qual pode ocorrer a qualquer momento. Quanto a esse preparo do descarte, os sujeitos estão avisados que ele poderá ocorrer, conseqüentemente, passarão a investir menos afetivamente na profissão, o que deveria ser o motor para um bom desempenho.

Frente à mudança na CLT (2017) e à pretendida na previdência social do país, parece que o futuro favorece cada vez mais essa “cultura de descartabilidade”, em que entendo que a dimensão das três esferas do reconhecimento de Honneth ficam prejudicadas em demasia. A autoestima, o autorrespeito e a autoconfiança de qualquer docente excluído, privado de seu ofício, descartado, ficam prejudicadas, o que precisará servir de motivação para uma luta por reconhecimento de sua experiência. Para tal, precisa-se de um longo caminho, o que demonstra a psicóloga e pesquisadora.

SD22

*Que professor sou ou serei importa muito para mim e para muitos outros professores. Importa, especialmente, não ser um professor papel em branco, pois, assim como os estudantes com os quais trocamos experiências e saberes vida a fora, também temos leitura social extraclasse. (...) Também somos humanos e rimos, choramos, amamos... Também rasgamos quando não cuidados e não valorizados.*

Atingidos anualmente com novas mudanças nas escolas, os professores sentem-se diminuídos em relação à sua atuação. Frente a isso, o sujeito-enunciador desse discurso nos mostra que os docentes não querem que sua ação seja vista como desnecessária, como de alguém “papel em branco”, sem importância.

Para as relações de dedicação emotiva, mais do que apenas as profissionais, os docentes são o exemplo marcante dessa realidade, pois criam vínculos com os estudantes a quem atendem, com o corpo docente no qual se incorporam, com a instituição em que escolheram e foram escolhidos para atuar. Não há como desvincular, então, as esferas de reconhecimento do âmbito intersubjetivo: o amor, pois ele surge com as relações humanas diárias e com o sentimento pelo seu trabalho, com a estima ao que se faz; o direito, com garantias iguais entre os demais membros da escola; e a

estima social, com a valorização da atuação em sala de aula, por parte de alunos, pais e grupo escolar.

Em dois longos parágrafos, o sujeito-enunciador da coluna *Palavra de Professor* de novembro de 2013 mostra que dos professores esperam-se múltiplas tarefas e a escola dá o nome de “papel” para essas funções ou capacidades que são cobradas de cada docente. Por conseguinte, o autor vai traçando, metaforicamente, comparações com o papel artesanal, feito à mão, ou o papel autocopiativo, de alto valor agregado.

O autor questiona o leitor sobre a possibilidade de cada professor se construir sozinho, com base nas reflexões de leituras e práticas educativas. E pergunta-nos, como leitores, se essas leituras já não nos levariam a deixarmos nossas convicções, de sermos nós mesmos, o que revela a mistura das posições dos docentes em suas multitarefas nas instituições em que atuam.

Em seguida, ele volta a comparar cada tipo de papel com os vários tipos de professores, a exemplo do professor *papel bíblia*, o qual seria finíssimo, quase transparente; porém, teria suas palavras perenes. Ou o professor *papel seda*, finíssimo e transparente, como um professor de bons modos, educado, cortês, mas que talvez se esconda por trás das muitas invisibilidades que as escolas e outras instituições sociais impedem que produzam maior conhecimento; ou que é aquele que claro em suas posições e formas de trabalhar é solidário no seu avaliar e questionar.

Importa muito ao sujeito-enunciador o tipo de professor que ele é ou será. Importa, principalmente, ele não ser um professor *papel em branco*, pois ele tem uma leitura social extraclasse a qual preza, visto que é um professor universitário de Ciências Sociais. Também ele e outros colegas que admira têm trajetórias de vida. Também eles são humanos: riem, choram, amam, rasgam quando não cuidados e não valorizados.

Para evidenciar a ausência de reconhecimento docente, em relação ao que sublinhei no trecho em análise, fui buscar o significado dos vocábulos “papel”, “branco”, “rasgamos”, “cuidados” e “valorizados”, os quais surgem figuradamente na sequência discursiva. Com o primeiro, fiz o recorte em que surge “3 personagem que cada ator ou atriz representa numa obra dramática. 4 dever, função, obrigação (HOUAISS, 2015, p. 702). Com o segundo, encontrei de forma figurada a locução “em branco”, a qual significa “que não está preenchido”. Com a terceira, descobri o verbo “partir(-se) em pedaços irregulares. 2 golpear, ferindo muito; dilacerar. 3 *fig.* afligir-se, atormentar-se” (HOUAISS, 2015, 796). Com a quarta palavra, recorto os sentidos de

quem não tem “2 atenção especial; cautela. 3 desvelo que se dedica a algo ou alguém” (HOUAISS, 2015, p. 276). E, com o quinto vocábulo, evidenciado a negação para “1 a que se deu valor ou cujo valor foi reconhecido. 2 que teve o seu valor aumentado; encarecido” (HOUAISS, 2015, p. 957). Com cada um, encontro o rumor das palavras, as quais gritam uma crítica sobre o personagem que tem seu papel desmerecido ou negado.

Entendo que, quando não cuidados, não valorizados e não reconhecidos em seu trabalho, os docentes sentem-se desprezados, sua força de inclusão social é afetada, o respeito mútuo desaparece. Portanto, metaforicamente, “rasgamos quando não cuidados e não valorizados”, como um frágil papel. Nesse processo identitário de autoestima, de autorrespeito e de autoconfiança, o professor encontra a experiência de ser um ser humano fragilizado em relação às esferas de reconhecimento no âmbito subjetivo, alvo de conflitos pessoais e profissionais que podem desestabilizá-lo, acarretando os prejuízos nas categorias do âmbito intersubjetivo que Honneth delineou. Por isso, acredito que a educação é reflexo da sociedade. Ambas precisam estar efetivamente vinculadas e organizadas.

## **2º grupo: Formação e qualidade do ensino**

SD 3

*A qualidade do serviço prestado passa por algum tipo de especificidade na formação do docente; sem isso e sem o respeito à sua condição de professor, é difícil esperar bons resultados no mercado de ensino de idiomas.*

Com a pretensão de demarcar bem quem seria um bom profissional do ensino de idiomas, o sujeito-enunciador vai traçando uma análise sobre a necessária formação e o profissionalismo dos professores de línguas estrangeiras. Para mim, parece oportuno salientar a postura desse docente em relação a todo indivíduo que ao ter domínio de uma língua estrangeira, tendo um diploma do curso que fizera, sente-se no direito de e encontra espaço para atuar como docente, tirando o espaço de qualquer licenciado em Letras com ênfase em um idioma que não seja a língua materna.

Frente a essa realidade, também é descrito que a legislação não exige a formação específica para o profissional que atua lecionando uma língua estrangeira, primeiro por entender que estão fora das escolas de formação em que o idioma faz parte do currículo

a ser trabalhado. Além disso, salienta a preocupação didático-pedagógica que vê em relação ao impacto da atuação desse profissional não licenciado na vida estudantil, em especial crianças e adolescentes. Para o sujeito, em sua posição de docente, é difícil esperar bons resultados no mercado de ensino de idiomas dada essa realidade.

Ademais, o que encontro é o texto de um professor de língua estrangeira que defende que ser um bom professor de idiomas também significa ser um bom usuário da língua com a qual trabalha, mas nem todo o usuário será um bom professor. O sujeito-enunciador põe em evidência essa ideia para tentar defender a profissionalização do ensino de idiomas estrangeiros, com a capacitação através de uma licenciatura, com uma boa base teórica que deverá ser espelhada na sua prática de sala de aula, parafraseando as últimas palavras citadas no texto de junho de 2007 da coluna do jornal *Extra Classe*. Assim, o enunciador vai traçando toda a sua reflexão em cima dessa necessidade de os professores não serem apenas “instrutores”, mas cada vez, profissionais mais qualificados.

Por sua vez, o título do texto também salienta o objetivo de todos os professores de idiomas apresentarem profissionalismo e formação. Dá-se, portanto, prioridade, nesse caso específico, ao vínculo do docente com o Sindicato dos Professores Particulares do Rio Grande do Sul (SINPRO-RS), tendo em vista a ligação entre os licenciados, os quais atuam na rede de educação do estado, e a sua associação sindical.

Traçando a força linguística do excerto em destaque, ao consultar o Pequeno Dicionário Houaiss (2015, p. 821), encontrei as seguintes definições para o substantivo “respeito”: “1 sentimento que leva a tratar alguém ou algo com grande atenção; consideração, reverência. 2 obediência, acatamento.” Com eles, também estão vinculados os antônimos de “desrespeito” e de “desobediência”, o que fica evidente pela presença da preposição “sem” antecedendo-os.

Vinculando à teoria do reconhecimento de Honneth, posso pensar em uma ausência ou negação de respeito advinda de uma instituição e de alunos que exigem a formação ou a especialização do professor no ensino de uma língua estrangeira. Arelada a ela, remeto-me à sociabilidade do indivíduo, em que a sua interação social é constituída em uma ação cooperativa com os demais atores sociais. No caso, professores de idiomas e estudantes que deveriam se reconhecer como parte dessa ação cooperativa, demonstrando ter respeito pelo trabalho docente.

No discurso contrário aos profissionais que atuam ensinando idiomas estrangeiros, mesmo sem apresentarem uma licenciatura com essa ênfase, o enunciador mobiliza a sua ideologia social para argumentar sobre essa desigualdade de direitos profissionais e sociais. Percebo, então, que a quebra da matriz social de Honneth fica evidente com um docente que não se sente respeitado em seus direitos de formação e de atuação e, conseqüentemente, não demonstra estima social por outro profissional, o qual denomina de “instrutor” de idiomas.

Nessa imagem que se forma, depreende-se ainda um discurso em que competem os contextos intersubjetivos da Teoria do Reconhecimento: autoconfiança, autorrespeito e autoestima, talvez, perdidos pelo sujeito-enunciador, que demonstra querer resgatá-los como força de inclusão social e de reconhecimento de seu papel social, com a demarcação de sua autoimagem e de seus pares, somado a sua autoestima profissional.

SD9

*(...) não discutimos suficientemente sobre a atuação do professor e sobre sua responsabilidade na formação de crianças e adolescentes.*

Motivar a atuação docente de futuros licenciados, tendo ciência de sua responsabilidade, da obrigação que lhe competirá, não é tarefa fácil. Encontrar os valores motivacionais para isso parece cada vez mais decisivo para que haja a certeza da escolha pela docência. No entanto, para o sujeito-enunciador, surge a dúvida de como fazê-lo em um período de tantas adversidades socioeconômicas.

Responsabilizar apenas os professores pela educação de crianças que chegam às escolas tem sido comum nas últimas duas décadas. Porém, a tarefa de educar vem dos pais ou dos responsáveis; o ensinar os conhecimentos técnico-pedagógicos, agregando valores morais aos que os familiares já transmitiram parece ser apenas uma obviedade em uma interação social constante entre escola e comunidade escolar.

Assim, no texto publicado em abril de 2009 na coluna *Palavra de Professor*, encontrei um importante discurso sobre o papel do professor de outros professores. Com ele, a autora, uma professora universitária, reflete sobre a atuação docente nos cursos de licenciatura. Para ela, a função de quem auxilia na formação de outros professores requer generosas doses de dedicação e de otimismo.

Em contrapartida, os professores de professores são, além disso, apresentados como responsáveis por uma grande desmotivação que abate os licenciados e também muitos colegas de universidade. Talvez, segundo a autora, seja pela falta de discussão sobre a atuação do professor e sobre sua responsabilidade na formação de crianças e de adolescentes. Para isso, como possibilidade de iniciar uma solução para esse problema, ela sugere que sejam fornecidos momentos de diálogo sobre os problemas por que passam esses acadêmicos, somado a leituras sobre a área em que atuarão. Essas leituras deixariam os estudantes universitários atualizados sobre a licenciatura escolhida, sobre as questões pedagógicas, além de melhorar sua autoestima, acarretando na valorização de sua escolha profissional como professores. Por conseguinte, o diálogo franco e a atualização constantes sobre a docência podem levar os futuros professores a terem orgulho da carreira que escolheram. Assim, muitos terão a esperança de vislumbrarem um bom futuro na Educação.

Na presente sequência discursiva, encontro o indicador “responsabilidade” que me leva a conhecer como significados “1 obrigação de responder por seus atos ou de outros. (...) 3 encargo, obrigação, tarefa que compete a alguém. 4 procedimento reto, sério. Com cada um deles, reforço a intenção da autora em mostrar o que advém com a escolha de uma licenciatura, com as obrigações de cada professor.

Por conseguinte, demandar horas de uma boa formação dos profissionais docentes, além de investimento em sua atualização, dando-lhes condições para isso, reconhecendo o seu esforço nessa capacitação, respeito pelas suas outras atividades, uma boa remuneração e a presença de reconhecimento social, eis o caminho para motivar jovens e adultos a quererem assumir a responsabilidade de serem docentes. As deficiências sociais precisam ser sanadas primeiramente. O amor à profissão, o direito a sua força individual e a estima social pela sua atuação aparecerão como respostas do reconhecimento social, evidências da matriz social idealizada por Honneth.

SD17

*Realmente, uma boa aula depende principalmente da formação do professor, mas também da continuação de seus estudos. (...) Então, é preciso dinheiro para comprar os livros necessários e tempo para estudá-los.*

A abordagem do reconhecimento social, com os direitos de cada profissional, atrela-se a um estereótipo nacional: todo professor é mal pago, desvalorizado e, conseqüentemente, desrespeitado. Há um preconceito resultante de uma visão de que a produção e a transmissão de conhecimento devem ser trabalhos gratuitos. Para alguns, ser professor não surge como uma escolha que envolve a constante capacitação, atualização e desenvolvimento de uma concepção de vida voltada para o ensino.

Pensando as esferas do reconhecimento da teoria de Honneth, percebo que o autor da coluna em evidência quis trazer a discussão sobre os aspectos tão problemáticos em nossa sociedade: os direitos docentes de uma boa remuneração, da sua valorização social e do reconhecimento de sua atividade como uma profissão. No entanto, muitos desses problemas são alvo de um discurso simplista, que apenas coloca o professor como um integrante da sociedade que nunca ganhou bem e isso deveria continuar assim; pelo menos, hipocritamente, alguns afirmam isso, conforme mostra em exemplos o sujeito-enunciador do texto.

Com um discurso incisivo, o professor de literatura autor da seqüência discursiva em análise mostra-nos as evidências de que o salário de um professor pesa e muito para o bom rendimento das aulas por ele ministradas. Assim, vai exemplificando um fato que vivenciou na escola em que atua: expôs o quanto acredita ser necessário receber bem, mas prontamente foi repreendido por um de seus colegas.

A partir desse episódio, ele enfatiza que o salário pode não fazer a diferença na qualidade do ensino, mas ajuda, e quem nega isso demonstra uma falsa ignorância. Então, para deixar consistente o seu argumento, o autor menciona uma reportagem feita em TV a cabo, na qual Gustavo Ioschque, economista; Mozart Neves Ramos, educador; e Renato Corona Fernandes, engenheiro da Fiesp, debateram os investimentos feitos na educação nos últimos anos. Segundo pesquisas apontavam à época do texto, esses investimentos alcançaram os níveis de países desenvolvidos, mas o salário do professorado ficava muito aquém desses países ditos de Primeiro Mundo.

Em seguida, o sujeito-enunciador demonstra que, como professor de literatura, ele também tem mais gastos conferindo qualidade ao seu ensino do que foi apontado pelo debate raso do economista do programa televisivo. Para o autor, investimentos com a compra de livros, cinema, teatro, espetáculos musicais, o que influenciam no seu trabalho, além de acesso à TV a cabo e à Internet, demandam maiores recursos do que foi divulgado pelo economista entrevistado Gustavo Ioschpe.

Portanto, o professor autor dessa coluna lança a sua crítica e faz o leitor docente também pensar em como bancar todos esses gastos. Ele gostaria que o economista refletisse sobre essa realidade exposta, porque estaria, enfim, discutindo um assunto que deve dominar em sua especialidade.

Em relação ao material linguístico, o indicador que saliento na expressão sublinhada é “formação”, o qual surge como “1 a criação, constituição. 2 posicionamento, ordenamento. 3 conjunto dos cursos concluídos e graus obtidos por uma pessoa. 4 maneira como uma pessoa é criada; educação” (HOUAISS, 2015, p. 464). Com ele, posso acreditar que a argumentação do autor do texto torna-se ainda mais consistente, pois a formação de um professor demanda um conjunto de cursos para a constituição de sua prática.

Vemos, portanto, antagonismos no processo educativo, pois enquanto se deseja o desenvolvimento da educação e das instituições de ensino, modernizando-as, o corpo docente não recebe o retorno financeiro que mereceria para cumprir com todas as atividades culturais e aprimoramento acadêmico que precisaria para ministrar aulas mais “atualizadas”. Então, vinculando com a terceira esfera de reconhecimento de Honneth, percebo que a estima social, também chamada de *performance*, traduz os valores de uma vida em comunidade, por isso a capacidade e o desempenho dos integrantes de um grupo social com as mesmas afinidades, no caso os docentes, deveriam ter a chance de serem desenvolvidas, sem desprezo por parte de outros grupos sociais.

SD23

*Para nós representa uma contradição que professores que devem tomar para si a tarefa de formar gerações e de educar crianças e jovens tenham condições de trabalho penosas e, além disso, formação de qualidade prejudicada.*

Entendo que, assim como boa parte das sequências discursivas anteriormente analisadas, o presente trecho reforça a ausência de reconhecimento social docente. Com ele, é possível inferir as esferas de reconhecimento sendo negadas na exposição dos conflitos que são ocasionados pelas dificuldades na formação de um futuro professor.

No âmbito intersubjetivo, para cada uma das esferas de reconhecimento há um padrão de desrespeito equivalente. Assim, para as relações de dedicação emotiva, encontramos as condições de trabalho penosas; para a falta de reconhecimento jurídico,

surge a negação dos direitos profissionais frente a uma dura realidade; e para o reconhecimento social, emerge a diminuição do valor social dado ao indivíduo que escolheu ser professor, desvalorizando as suas formas de viver e de agir, ou mesmo com a desprofissionalização de sua atividade.

Na coluna de março de 2015, a professora universitária que expõe suas ideias fala a respeito da realidade diversa do ideal dos alunos de graduação que se preparam nas Ciências Sociais e na Pedagogia, cursos em que atua. Para ela, o estudo e o trabalho de pensar são essenciais à profissão de um licenciado. No entanto, o sacrifício dos estudantes para terminarem seus estudos é imenso, a fim de conciliar seu trabalho e sua formação.

Assim, o sujeito-enunciador vai traçando a realidade que afeta os alunos universitários com quem tem contato. Condições de trabalho penosas, formação de qualidade prejudicada, falta de tempo dos professores municipais para se dedicarem aos estudos. Por conseguinte, surgem os questionamentos a cerca dessa realidade

“Se o trabalho é na área da Educação, um não deveria complementar o outro? Se o estudo é parte da formação, qual seria o fundamento do conflito? É possível criar sem tempo para descansar? O tempo de descoberta, de reflexão e construção do conhecimento não é trabalho?”  
Palavra de Professor, *Extra Classe*, mar 2015)

Consequentemente, surgem atrasos dos universitários para as aulas, o tempo em que permanecem também fica prejudicado, a prorrogação da entrega de trabalhos é constante, as faltas tornam-se frequentes, as condições de saúde sofrem danos, fatores que acarretam perdas também no rendimento dos estudantes. Portanto, essas constatações reforçam, para a autora, que é necessário dar mais tempo para pensar a formação de professores, para que os estudantes possam desfrutar dos espaços da universidade, para que haja uma politização dos universitários, para que se percebam as contradições da realidade. Basta de apatia e de atitudes de aceitação com frases “É assim, fazer o quê?”

Assim, para evidenciar os indicadores de ausência de reconhecimento, sublinhei algumas expressões da sequência discursiva em foco e, em cada uma delas, fui buscar o significado de “condições”, “penosas”, “qualidade” e “prejudicada”. A partir de cada uma delas, encontrei com a primeira “3 requisito, exigência. 4 situação ou posição na sociedade” (HOUAISS, 2015, p. 239). Com a segunda, o adjetivo “penoso”, “1 que provoca sofrimento. 2 árduo, difícil” (HOUAISS, 2015, p. 720). Com o terceiro

vocábulo “qualidade”, vinculado à formação, a qual já foi pesquisada em sequência anterior, encontrei “1 atributo que determina a essência ou a natureza de algo ou alguém. 2 valor moral; virtude. (...) 4 condição social, civil, profissional” (HOUAISS, 2015, p. 782). Com o quarto termo, encontrei o verbo “prejudicar”, com o qual percebo a conotação utilizada no trecho “2 (fazer) sofrer dano ou lesão; estragar(-se), danificar(-se). 3 ser um obstáculo a; atrapalhar. 4 tornar sem efeito; anular, invalidar” (HOUAISS, 2015, p. 757). Cada um dos vocábulos pesquisados reforça a ausência de reconhecimento e o quadro deficitário em que se encontra a autora do texto, tentando formar futuros professores que nem sempre encontram condições para levarem adiante o seu curso.

Consequentemente, percebemos, a perda de motivação na formação de um licenciado, já que existem tantos obstáculos para a sua meta ser cumprida. Entendo que as pessoas demonstram perder a sua confiança na escolha profissional, sem perspectivas promissoras; o autorrespeito é atingido, pois a sua atividade é desvalorizada; e a autoestima fica ameaçada através desse desprezo do valor social do indivíduo professor. As três dimensões das categorias da Teoria do Reconhecimento sendo atingidas levam o indivíduo, infelizmente, ao quase abandono de sua força individual e social.

### **3º grupo: Políticas voltadas à docência**

SD8

*Nosso interesse é também sensibilizar a comunidade e os governos para desenvolver políticas públicas que atendam o professor, seu importante trabalho e sua saúde.*

Ser reconhecido pelo seu importante valor social e profissional, eis o foco da sequência discursiva na presente análise. Com essa busca pelo reconhecimento, infiro que as três esferas da teoria de Axel Honneth são buscadas em sua plenitude, pois elas atuam sobre os contextos intersubjetivo e subjetivo, analogamente.

Os campos de influência do amor, do direito e da estima social, espelhados na autoconfiança, no autorrespeito e na autoestima de cada docente demonstram que o indivíduo precisa estar em equilíbrio para a sua força social e para a sua autonomia. Por isso, buscar políticas públicas que mantenham a segurança de cada profissional, a sua harmonia em sua vida e em suas atividades docentes é uma prioridade.

Desse modo, encontramos uma professora universitária e psicóloga como a autora da coluna *Palavra de Professor* de dezembro de 2008, como já ocorrera em outro discurso precedente. Com ela, o leitor identifica que a interação nas escolas fascina e desafia os psicólogos. Conhece-se, então, a Psicologia Positiva, por meio da qual se estuda a saúde, e não, a doença, para promover o bem-estar mental individual e coletivo.

Por conseguinte, para entender as relações escolares, é necessário compreender quem é e o que pensa cada professor. O docente fica encarregado de muitas tarefas e torna-se o alvo da culpa da maioria dos problemas em uma sala de aula. Por esses motivos, estudos revelam que os docentes têm sido muito atingidos pelo desgaste emocional, o que traz como consequência um esgotamento, relacionado, em grande parte, a atribuições e cobranças inadequadas ou excessivas.

Outro grave problema nas escolas é que não se tem mais clara a delimitação dos papéis exercidos entre pais e professores. Os profissionais da educação ficam angustiados por não conseguirem atender às solicitações, não se sentem apoiados pelos coordenadores ao cumprirem as demandas impostas e, em muitos momentos, não manejam adequadamente os conflitos, em um momento que se percebe a escalada da violência nas escolas, não apenas entre alunos, mas de alunos contra professores.

Para mostrar essa triste realidade, o Grupo de Pesquisa sobre Comportamento Agressivo e Violência do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UNISINOS, do qual a autora faz parte, desenvolveu um projeto de pesquisa que investigará a percepção dos professores sobre a violência nas escolas, o clima social escolar (hierarquia, normas, cultura da instituição) e a relação desses aspectos com a Síndrome de Burnout (relacionada ao estresse dos professores). Assim, a psicóloga e professora universitária acredita, a partir de pesquisas já realizadas, que a percepção negativa de um clima institucional, relacionada à violência neste contexto, pode ser uma das causas que deixa professores vulneráveis.

Por conseguinte, com os resultados obtidos, pretende-se desenvolver intervenções nas escolas investigadas, baseadas na psicoeducação, enfocando a resolução saudável de conflitos. O interesse, pois, é sensibilizar a comunidade e os governos, nas três instâncias, para desenvolverem políticas públicas que atendam o professor, seu importante papel e sua saúde.

Para tanto, na busca de evidenciar o reconhecimento docente, encontrei no excerto analisado o adjetivo “importante”, cujo significado aparece no dicionário como

“1 que tem grande valor. 2 digno de consideração por ter autoridade, influência, prestígio. 3 necessário” (HOUAISS, 2015, p. 527). Somado a ele, o substantivo “trabalho”, cujos significados recaem sobre “1 atividade profissional, remunerada ou não. 2 atividade produtiva ou criativa, exercida para determinado fim. 3 o resultado ou o exercício dessas atividades. (...) 5 esforço, lida” (HOUAISS, 2015, p. 926). Todos reforçam o respeito social aos professores, o que tem sido buscado ao longo da pesquisa.

Contextos de exterioridade e/ou de interioridade igualmente podem surgir quando existem leis e meios que evidenciam a presença do reconhecimento docente, enriquecendo as esferas da Teoria do Reconhecimento. Para o sujeito-enunciador, essa busca precisa ser explicitada para ser avaliada. A ajuda para o professor demanda pesquisa e respeito a essa reflexão, não apenas a aceitação de que o quadro de adoecimento é normal, mas que a busca da saúde docente deverá ser o normal, padronizada em uma sociedade que, futuramente, reconheça o professor e sua atuação.

#### SD18

*Urge transformar a docência em carreira de Estado, onde o professor seja efetivamente a autoridade humana e acadêmica por excelência. Nesta perspectiva, apesar do tema estar na agenda, a valorização dos professores e o financiamento da Educação precisam ultrapassar a barreira das promessas, de projetos e metas – a perder de vista -, para serem uma realidade imediata e viva.*

Nos descaminhos das ações governamentais da atualidade, dar força social e autonomia aos docentes torna-se uma utopia. Porém, é essa a proposta da professora que escreveu a coluna de março de 2011. Infiro que, para ela, a presença de reconhecimento social docente precisa iniciar a partir de políticas públicas realmente consistentes que deem força à voz dos atores que atuam em sala de aula.

Através do direito a terem leis trabalhistas respeitadas, os professores podem ter valorizado o seu papel social. Com elas, os sujeitos reconhecem-se como indivíduos dotados de igualdade. A partir dessa esfera, no âmbito subjetivo, o autorrespeito é a possibilidade de referência positiva a si mesmo, quando o docente se vê inserido em uma coletividade e se vê respeitado. Ademais, emerge a continuidade de um

reconhecimento de si, de sua autoridade humana e acadêmica; alguém que propicia a formação de outros seres humanos com valores morais importantes.

Para embasar as questões legais na sequência discursiva em análise, o sujeito-enunciador enfoca o Plano Nacional de Educação 2011-2020 (PNE), dando prioridade em seu artigo para três questões do projeto. Ele entende serem estratégicas para uma efetiva melhoria da Educação o respeito e a incorporação das propostas aprovadas pela Conae (Conferência Nacional de Educação), referentes ao aumento de recursos para a Educação e maior atenção à formação dos professores.

No entanto, em uma análise inicial do autor, afirma-se que há um distanciamento grande entre as propostas para a Educação nacional aprovadas na Conferência Nacional de Educação, realizada em 2010, e o projeto de PNE enviado ao Congresso. Além disso, houve a ampliação de 7% do PIB em 2011, devendo atingir 10% até 2014, no que tange à valorização e à formação de professores, existem quatro metas (15, 16, 17 e 18) que expõe o assunto no documento. Porém, devido a sua generalização, para o autor, pouco garantirão que a carreira docente seja valorizada e respeitada por todos os segmentos sociais, comunidades escolares e entes federados.

Somados a essa reflexão do sujeito-enunciador da coluna, lanço um novo questionamento que vêm ao encontro dessa presente pesquisa: 1) Por que não existem “direitos de ensino” ou “direitos de docência”, apenas “direitos de aprendizagem e de desenvolvimento”? Quiçá, essa questão ainda possa ser respondida por políticas públicas que levem o professor a ter o reconhecimento e sua consequente autonomia sonhados.

Por conseguinte, para o sujeito-enunciador, é fundamental transformar a docência em carreira de Estado, para que o professor seja efetivamente a autoridade humana e acadêmica por excelência. Por isso, o financiamento da Educação precisa ultrapassar a barreira das promessas, de projetos e de metas, precisa, pois, ser uma realidade imediata. Provavelmente, assim teremos o interesse pelos cursos de licenciatura, os quais enfrentam um “apagão” atual. Sem professores bem formados e valorizados, não teremos educação capaz de formar cidadãos e profissionais em condições de produzir e de conviver socialmente.

Em relação aos termos sublinhados, cada um deles levou-me a encontrar os significados de “autoridade”, “humana”, “acadêmica”, “excelência” e “valorização”. Ao começar a pesquisa no dicionário, encontrei o primeiro vocábulo como “1 direito ou

poder de ordenar, de decidir, de se fazer obedecer. 2 pessoa com esse direito ou poder. (...) 4 influência exercida por uma pessoa sobre outra; ascendência. (...) 6 especialista respeitado em um assunto” (HOUAISS, 2015, p. 107). O segundo termo surge como “1 próprio do homem. (...) 3 que mostra piedade, indulgência, compreensão” (HOUAISS, 2015, p. 516). A terceira palavra denota “1 próprio de ou membro de academia ou de universidade. 2 de estilo clássico ou conservador” (HOUAISS, 2015, p. 9). O quarto indicador de reconhecimento surge como um substantivo significando “1 virtude do que é excelente. 2 tratamento dado a pessoas de alta posição social” (HOUAISS, 2015, p. 430). E o último vocábulo evidenciado surge como derivado do verbo “valorizar”, sendo que ele denota “1 dar ou reconhecer o valor, a importância de (algo, alguém ou si mesmo) (...) 3 dar destaque positivo a” (HOUAISS, 2015, p. 957).

Por conseguinte, depreende-se que a preocupação da autora do texto com cada um dos vocábulos que salientei foi estabelecer os laços com as demais esferas de reconhecimento: amor e estima social, no contexto de exterioridade, tendo em vista o desejo de os professores se motivarem e de serem bem quistos em sociedade; e autoconfiança e autoestima, costurando o contexto de interioridade de cada um desses profissionais que participam de uma matriz social tão complexa. A interpretação desses dados me propiciou enxergar, também, qual é o possível juízo de valor dado aos professores em relação ao reconhecimento frente às políticas públicas vigentes nacionalmente, com implicações das perdas de direitos ou da busca desses direitos para qualquer docente, não apenas os gaúchos.

**PARTE IV**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

#### 4.1 Sobre essa pesquisa e seus desdobramentos

Chego às reflexões finais desta dissertação, portanto. Dou-me a liberdade de abandonar um pouco do rigor da escrita técnica que utilizei até o capítulo precedente para trazer à tona um certo grau de subjetividade ao que pretendo considerar como o ponto de fechamento de minha pesquisa, tendo em vista que os excertos analisados também repousam em minhas inferências sobre o *corpus*.

Meu propósito foi conhecer e mostrar aos colegas de profissão e à sociedade como um todo qual é o lugar do professor dentro dos marcos indicados nos discursos impressos na coluna “Palavra de Professor”, além de analisar como cada docente se vê e se coloca no processo de reconhecimento social. Tais objetivos converteram-se nas premissas que me orientaram para buscar evidências empíricas e diálogos teóricos, embasados nos resultados da pesquisa a partir do *corpus* formado com os textos do jornal *Extra Classe*.

Assim sendo, um dos princípios que nortearam o estudo diz respeito às evidências da implicação das esferas de reconhecimento, no contexto intersubjetivo, através dos excertos dos professores do ensino privado na coluna do jornal do Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul (SINPRO/RS), de 2006 a 2015. Meu intuito com esse problema de pesquisa era verificar como se dá ou como se perde o reconhecimento social docente em nosso estado, quiçá em nosso país, entre os professores da rede privada de ensino. Dessa busca, pude verificar que muitas informações do senso comum foram abandonadas, pois pude identificar o reconhecimento em sua configuração de três distintos padrões para a autorrealização do sujeito: sociabilidade, intersubjetividade e moral, que, conseqüentemente, explicitam o respeito mútuo e a estima do profissional que é um agente na Educação, o que recai, sobremaneira, no contexto subjetivo de cada sujeito, este sim prejudicado em muitos momentos devido aos fatos que atingem os docentes em seu cotidiano.

Na análise dos dados *a posteriori*, dando continuidade à configuração desse professor da escola privada no Rio Grande do Sul, encontrei 12 excertos (SD2, SD3, SD7, SD8, SD10, SD11, SD13, SD14, SD17, SD18, SD21, SD23) em que os sujeitos-enunciadores demonstram a busca frequente pelo reconhecimento, pelo respeito ou pela sua valorização ou de seus pares, encontrando um contexto relacional preconceituoso em relação ao seu papel. Em outros 11 excertos (SD1, SD4, SD5, SD6, SD9, SD12, SD15, SD16, SD19, SD20, SD22), para minha surpresa como professora e como

pesquisadora, há uma ambivalência através de indícios de que os docentes continuam sendo indivíduos que amam o que fazem, prezam pela sua escolha profissional, tentando salientar isso a partir de suas memórias transcritas em poucas linhas, mas sentem-se frustrados com as mudanças que paulatinamente têm desestruturado o lugar do professor, a sua autonomia e os seus direitos trabalhistas. Inferi que cada sujeito-enunciador se colocava como um indivíduo desrespeitado e, por conseguinte, se via desprezado em vários momentos, porém buscava demonstrar o seu amor pelo ofício exercido. Em um último grupo (SD8 e SD18), há uma preocupação com as políticas públicas voltadas aos direitos na Educação, apenas voltadas à aprendizagem e ao desenvolvimento do aprendiz; no entanto, faltam os direitos dos docentes, os quais se fazem alicerçantes no processo educativo, para a segurança do profissional em sua atuação, mas que não foram pensados em nossa realidade nacional.

No segundo enfoque dado, em relação à intersubjetividade, o professor, às vezes, é o mediador fragilizado entre o aluno e a instituição que lhe dita as regras do jogo. Essa postura depõe contra a docência no sentido de ser uma atividade de mercado, pois cada profissional da Educação tem se tornado mais e mais “um vendedor de conhecimentos” (Adorno, 1972, p. 69), cada vez mais desqualificado pela sociedade por não reverter para si os lucros prováveis desta negociação. Afirmo isso ainda como uma visão mercadológica do que tem se tornado o ensino privado em nosso país. Tais evidências criam um tensionamento entre o docente, os discentes, as famílias e a instituição em que mantêm um vínculo empregatício.

O pior nesse quadro que tem se delineado, em meu entender, é que, enquanto agentes de formação cultural, os professores se sintam em deformação de seus ideais, de seus anseios, de seus valores de formação. É evidente, pelos excertos retirados no jornal *Extra Classe*, que isso não decorre tão-somente da relação professor-alunos, mas, aqui me coloco também, da nossa relação com um ofício e um conhecimento que já não são vistos como importantes pelo senso comum. O cinema, os comerciais de algumas faculdades privadas ou os jornais mostram a proletarização do professor, como se fosse um “bico” (termo utilizado em um comercial), comparativamente a outros ofícios. Por conseguinte, entender quem é o sujeito em cada texto demandou-me também entender a marca de nossa contemporaneidade, em que surge um campo de indefinições, de mistura de posições, dependentes das demandas de cada indivíduo envolvido. Assim, as

configurações desses sujeitos-professores ao mesmo tempo que se mostram também se escondem através de uma materialidade e da manifestação ideológica de cada um.

Na fala de uma parcela da indústria cultural e da mídia nacional, é possível perceber a natureza contraditória de nossa sociedade. Porém, inserida nela ainda soam as vozes dos sujeitos-enunciadores que colocam seu cotidiano escolar como espaço de resistência e de mudança. Exemplo típico pode ser retomado com o professor universitário que narrou sua trajetória pela ULBRA, todo o descaso daquela universidade em um processo de desmonte da instituição, sua luta e dos demais colegas para que fossem respeitados como pessoas, como profissionais, como pesquisadores e como professores. Eis as três esferas do reconhecimento da teoria de Honneth vindo à tona, com toda a sua força, a qual não deveria ser rompida para a existência de uma relação harmônica no âmbito interpessoal. Com a matriz social do filósofo alemão pude perceber que o lugar social e o lugar discursivo se constituem de forma complementar, estabelecendo o vínculo do sujeito em si mesmo e no mundo em que atua.

Na lógica moralizante das escolas privadas, as quais se parecem, os professores dessas instituições também demonstram um discurso semelhante, mesmo não tendo uma interlocução como o jornalista do *Extra Classe* desejaria. É preciso salientar que as práticas expostas nos excertos investigados evidenciaram um lugar de coadjuvância entre os docentes, uma falta de reconhecimento entre os pares e entre a instituição e seus mestres, em especial o caso de Caxias, em que um aluno disse ter sido alvo de violência por parte de sua professora. No entanto, a escola e a comunidade foram favoráveis à criança, mesmo com todos os argumentos e as evidências apresentadas pela docente.

Reiterando a matriz social e os componentes intersubjetivos de Honneth, percebo as esferas do direito e da estima social sendo alvos de afronta, de um desprezo em relação ao autorrespeito e à autoestima da docente frente aos fatos já apontados. Nas retrospectivas profissionais, os sujeitos-enunciadores desejam ser ouvidos por outros sujeitos-professores que detenham a mesma trajetória. Depreendo, assim, que o amor à profissão, primeira esfera da Teoria do Reconhecimento, alicerça a maioria dos docentes do ensino privado, mas eles desejam ter seus direitos assegurados e desejam ter a estima social presente, não mais ficando frustrados com um estereótipo caricato, a exemplo de SD2, o qual é traduzido por uma professora mal paga, desvalorizado, que precisa fazer programas sexuais para complementar sua renda e, conseqüentemente, torna-se desrespeitada. Ademais, o sentido da presença ou da ausência de

reconhecimento social de cada professor é traduzido em sua ausência, recebida em nossa sociedade.

Retomo, então, a concepção de desprezo citada pelo filósofo alemão em artigo *Integridad y desprecio* (HONNETH, 1992, p. 89), em que ele menciona que as perdas de reconhecimento, com os sentimentos de impotência e de angústia, podem ser decorrentes de um ultraje. Esse se manifesta através de diferentes cenários, os quais corroboram, por um lado, para as discussões teóricas sobre a Teoria do Reconhecimento, infringindo as esferas no âmbito intersubjetivo e subjetivo, posto que elas interferem analogamente na vida de cada ser humano. Os sentimentos de baixa autoestima e de autoimagem desprezível, que estão imbricados nos contextos subjetivo e intersubjetivo das esferas de Honneth, apenas reforçam a falta de harmonia em um ambiente escolar.

Importa entender, então, como o professor efetivamente tem condições de fazer para transformar o quadro atual de fracasso escolar em que está inserido, que é, mais do que nunca, reflexo de um fracasso da sociedade e de seus pressupostos culturais, da desqualificação constante dos chamados bens culturais, os quais não são preservados em nosso país. É realmente possível vislumbrar alguma mudança, a curto prazo, em relação ao que se evidencia, visto que Honneth afirma que o conflito é desencadeador de uma ação social? De que meios surgirá a força para essa ação? Não vejo respostas possíveis para esses questionamentos, visto que o reconhecimento social em relação à docência sempre esteve mais ausente do que presente; o que muda são os contextos socioeconômicos e políticos das sociedades, que podem atribuir maior ou menor valor à docência. No caso do professorado gaúcho, o valor é cada vez menor.

Tentando contextualizar o quadro histórico no momento de escrita dessa dissertação, somada a esses anseios dos professores gaúchos, ainda é necessário salientar que as inovações frente à mudança na CLT (2017) e à pretendida modificação na previdência social do país, parecem favorecer cada vez mais uma “cultura de descartabilidade”, trazida à tona no excerto SD21 -, em que entendo que a dimensão das três esferas do reconhecimento de Honneth ficam prejudicadas em demasia. Portanto, descartado, o professor fica sem um lugar para exercer a sua profissão, sem autoestima, autorrespeito e autoconfiança, como salienta a professora e psicóloga enunciativa de um dos excertos selecionados, não tem mais motivação, apesar de sua experiência. Daqui ficam novos questionamentos que talvez sirvam para futuras pesquisas e novos

desdobramentos: Como acabar com essa “cultura da descartabilidade” em uma sociedade que visa apenas aos números e não ao conhecimento? Quando surgirá a profissionalização de todos os professores, como os de ensino de línguas, não sendo vistos apenas como instrutores? Por que não existem direitos de ensino ou direitos de docência que deem os alicerces jurídicos aos professores?

Metaforicamente, os docentes “rasgam quando não cuidados e não valorizados”, como um frágil papel. Nesse processo de busca identitária, alguns são alvos de conflitos pessoais e profissionais que podem desestabilizá-los. Por isso, acredito que a educação é reflexo da sociedade. Ambas precisam estar efetivamente vinculadas e precisam ser tratadas em vários aspectos da formação da sociedade. Por isso, foi necessário que eu relativizasse minhas considerações finais, posto que o meu objeto de estudo é social e o espectro de mudanças e de nuances que encontrei foi demonstrando essas oposições típicas do ser humano e de suas relações.

Vejo, portanto, contradições e antagonismos no processo educativo, pois enquanto se deseja o desenvolvimento da Educação e das instituições de ensino, modernizando-as com os aparatos tecnológicos de que dispomos atualmente, o corpo docente não recebe o reconhecimento que mereceria para cumprir com todas as atividades culturais que propõe ou que lhe são propostas. Conseqüentemente, as palavras de cada sujeito-enunciador da coluna “Palavra de Professor” ratificam em muitos momentos essa realidade.

Com relação às evidências da implicação das esferas de reconhecimento, no contexto intersubjetivo, através dos escritos de professores do ensino privado na coluna do periódico consultado, muito ainda poderia surgir de inferências, de ideias novas, de outros recortes sociais, históricos, ideológicos e temporais. No entanto, o termo “reconhecimento” e seus derivados ainda estão presentes ou ausentes, conforme a visão de mundo de quem quis dividir com outros interlocutores a sua experiência docente e os seus sentimentos frente a essa atividade.

Percebo que essa pesquisa, pelo menos a discussão inicial que ela propõe, não se esgota aqui. Muito há que se ponderar quando se trata do contexto intersubjetivo, o qual traz conseqüentes imbricações subjetivas. Existem muitos elementos a serem direcionados a essa reflexão. Porém, sobre o termo “reconhecimento”, acredito que essa dissertação termina como se inicia, nas duas últimas frases da epígrafe de Brecht: “A partir do momento em que dois humanos entram em relação recíproca, o seu contrato,

no mais das vezes, entra em vigor. Ele regula a forma das suas relações.” (BRECHT, *Apud* BARTHES, 2012, p. 391)

Portanto, um ambiente propício ao reconhecimento social docente ainda não existe, os discursos lidos e trazidos aqui nesta pesquisa bem demonstram que surgem empecilhos internos e externos de muitas ordens para que ele se efetive em nosso cenário regional e, muito possivelmente, nacional, buscando a literatura de outros locais de nosso país. Construir esse sentimento entre todos os envolvidos com o ensino é tarefa árdua, que exige a valorização da memória de tantas e tantos apaixonados pela profissão de professor. No entanto, para quem ainda acredita na Educação e nas mudanças possíveis, conforme suas convicções, como já disse Nietzsche: “o homem livre é aquele que pensa de modo diferente do que se poderia esperar em razão de sua origem, de seu meio, de seu status e de sua função ou das opiniões reinantes em sua época” (*apud* SAVATER, 2012, p. 151). Possamos olhar para a luz no fim do túnel.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Consignas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1972.
- ARAÚJO NETO, José Aldo Camurça de. A filosofia do reconhecimento: as contribuições de Axel Honneth a essa categoria. In: *Kínesis*, vol. V, nº 09 (Edição Especial), jul 2013, p. 52-69.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRECHT, Bertol. O contrato. *Apud* BARTHES, Roland. *O rumor das palavras*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 391.
- BRESSIANI, Nathalie. Luta por reconhecimento e diagnóstico de patologias sociais. In: MELO, Rúrion. (coord.) *A teoria crítica de Axel Honneth: reconhecimento, liberdade e justiça*. São Paulo: Saraiva, 2013, p. 257 - 291.
- CASAGRANDE, Cledes Antonio. *G. H. Mead e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- DALBOSCO, Claudio Almir. Aspiração por reconhecimento e educação do amor-próprio em Jean-Jacques Rousseau. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.37, n.3, p. 481- 495, set/dez 2011.
- ELIAS, Nobert. & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. (tradução de Ruth M. Klaus). São Paulo: Centauro, 2002.
- FLICKINGER, Hans-Georg. Autonomia e reconhecimento: dois conceitos-chave na formação. *Educação*. Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 7-12, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/issue/view/495>
- \_\_\_\_\_. A dinâmica do conceito de formação (*Bildung*) na atualidade. In: CENCI, Angelo Vitório; DALBOSCO, Claudio Almir; MÜHL, Eldon Henrique (org.). *Sobre filosofia e educação: racionalidade, diversidade e formação pedagógica*. Passo Fundo: UPF, 2009, p. 64 – 80.
- \_\_\_\_\_. Subjetividade e intersubjetividade na perspectiva hegeliana. In: DALBOSCO, Claudio A.; TROMBETTA, Gerson L.; LONGHI, Solange M. *Sobre filosofia e educação: subjetividade – intersubjetividade na fundamentação da práxis pedagógica*. Passo Fundo: UPF, 2004, p. 26 – 39.
- \_\_\_\_\_. A teoria do reconhecimento na práxis pedagógica: a exemplo de conflitos entre diretrizes ético-morais. In: CENCI, A.V.; DALBOSCO, C.A.; MÜHL, E.H. (org.) *Sobre Filosofia e Educação: racionalidade, reconhecimento e experiência formativa*. Passo Fundo: UPF, 2013, p. 16 – 36.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2009 (2ª edição).

\_\_\_\_\_. Rejoinder. In: PETREBRIDGE, D. (org) *Axel Honneth: Critical essays*. Boston: Brill, 2011.

\_\_\_\_\_. Trabalho e reconhecimento. Tentativa de uma redefinição. In: *Civitas – Revista de Ciências Sociais*. Porto Alegre. V.8, n.1, p.46-67, jan - abr.2008.

\_\_\_\_\_. *Honneth esquadrinha “déficit sociológico”*. Entrevista a Marcos Nobre e Luiz Repa, em 11/10/2003, para Folha de S. Paulo. 2003ª. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u37729.shtml>. Acesso em: 6/05/2016.

\_\_\_\_\_. Integridad y desprecio - motivos básicos de una concepción de la moral desde la teoría del reconocimiento. In: *Isegoría*, v. 5, p. 78 - 92, may 1, 1992.

HOUAISS, Antônio. *Pequeno dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*/ Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia (org.). [diretores Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar, Francisco Manoel de Mello Franco] – 1ª Ed. São Paulo: Moderna, 2015.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (1ª ed.)/ Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INGOLD, Tim. Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem. In: STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel (org.). *Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

ORTEGA Y GASSET, José. Kant. Hegel. Dilthey. Madrid: Editora Revista de Occidente, 1958, p.20.

LUFT, Lya. Lembro-me dele. In: ABRAMOVICH, Fanny. (org.) *Meu professor inesquecível: ensinamentos e aprendizados contados por alguns dos nossos escritores*. São Paulo: Gente, 1997, p. 151 – 159.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12ª ed. São Paulo, HUCITEC, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ROSENFELD, Cinara & SAAVEDRA, Giovani Agostini. Reconhecimento, teoria crítica e sociedade: sobre desenvolvimento da obra de Axel Honneth e os desafios da sua aplicação no Brasil. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 15, nº 33, mai/ago 2013, p.14-54.

SAVATER, Fernando. *O valor de educar*. 2ed. São Paulo: Planeta, 2012.

TREVISAN, Armindo Luiz. A relação filosofia e educação: entre preconceito ou reconhecimento? In: CENCI, Angelo Vitório; DALBOSCO, Claudio Almir; MÜHL, Eldon Henrique (org.). *Sobre filosofia e educação: racionalidade, diversidade e formação pedagógica*. Passo Fundo: UPF, 2009, pp. 176 – 188.

WERLE, Denilson & MELO, Rúrion. Um déficit político do liberalismo hegeliano? Autonomia e reconhecimento em Honneth. In: MELO, Rúrion. (coord.) *A teoria crítica de Axel Honneth: reconhecimento, liberdade e justiça*. São Paulo: Saraiva, 2013, p. 317 – 335.

**ANEXOS****A COLUNA “PALAVRA DE PROFESSOR” (2006 – 2015)**

**ANEXO A – outubro de 2006****PALAVRA DE PROFESSOR****Brasil off-line**

Marcia E. Jochims Kniphoff da Cruz

Todos concursos públicos, nas últimas décadas, têm sido extremamente concorridos. O concurso que aconteceu nos dias 9 e 10 de setembro, do município de Santa Cruz do Sul, foi um exemplo contundente da urgência e da necessidade de trabalho formal aspirado pela população. Foram 16 mil pessoas disputando as 444 vagas. Os cargos oferecidos somaram um total de 83, tendo, cada ocupação, uma prova objetiva diferenciada com questões relativas à especificidade correspondente, seguindo em futuras etapas a prova de títulos e a avaliação psicológica.

O diferencial do concurso esteve centrado na oferta de vagas para professores de computação com habilitação específica, ou seja, para licenciados em Computação, que pela primeira vez foi incorporado às vagas oferecidas em concurso do município.

A profissão de professor é conhecida há muito tempo, mas com formação específica para trabalho com computação está começando agora a ser disseminada e lentamente absorvida pelo mercado de trabalho. Porém, é uma profissão imprescindível, pois os dados apontados pelas diversas mídias atestam que, apesar da popularidade da Internet, o Brasil ainda não é um país on-line, não é, sequer, letrado na linguagem digital. O Comitê Gestor da Internet no Brasil divulga indicadores sobre a Internet no país, com dados de 2005, apontando que 68% da população brasileira nunca utilizou a Internet, que 26% da população brasileira a utiliza para trabalho e que apenas 8,85% da população aprendeu a utilizá-la em uma instituição formal de ensino (escola ou universidade).

Outras fontes indicam que 30% das profissões que deverão existir em 10 anos ainda não existem. Assim, afirma-se que educação de qualidade é aliada da sustentabilidade para um país em desenvolvimento, e que tecnologia deve estar dentro das salas de aula das escolas. Essa experiência já foi vivenciada pelos países asiáticos que são, hoje, potências mundiais. Considerando que o trabalho dignifica o homem, que, sem ele, não existem condições de subsistência e que a computação está presente em todos os setores da vida, dos meios de produção e consumo ao lazer e entretenimento, nada mais urgente do que o investimento sério da esfera pública e privada nos alicerces educacionais no tocante à ciência, à tecnologia e à humanização.

Espera-se que outros municípios e, inclusive, estados sigam o exemplo do município de Santa Cruz do Sul e absorvam o professor licenciado em Computação, pois, da “informática”, todos campos de trabalho necessitam.

**ANEXO B – junho de 2007****PALAVRA DE PROFESSOR****Professores de idiomas: profissionalismo e formação**

Prof. Paulo R.S. Ramos

É muito comum os leigos julgarem que um bom falante de uma determinada língua estrangeira é também um bom professor. Talvez seja de senso comum que um bom professor também é um bom usuário da língua que ensina, mas um bom usuário é, com o perdão da redundância, um bom usuário. E ponto.

Os professores de idiomas que trabalham em escolas sérias e preocupadas com a qualidade do serviço prestado à comunidade têm oportunidade de aprimorar seu domínio da língua e adquirir e/ou melhorar técnicas metodológicas. Dos docentes com formação específica em Letras e Pedagogia, espera-se uma boa base teórica que deverá ser espelhada na sua prática de sala de aula. Os outros profissionais com formação diversa (sempre pensando no perfil ideal...), em geral, trazem consigo um talento para o ensino ou desenvolvem essa habilidade durante um estágio de treinamento e ao longo de sua vida profissional na escola em que lecionam.

A legislação não fala em formação específica para os professores que trabalham no setor de cursos de idiomas por entender que estão fora das escolas de formação em que o idioma faz parte do currículo a ser trabalhado. Isso não significa, porém, que a formação seja algo desnecessário aos profissionais de cursos de línguas estrangeiras. A realidade mostra que mesmo os docentes sem formação em Educação e em áreas afins buscam posteriormente aprimoramento por meio de cursos específicos. Alguns optam por uma nova graduação; uma grande parte escolhe cursos de especialização ou mesmo mestrado na área de Letras ou Educação.

O fato é que, ou através de cursos internos e continuados nas suas escolas ou por meio de formação acadêmica, os professores de idiomas das escolas com as quais o SINPRO/RS negocia acordos são profissionais qualificados.

A realidade fora deste contexto não é bem assim. Há escolas que contratam seus professores como ‘instrutores’ apenas para não se verem obrigadas a pagar o que por direito lhes é devido. Para essas escolas, basta fluência para entrar em sala de aula. Não há preocupações didático-pedagógicas quanto ao impacto daquele professor na vida dos alunos, em geral, crianças e adolescentes. A qualidade do serviço prestado passa por algum tipo de especificidade na formação do docente; sem isso e sem o respeito à sua condição de professor, é difícil esperar bons resultados no mercado de ensino de idiomas.

**ANEXO C – agosto de 2007****PALAVRA DE PROFESSOR****Humor incoseqüente**

Cecília Farias

A sociedade brasileira vive um momento especial de sua história com a possibilidade da implementação de programas educacionais do governo federal, que tentam reduzir os grandes prejuízos sofridos pela população que tem o direito subjetivo a uma educação de qualidade.

Afinal é consenso que os conhecidos problemas sociais, como a falta de opções para os mais pobres, a impossibilidade de ascender na vida, a dificuldade de construir cidadania e a extrema violência a que assistimos têm na falta de projetos educacionais efetivos sua principal motivação.

O sucesso desses programas depende, além da vontade política dos governantes, de profissionais que operacionalizem essas intenções. Dentre eles, precisamos de professores valorizados, motivados e que assumam integralmente este grande desafio.

Na contramão desse necessário esforço nacional, no último dia 11, no programa Casseta & Planeta, da TV Globo, assistimos a um quadro lastimável de ataque à imagem dos professores e, em especial, das professoras.

Nele uma conhecida atriz “global” interpreta uma professora que entra em uma sala de aula com roupas e ar sedutores e afirma que realizaria “programas sexuais”, inclusive com alunos, como forma de complementar seu baixo salário. Mais do que isso, a seqüência das cenas deixa subentendido o envolvimento com um aluno.

A representação caricata e desrespeitosa das professoras, apresentada pelo quadro do programa global, é um fato grave, uma brincadeira irresponsável que está a serviço da desvalorização social dos docentes.

Uma rede de tal alcance deveria ter o cuidado de não ferir a honra e a dignidade de professores e professoras, que tomam em suas mãos, com responsabilidade, a tarefa de fazer a educação em nosso país. Deveria ter o compromisso social de abrir espaço para programas educativos e, como de resto toda a população brasileira, participar do grande desafio nacional em prol da valorização das instituições educacionais, dos professores, e daqueles que acreditam ser a educação o meio capaz de transformar a nossa sociedade.

**ANEXO D – abril de 2008****PALAVRA DE PROFESSOR****Professor: atribuições, realização e cansaço...**

Jorge Renato Johann

Depois de 34 anos em sala de aula, tenho a dimensão da tarefa que assumi profissionalmente. Do encantamento dos primeiros tempos à maturidade serena de uma missão inconclusa, percebo as mudanças que ocorreram.

Há mais de três décadas, o sonho de todo jovem professor era conseguir dois contratos, de 20 horas, numa escola pública estadual. Com 20 horas dava para comprar um fusca, e com dois contratos dava para comprar o apartamento e casar. A saúde era garantida pelo respaldo completo do Instituto de Previdência do Estado. Conseguir trabalho em escolas particulares era a complementação de uma trajetória de sucesso, em qualquer nível de atuação. As férias eram, no inverno, de mês inteiro, e de três meses, no verão. Com estas condições, ser professor era uma possibilidade de realização sob todos os aspectos, além do status de uma bela profissão. Com isso, quem almejasse a continuidade de seus estudos, imediatamente se candidatava ao ingresso nos diversos programas de pós-graduação. Assim se podia fazer cursos de especialização, de mestrado e até mesmo de doutorado, embora a oferta fosse reduzida por aqui. Sobrava um dinheiro para comprar livros, e usufruir de todos os tipos de atividades culturais que se apresentassem. Do cinema ao teatro, não havia dificuldades maiores de se aproveitar o que aparecesse. Escolas de excelência proliferavam tanto no âmbito público, quanto no particular. Era uma questão de escolha onde se queria que os filhos fossem educados. Ser professor ou filho de professor conferia sentimentos de dignidade e de respeito.

Paradoxalmente, o mundo evolui e seu desenvolvimento não representa necessariamente um processo continuado e ascendente. Sabemos das razões pelas quais a Educação foi sucumbindo a uma condição de precariedade lamentável. O certo é que a máquina de entortar as melhores coisas girou contra a Educação e os educadores. O trabalho foi se aviltando e os trabalhadores da Educação mergulhando em sentimentos de baixa autoestima e de uma autoimagem desprezível. Sua jornada de trabalho se multiplicou em obrigatórios três turnos diários para garantir uma precária sobrevivência. As exigências profissionais foram aumentando, enquanto o tempo e as condições para usufruir uma qualidade de vida confortável foram minguando cada vez mais.

O aperfeiçoamento profissional passou a ser inviabilizado por absoluta falta de meios disponíveis. E os reflexos de toda uma depreciação educacional se evidenciam tanto nos professores e nos alunos, quanto nos espaços físicos das escolas. A frustração e o cansaço dos primeiros se revela na reação displicente e agressiva dos últimos. Os belos espaços escolares não escondem mais a deterioração que vai por dentro. Resulta que a Educação e educadores pedem socorro. Enquanto a mercantilização do ensino cria guetos de excelência para uma sociedade marcada por diferenças e privilégios, é

preciso urgentemente que se funde a esperança de que ainda é tempo de construirmos uma escola de qualidade para todos.

**ANEXO E – outubro de 2008****PALAVRA DE PROFESSOR****Eu assino o que escrevo**

Charles Kiefer

Usei quarenta e três anos de meus cinquenta em aprender, e, hoje, sou professor. E um professor só pode ensinar depois de gastar seu tempo, sua vida, suas emoções, seus sonhos e suas esperanças em aprender.

E eu aprendi com os gregos, com os romanos, com os judeus, com os árabes, com os orientais e com os ocidentais, que aprender e ensinar são uma coisa só, que não ensina quem não aprende, e que não aprende quem não ensina, e que só se aprende e se ensina cidadania.

Para a aquisição de informações, para o conhecimento da tradição cultural, basta a pesquisa em bibliotecas e computadores. Para isso, para a simples transmissão de conhecimento, os professores não são mais necessários.

Professores são, sim, necessários para a formação dos valores, da ética, da solidariedade e do respeito, da sensibilidade e da dignidade.

E é nesse processo dialético de ensino-aprendizagem, em que aprende quem ensina, e ensina quem aprende, que se vai formando o nosso caráter e o caráter dos nossos alunos.

Caráter, ah, que magnífica palavra nos legaram os gregos.

Charaxo!

Na origem, algo sobre o qual se grava alguma coisa.

Então, caráter é o que se grava sobre o espírito da criança, do jovem, do adulto, do idoso.

Em sala de aula, luto todos os dias para que meus alunos sejam responsáveis, sejam cidadãos, sejam seres dignos. Se a reflexão os faz melhores, levo-os a refletir; se escrever os faz melhores, levo-os a escrever; se analisar a si mesmos e aos outros os faz melhores, ensino-os a analisar, a separar as partes para compreender melhor o todo.

Alguns não entendem o meu processo, porque a luz do *logos* ainda não iluminou os desvãos das trevas mitológicas em que vivem. Sei que um dia a luz se fará, porque a luz sempre se faz, e, então, eles nascerão para uma vida mais plena.

Nesse dia, eles compreenderão que pedir-lhes que venham à frente da turma para ler seu próprio texto não é um ato vexatório, mas uma chance que lhes dou de assumirem o seu lugar no mundo, de subirem ao palco para receberem os merecidos aplausos; que não usar giz no quadro negro não é falta de didática, mas problema de alergia; que, às vezes, fugir do rigor do programa é considerar meus alunos diferentes de outros seres e não autômatos produzidos em série, a quem se aplica sempre o mesmo manual de instruções, já que só fujo do programa quando percebo neles carências e potências que nem sempre a letra morta do programa abarca; que exigir que façam trabalho de campo e que o apresentem em aula é capacitá-los a concorrer a minha própria vaga de professor.

Usei quarenta e três anos de meus cinquenta para aprender e aprendi com a História que a maior herança que a civilização nos legou foi a honra de consignarmos os nossos nomes a todos os nossos pensamentos, a todas as nossas opiniões; que escrever e assinar é um ato protegido pela Convenção de Paris, de 20 de março de 1883, e pela Convenção de Berna, de 07 de setembro de 1886, a que o Brasil, através do Decreto-Lei 75.541, de 31 de março de 1975, referendou ao agregar-se à Organização Mundial da Propriedade Intelectual.

Eu assino o que escrevo e ensino meus alunos a que façam o mesmo. Escrever e não assinar, além de ser um ato ilegítimo, é um ato inócuo, porque toda manifestação anônima, numa sociedade em que vige o estado de direito, não é digna de crédito.

**ANEXO F – dezembro de 2008****PALAVRA DE PROFESSOR****Os professores e a violência na escola**

Dra. Carolina Lisboa

A Psicologia hoje ultrapassa as fronteiras dos consultórios. O paradigma da Psicologia Positiva, por exemplo, estuda a saúde (e não a doença) com o objetivo de favorecer a promoção do bem-estar mental individual e coletivo. Nesse contexto, o interesse pelas interações nas escolas fascina e desafia os psicólogos. Para aproximar-se destas relações, é fundamental compreender quem é e o que pensa o professor. Apesar de não ser o único responsável, o docente às vezes é encarregado de muitas funções e culpado pela maioria dos problemas. Por estas razões, estudos revelam que os professores têm sido muito atingidos pelo desgaste emocional. Este esgotamento está relacionado, em grande parte, a atribuições e cobranças inadequadas ou excessivas.

Outro problema atual é o que não há mais uma delimitação clara dos papéis sociais como no passado. Isso gera confusões entre as obrigações de pais e professores. Os professores se angustiam em não conseguir atender às solicitações, não se sentem apoiados pelos coordenadores e, assim, podem manejar inadequadamente os conflitos, justamente em um momento em que se observa uma escalada da violência nas escolas. A violência nesses locais (sob a forma de bullying, assédio moral, etc.) dificulta o ensino e a aprendizagem, afeta as relações éticas, a moralidade dos jovens, exigindo dos professores formas de resolução de problemas hábeis e imediatas.

Neste sentido, o Grupo de Pesquisa sobre Comportamento Agressivo e Violência do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UNISINOS desenvolveu um projeto de pesquisa que investigará a percepção dos professores sobre a violência na escola, clima social escolar (hierarquia, normas, cultura da instituição) e a relação desses aspectos com a Síndrome de Burnout (relacionada a estresse). Trata-se da dissertação de mestrado da psicóloga Evandra Cardoso, sob minha orientação. O estudo é inovador no Brasil ao investigar a percepção dos docentes acerca do clima social escolar. A verificação da correlação entre estes aspectos é também inédita em pesquisas. Acredita-se que a percepção negativa de um clima social institucional, relacionada à violência neste contexto, pode ser uma das causas que deixa professores mais vulneráveis, apresentando dificuldade de manejo com conflitos. Com os resultados obtidos, pretende-se desenvolver intervenções em escolas, baseadas na psicoeducação, enfocando a resolução saudável de conflitos. Nosso interesse é também sensibilizar a comunidade e os governos para desenvolver políticas públicas que atendam o professor, seu importante trabalho e sua saúde.

**ANEXO G – abril de 2009****PALAVRA DE PROFESSOR****Ser professor de professor**

Por Rosi Ana Grégis

Desde que comecei a lecionar no Ensino Superior, tenho pensado seguidamente no papel dos professores dos cursos de licenciatura. Sem dúvida, a função de quem auxilia na formação de outros professores, principalmente aqueles que atuarão em escolas públicas e particulares de Ensino Fundamental e Médio, requer generosas doses de dedicação e otimismo. Mesmo sem consultarmos estatísticas, constatamos que grande parte dos acadêmicos das licenciaturas são provenientes de estratos sociais menos favorecidos. Sabemos também que muitos desses acadêmicos já atuam como professores em escolas infantis, cursos livres de idiomas, supletivos, escolas municipais, estaduais e particulares. Percebo, através de minha experiência em sala de aula, que somos bastante responsáveis por uma grande desmotivação que abate nossos alunos e também muitos colegas. E talvez por isso não discutimos suficientemente sobre a atuação do professor e sobre sua responsabilidade na formação de crianças e adolescentes.

Não podemos deixar de debater os problemas diários enfrentados em sala de aula somente porque nossa disciplina não contempla esses assuntos ou porque não finalizaremos tudo que foi proposto no plano de ensino. Sinto que os alunos se sentem recompensados por poderem conversar sobre questões as quais, muitas vezes, não encontram oportunidades de discutir nas instituições onde ensinam, principalmente com seus coordenadores e colegas de disciplinas diferentes das suas. Além disso, conversar com os acadêmicos sobre a importância da leitura diária de jornais, revistas e livros da área em que atuarão é imprescindível. E esse tipo de discussão não pode ser feito somente de vez em quando. O professor precisa levar livros, artigos e matérias de jornais para que os acadêmicos passem a ter a leitura e a busca por novos saberes como algo natural no seu dia-a-dia. Na minha opinião, não há nada mais compensador do que ver os acadêmicos melhorando sua autoestima durante o curso; ver que eles têm orgulho da carreira que escolheram, e observar que há muitos deles esperançosos quanto ao seu ofício como futuro profissional da Educação.

**ANEXO H – maio de 2009****PALAVRA DE PROFESSOR****Educação sem rumo**

Por Joselma Noal

Desde que ouvi a notícia, o assunto me perturba, então é hora de falar a respeito: a história da professora em Caxias do Sul e da fita adesiva na boca do aluno de cinco anos que me parece mal contada.

Houve um tempo em que a voz do professor era respeitada e que os pais não questionavam tal autoridade, além disso, nesta época também a escola defendia o seu corpo docente. Não tenho saudades de palmatória, nem de joelhos no milho, mas sem dúvida o mundo era outro. Não havia alunos disléxicos, nem hiperativos. Ninguém tinha bulimia, anorexia... Agora professor tem que motivar, tem que ser amigo do aluno. A função do professor é ensinar, se quiser ser amigo do aluno também, ótimo! E motivação, o sujeito deve carregar consigo, se quer ser alguém na vida. Aos pais cabe a tarefa de educar, a escola só enfatiza as lições aprendidas em casa sobre respeito, bons modos, etc.

Hoje a escola deve engolir de tudo, socos, pontapés e palavrões, a violência ocorre todos os dias dentro do espaço escolar. Em situação posterior, em Porto Alegre, na Escola Estadual Bahia, uma aluna agrediu a professora, ocasionando-lhe um traumatismo craniano. A notícia não provocou tanta comoção quanto a do menininho com a fita nos lábios.

Voltando ao fato ocorrido em Caxias do Sul, o advogado de defesa da professora afirma que a tal fita adesiva foi colocada pela própria criança, em um momento em que a professora não estava em sala e esta apenas a teria retirado, o que pode ter machucado, por mais cuidado que esta tenha tido. Por que se acredita mais em uma criança de cinco anos, que pode muito bem ter fantasiado ou até mesmo mentido, do que em uma professora?

Em que momento os educadores perderam a autoridade, a credibilidade e o respeito? Quando eu era criança, jamais meus pais permitiriam que eu dissesse qualquer coisa contra os meus professores, no que eles estavam cobertos de razão. Se um professor me colocasse uma fita adesiva, por estar conversando e atrapalhando o andamento da aula (o que, sinceramente, não acredito que tenha ocorrido em Caxias do Sul,) provavelmente não haveria qualquer queixa contra a escola e o professor, eu levaria, isto sim, um castigo ou uma boa chinelada para aprender a me comportar direito na escola. Palmas para os pais de minha geração!

E qual a posição da direção da escola em Caxias do Sul sobre o fato? A escola se exime de qualquer culpa! A única que deve ser punida é a professora, que não poderá atuar nas

escolas municipais da cidade, além de ter de passar por todo este escândalo e humilhação. Que barbaridade!

Me pergunto que tipo de punição sofrem os alunos que agredem seus professores todos os dias. E não me refiro somente à violência física. Cuidado, pois esta realidade brutal não atinge só a rede pública; na rede privada, os alunos de alto poder aquisitivo e, em sua maioria, sem nenhum pingão de educação (reitero: educação é tarefa dos pais), também desacatam seus professores ao gritarem que pagam seus salários. Aluno cliente é intolerável!

Questiono, preocupada, para onde caminha a humanidade com a educação a cada dia mais sem rumo...

**ANEXO I – junho de 2009****PALAVRA DE PROFESSOR****Humildes na esperança**

Por Alexandre Cruz Berg

Somos humildes na esperança de um dia sermos poderosos”. Esse aforismo do inesquecível poeta Carlos Drummond de Andrade representa a síntese do que vivemos nesses últimos nove meses de trabalho na Ulbra. Atividades marcadas pelo desrespeito através de tratamentos truculentos, humilhação, assédio moral e, finalmente, o atraso no pagamento de salários. Essa trajetória intensificou-se nesse período, porém, sempre existiu na relação da Ulbra com os seus trabalhadores.

Na história da instituição houve a metamorfose do nosso espírito docente em um camelo a serviço desse formato de gestão medieval, que contava com seu protagonista feudal na figura do “magnífico” e até aquele momento único reitor. Fez com que esses espíritos camelos suportassem pesados fardos, parafraseando Nietzsche no seu livro Assim falou Zaratrustra, como me fez lembrar meu amigo de trabalho André Peres. E assim nós passamos a fazer amizade com uma gestão de surdos que nunca ouviam o que pedíamos. Estendendo nossas mãos ao fantasma que procurava nos assustar.

Mas esse fardo nos levou ao deserto da falta de salários e ali nos transformou em leões, fazendo-nos lutar pela liberdade através da verdade, numa alusão ao lema institucional A verdade vos libertará. E nessa metamorfose inicial éramos algumas dezenas de leões docentes e tínhamos que enfrentar o dragão “Tu deves”, em ordens como “Tu deves dar aula de graça”, “Tu deves pesquisar sem receber bolsa”, “Tu deves orientar 12 horas-aula e receber o equivalente a meia hora-aula”. Ele fulminava suas labaredas em ameaças a nós que havíamos nos libertado e elas se intensificaram no verão de 2009. E nós respondíamos “Eu quero ser respeitado como pessoa, como profissional, como pesquisador e como professor”, Eu Quero! Nosso reitor-dragão nos repetia que, na Ulbra, “o futuro já começou” e que, nesse futuro, não existia o “Eu quero” dos subordinados. Como leões passamos a criar novos valores e conquistamos o direito sagrado de dizer “não”, “chega”.

Nas vésperas da Páscoa, passamos a travar um rude combate de nos libertarmos da tirania exercida pela Reitoria, nos apoderamos da esperança e ganhamos aliados. Já não éramos mais dezenas, mas centenas a ganhar as ruas, numa coragem leonina, dentro e fora da academia. Dia e noite, lá estávamos num número crescente de leões com narizes de palhaços e apitos, a enfrentar o dragão que nos oprimia com sua arrogância. Até que não suportou nossos rugidos e pediu para sair, depois de 36 anos de gestão intimidatória.

Assim, de altivos leões nos metamorfoseamos em crianças num novo começar, uma roda que gira por si própria, um espírito que quer agora a sua própria verdade, que conquistou seu lugar dentro da Ulbra e conquistou seu próprio mundo na protagonização dos dias que virão, pois agora, sim, “O futuro começou” e fomos nós, professores, alunos, funcionários administrativos e da saúde, que o fizemos começar. “E aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música”. (Nietzsche).

**ANEXO J – julho de 2009****PALAVRA DE PROFESSOR****Uma questão de limites**

Por Prof<sup>a</sup>. Esp. Marlúbia Corrêa de Paula

Muitas vezes comentamos que nossos jovens não reconhecem seus limites. Principalmente quando nos reportamos às salas de aula, esta fala é uma constante. Vivemos num momento dinâmico onde a Internet faz parte de todos os ambientes e faz com que a Educação repense sua dinamicidade. Como conseguir adequar à sala de aula, na forma tradicional como muitas vezes se apresenta de forma a fazê-la encantadora e ainda assim construir as noções de respeito e cordialidade, que sem dúvida alguma deveriam vir prontas de casa, da família. Não raras às vezes presenciamos pais com dificuldades sérias de conter seus filhos, mesmo na tenra idade em que chegam aos maternais. Muitas vezes, o pai acaba por fazer aquilo que o filho deseja, evitando assim constrangimentos momentâneos, porém quando assim agimos, é apenas uma questão de retardar os problemas, pois a criança adquire a confiança de que tudo pode. E convenhamos, na vida adulta, nós vivemos cercados de normas, para que possamos algumas coisas e outras não, entendendo que eu posso agir até onde passa a existir o direito do outro; assim todos nós precisamos estar acordados de quais normas regerão saudavelmente nosso viver. Não podemos deixar que alguns acontecimentos, marcados por atitudes de desrespeito tomem conta, por exemplo, de uma sala de aula atual, porque alguém não recebeu a devida noção de limite, na hora e no local adequados. Fica o questionamento: como um professor pode fazer para conseguir ter sucesso nesta ressignificação, ou muitas vezes nesta construção até mesmo inicial?

Na nossa profissão, conforme lembra a colega, Professora Joselma, no espaço Palavra de Professor do EC estamos sujeitos a avaliações, por contextos que muitas vezes vão além do necessário. Muitas vezes as falas exploradas que ganham importância não são aquelas dos agentes interessados em promover uma educação de qualidade. Muitas vezes, nós, professores, construímos com nossos alunos uma caminhada, onde são estabelecidas as noções de uma convivência produtiva. Devemos urgentemente restabelecer o crédito tão necessário à Atividade Docente, para que um professor em seu atuar possa sentir-se confiante devidamente amparado por sua instituição. Nós, professores de hoje, somos frutos de uma escola que também apresentava suas dificuldades, mas, no entanto, conseguiu transmitir seu encanto para que déssemos continuidade às atividades lá desenvolvidas. Lembro bem de minhas aulas, tanto no Ensino Fundamental, lá na querida Escola Fundamental Cipriano Porto Alegre (Rio Grande), e após na Escola Estadual Marechal Emílio Luiz Mallet (Rio Grande), onde nos reuníamos na semana da Pátria, para que o hino fosse cantado, pois nós sabíamos, éramos ensinados para que nesta data reverenciássemos nossa bandeira. Nós construíamos canteiros em torno da escola, possuíamos uma horta. Quantas construções saudáveis no ambiente escolar nós realizamos, enquanto alunos. Mais tarde, já no Ensino Médio, aprendi a gostar ainda mais da Matemática, quando o professor Hugo, no Colégio Estadual Lemos Júnior, fazia suas demonstrações através apenas de quadro e

giz, evidenciando seu conhecimento e gosto pela disciplina, a professora Dagmar, também de Matemática, sempre bem animada, com quem aprendi minhas noções de trigonometria, completando depois com a Mariza, uma professora e tanto. Havia ainda os queridos professores João e Maria Inês, de Biologia, a querida professora Enolena, de Português, e na quinta série a professora Dilma, que ensinou as conjugações verbais. Já se vão tantos anos e ainda recordo de muitas das aulas, afinal estes professores deixaram marcados seu gosto por aquilo que faziam. Seus saberes demonstrados a cada aula, de certa forma me conduziram por esta estrada e agora aqui estou eu, muita agradecida a tantos professores competentes que passaram por meu caminho. O que tenho na memória são estes fatos: excelentes aulas realizadas por excelentes professores. Para mim, a docência é isto, uma troca onde recolhemos o que de bom nossos professores compartilham ao ensinar. Gostaria de começar aqui uma caminhada onde possamos dar ênfase aos bons professores, à boa escola e aos bons alunos, porque, com certeza, teremos muito que mostrar. Referenciemos o que está funcionando bem e observemos estes exemplos para que com eles possamos aprender.

**ANEXO K – novembro de 2009****PALAVRA DE PROFESSOR****Algo está fora de ordem na educação!**

Por Joselma Noal

Quem nunca se excedeu no uso das palavras? Em momentos de raiva, falamos uma palavra indevida, insultamos. É compreensível, pois as palavras às vezes nos escapam. Digo isso em virtude da polêmica causada pelo vocábulo utilizado pela professora e vice-diretora Maria Denise Bandeira da Escola Estadual de Ensino Médio Barão de Lucena, na Vila São Tomé, em Viamão, ao chamar de bobo-da-corte um aluno que havia riscado a parede da sala de aula.

Se fosse há 20 anos, quem sabe até dez anos, certamente não haveria nenhuma polêmica no episódio. O aluno pintaria as paredes, ouviria o bobo-da-corte e pronto. A professora errou em insultar o garoto e já se desculpou pelo insulto. Quanto à punição, nada há para se arrepender ou desculpar. Se o aluno sujou a parede deve pintá-la novamente. Isso é incontestável. Nenhum pai contestaria isso, nem mesmo um pai dos anos 80.

Houve filmagem da cena de humilhação. Registro aqui a sugestão de que sejam instaladas câmeras em todas as salas de aula em escolas públicas e privadas de nosso país. Os pais que costumam defender seus filhos, sejam eles pichadores ou não (porque escrever o nome em uma parede é um ato de pichação, de depredação do bem público), se assustariam com as atitudes de seus filhos. Ser chamado de bobo-da-corte não é nada comparado aos insultos diários sofridos por professores.

Em que momento os alunos passaram a comandar a sala de aula? Algo está fora de ordem na educação. É uma questão de autoridade. O professor é a autoridade da sala de aula e, portanto, deve ser respeitado. Os pais da atual geração de estudantes foram educados de modo muito punitivo, conviveram com a ditadura, com a censura. Talvez por isso quiseram educar seus filhos de um modo mais livre e o equívoco deste modelo podemos verificar no espaço escolar e na sociedade.

As escolas promovem palestras sobre os limites, ou melhor, sobre a ausência deles, mas iniciativas como essas não são suficientes. Pode ser que os pais compareçam aos encontros e até mesmo os considerem importantes, mas não haverá resultados sem uma mudança de atitude em casa.

Como fazer as coisas voltarem aos seus devidos lugares? Não sei. Escrevo porque sempre penso na escrita como uma maneira pacífica de tentar defender ideias. E uma das causas que defendo é esta: pais e professores devem permanecer sendo autoridades no século 21.

**ANEXO L – abril de 2010****PALAVRA DE PROFESSOR****Desafios da escola real**

Denise Alves Schwochow \*

Mais um ano letivo e as esperanças e frustrações permanecem. Nas escolas eclodem as angústias de uma categoria sofrida que vê, dia a dia, aumentar a responsabilidade de formar alunos para enfrentar um mundo de desigualdades sociais, violento e com graves problemas ambientais. E é nesse momento que se levanta a questão da avaliação e recompensa ao professor.

Não ignoro a importância das teorias pedagógicas nem sou contra a avaliação diagnóstica para intervenção do sistema educacional como suporte na busca de melhorias. Mas o que vejo é um sistema com uma visão desconexa da realidade do professor e do funcionário, tratando-os muito mais como adversários do que como parceiros no educar.

A tão alardeada inclusão ocorre sem as escolas estarem supridas de serviço pedagógico especializado. O número de alunos por sala, a necessidade de trabalhar em várias escolas, os baixos salários e a falta de pessoal de apoio não permitem que o professor atenda plenamente todos seus alunos. Numa turma de 35 ou 40 alunos, às vezes dois ou três podem passar de uma atitude desafiadora a um acesso de raiva contra o professor, o colega ou o patrimônio.

No momento em que o Conselho Estadual de Educação aprova parecer que orienta a inserção de normas de convivência nos regimentos escolares, se estabelece um excelente momento para o debate com a sociedade e o estado. Um professor afetivo, com domínio de conteúdo e com jogo de cintura dificilmente se depara com problemas mais graves de conduta. Mas eles existem. Como agir sobre um aluno que persistentemente impede a aprendizagem dos outros? Não raro, após esgotados os recursos, a escola e os pais desistem, estabelecendo uma crise de autoridade.

Os professores se sentem impotentes e angustiados frente à desautorização e tomam atitudes diversas: uns ficam apáticos, outros somatizam a frustração, ficando doentes, e outros lutam para procurar um novo caminho. Práticas inovadoras são eficazes quando educadores motivados se sentem respeitados e integrantes de uma equipe. Requer que o

poder público entenda Educação como investimento, forneça suporte pedagógico, condições de trabalho e que veja o aluno como educando e não como cliente.

*\*Professora da Escola Estadual Glicério Alves, Porto Alegre.*

**ANEXO M – junho de 2010****PALAVRA DE PROFESSOR****Professor é profissão do futuro**

Geni Moura da Costa \*

Ao conversarmos com diversos profissionais sobre suas relações como alunos e professores, perceberemos que não importa o século, o milênio: o papel do professor é primordial na formação do indivíduo e, por consequência, da sociedade. A história da humanidade conta com inúmeros personagens, desde os grandes pensadores e pesquisadores, homens das letras, artes e ciência, até pais, mães e chefes de pequenas comunidades, que se tornaram importantes mestres na difusão de conhecimentos e culturas.

E na sua história? Certamente você poderá citar um ou mais professores que marcaram sua vida estudantil. Atitudes profissionais, mesmo quando não percebidas como tais pelo aluno, geram interações positivas dentro ou fora da sala de aula. São pessoas especiais, cujas ações, conhecimento, experiência, caráter ou competência servem de modelo (ou de espelho) para a atuação futura da maioria de seus alunos.

E no futuro de nossa sociedade? Pelo dinamismo de nossa cultura, as profissões relacionadas à comunicação, informática, meio ambiente e entretenimento prometem ser os segmentos que mais crescerão. Entretanto, são mercados de trabalho que exigem profissionais com maior especialização e qualificação, o que demanda um grande contingente de professores para conduzir este amplo processo educacional.

Muitas crianças sonham em ser professores no futuro. A maioria dos jovens que vislumbra fazer um curso superior reconhece a importância do professor. Pesquisas comprovam o grande número de vagas para professores nos concursos públicos. Muitas escolas estão com déficit de professores qualificados e, em algumas regiões fora do eixo Sul/Sudeste brasileiro, são oferecidos salários mais atrativos que a média. Apesar disto, o panorama atual da educação no Brasil mostra um grande distanciamento entre oferta e procura de bons profissionais docentes.

Muitos jovens desistem de ingressar na carreira de professor, ao perceberem a desvalorização social, a baixa remuneração, a rotina desgastante deste profissional. Pelo grande esforço em investir na educação de seus filhos, os pais também costumam depositar maior expectativa em carreiras que proporcionem um retorno promissor. Com menor procura, os cursos voltados à docência tendem a atrair alunos provenientes da rede pública, geralmente pertencentes a nichos sociais menos favorecidos.

Para quebrar este ciclo desgastante da falsa imagem diminuta do Professor, a universidade abre suas portas criando várias oportunidades de acesso para graduação e especialização, através da ampliação e flexibilização de cursos, horários, tecnologias e

incentivos financeiros. Cabe a cada egresso buscar sua valorização, investindo em sua formação e acompanhando as tendências do mercado.

Diferentemente de outras atividades, a de Professor sempre terá espaço no mercado de trabalho e na sociedade, desde que, quem escolher segui-la, encare-a como profissão, a exerça com competência científica e qualidade emocional.

Para os Professores e futuros Professores, fica a segurança de terem escolhido o caminho certo, a necessidade de constantemente rever e repensar seus paradigmas e a responsabilidade de voltarem a sua ação para sua carreira, para o aluno e para a instituição a que pertencem. Apenas os Professores profissionais contribuem positivamente para a mudança social. Aos demais, resta, no máximo, a sobrevivência.

\* Mestra em Linguística Aplicada e Professora da Universidade  
Regional Integrada (URI) Campus de Santo Ângelo

**ANEXO N – dezembro de 2010****PALAVRA DE PROFESSOR****Salário pra quê?**

Marcelo Frizon \*

Certa vez, sugeri a um professor que seu descontentamento com o salário que recebia podia afetar a qualidade do ensino, ao que fui prontamente repreendido. Desde sempre penso que salário pode não fazer a diferença na qualidade do ensino, mas ajuda e, a meu ver, quem nega isso demonstra ignorância.

Comandado por William Waack, o programa Globo News Painel do último dia 13 de novembro discutiu os investimentos feitos na educação nos últimos anos, que alcançaram os níveis de países desenvolvidos. Essa melhoria, no entanto, ainda não teve reflexo na qualidade da educação, tanto no ensino público quanto no privado. O economista Gustavo Ioschpe, o educador Mozart Neves Ramos, membro da ONG Todos Pela Educação, e Renato Corona Fernandes, engenheiro da Fiesp, debateram, especialmente, o salário do professorado.

A discussão foi rasa, como costuma ser esse tipo de debate, mas Ioschpe foi incisivo em negar a relação entre bom salário e qualidade de ensino. Realmente, uma boa aula depende principalmente da formação do professor, mas também da continuação de seus estudos. Para um professor de literatura, como eu, é necessário ir além dos livros de Machado de Assis, é preciso ler o que já se disse e o que se está dizendo sobre Machado. Depois, é preciso pensar em como transmitir esse conhecimento a alunos que normalmente não gostam de ler. Então, é preciso dinheiro para comprar os livros necessários e tempo para estudá-los. Mas esse professor precisa ir a cinema, teatro, exposições, espetáculos musicais, porque isso também influencia o trabalho. E ele precisa pagar suas contas, incluindo aí o acesso à TV a cabo e à internet banda larga.

Ser professor da universidade federal é um dos melhores postos que se pode alcançar na carreira do magistério. Geralmente, isso ocorre quando o professor tem por volta de 40 anos. Seu salário inicial é de cerca de 6 mil reais brutos, aumentando de acordo com sua progressão. Esse professor normalmente já é casado, tem filhos e paga a prestação de sua casa. E ele não vai colocar seus filhos no ensino público. Então, quanto sobra no final do mês? Como bancar isso tudo sem um bom salário? Gostaria que o economista Gustavo Ioschpe refletisse sobre isso, porque ele estaria, enfim, discutindo um assunto que deve dominar.

\* Professor de Literatura do Colégio Rainha do Brasil.

**ANEXO O – março de 2011****PALAVRA DE PROFESSOR****Plano Nacional de Educação**

Gabriel Grabowski \*

Encontra-se no Congresso Nacional o Projeto do novo Plano Nacional de Educação 2011– 2020 (PNE). Portador de dez diretrizes, 20 metas e dezenas de estratégias, que preveem, entre outras iniciativas, a erradicação do analfabetismo, a melhoria da qualidade do ensino, a valorização dos profissionais da Educação, financiamento, a gestão democrática e a difusão dos princípios de equidade e do respeito à diversidade. O plano define metas e prazos para que elas sejam alcançadas.

Priorizo neste artigo discutir três questões do projeto que entendo serem estratégicas para uma efetiva melhoria da Educação, merecendo por parte do Congresso Nacional uma atenção especial e pressão por parte da sociedade. Refiro-me ao respeito e incorporação das propostas aprovadas pela Conae, ao aumento de recursos para a Educação e maior atenção à formação dos professores.

A Conferência Nacional de Educação realizada em 2010, no que pese à não participação de alguns segmentos, constituiu-se como um processo amplo de discussão, participação e posicionamento dos delegados, de um conjunto de propostas que o Executivo, através do MEC, comprometia-se a tomar como referência para o projeto a ser enviado ao Congresso. Porém, numa análise inicial, podemos dizer que há um distanciamento grande entre as propostas para a Educação nacional aprovadas na Conae e o projeto de PNE enviado ao Congresso.

Entre as medidas de maior impacto aprovadas na Conae, destacaria a organização do Sistema Nacional e do financiamento da Educação, ampliando para 7% do PIB já em 2011 (meta do PNE 2001 – 2010 vetada por FHC e mantido durante governo Lula), devendo atingir 10% do PIB até 2014. Aprovou-se também a ampliação imediata da complementação da União no Fundeb, implementação do custo aluno-qualidade (CAQ), aumento da vinculação dos recursos da União (de 18% para 25%) e dos estados e municípios (de 25% para 30%) e destinação de recursos dos royalties do Petróleo e Pré-Sal para o desenvolvimento Educação, Ciência e Tecnologia.

Conforme dados do último censo, atualmente temos apenas 5,95 milhões de estudantes no Ensino Superior, correspondendo a 13,6% dos jovens entre 18 e 24 anos; temos apenas 8,3 milhões de estudantes no Ensino Médio, quando deveríamos ter no mínimo 10,3 milhões se todos concluintes do Ensino Fundamental ingressassem nesta etapa e, por fim, 1, 1 milhão de estudantes estão matriculados na educação profissional. Somente estes dados já demonstram o enorme desafio que temos, enquanto nação, em torno da expansão e universalização da educação. Desafio que somente será viabilizado

com mais recursos imediatamente, em consonância à decisão da Conae que apontou 10% já em 2014.

Quanto à valorização e formação de professores, temos quatro metas (15, 16, 17 e 18). Matematicamente, de 20 metas temos quatro que abordam o tema pode parecer um avanço, mas, ainda assim, entendemos que, devido sua generalização, pouco garantirão que a carreira docente seja valorizada e respeitada por todos segmentos sociais, comunidades escolares e entes federados. Urge transformar a docência em carreira de Estado, onde o professor seja efetivamente a autoridade humana e acadêmica por excelência. Nesta perspectiva, apesar do tema estar na agenda, a valorização dos professores e o financiamento da Educação precisam ultrapassar a barreira das promessas, de projetos e metas – a perder de vista –, para serem uma realidade imediata e viva. A regressão de 50% na procura por cursos de formação de professores é o maior alerta do apagão de formadores que enfrentaremos amanhã.

O Congresso pode e deve aperfeiçoar o projeto de PNE 2011– 2020. A sociedade precisa acompanhar e exigir um plano educacional decenal compatível com o Brasil que queremos em 2020. As entidades educacionais precisam incidir nas discussões do Congresso, propondo modificações aos parlamentares e pressionando por avanços. As Instituições de Ensino Superior, formadoras de profissionais da Educação, precisam acreditar na oferta de Cursos de Licenciaturas, independentemente dos resultados contábeis que geram, pois a falta de professores afetará a qualidade da educação inclusive dos demais cursos. Sem professor bem formado, valorizado e respeitado não teremos educação capaz de formar os cidadãos e profissionais em condições de conviver socialmente e produzir.

\* Doutor em Educação, presidente da Associação de Escolas Superiores de Formação Profissionais do Ensino do RS (Aesufope)

**ANEXO P – dezembro de 2011****PALAVRA DE PROFESSOR****A crise do ensino**

João Timotheo Esmerio Machado\*

O ensino vive uma nova crise. A escola sempre foi uma instituição inquestionável. O modelo entrou em colapso com o aparecimento da juventude informatizada, conectada à internet e autodidata. Os jovens atuais não estão “nem aí” para o saber oferecido na escola. Eles querem apenas viver a cultura deles, e os locais onde ocorrem essas vivências são os espaços escolares, onde organizam e inventam as novas culturas. O cotidiano maçante da escola é o preço pago para viver essa forma de sociabilização própria da juventude. Nossos jovens acharam nas escolas seus espaços de convivência.

A escola não tem de abandonar o ensino formal, mas se permitir a ouvir os novos clamores sociais. Não é abrir mão dos compromissos inquestionáveis de promover o ensino tradicional e os conhecimentos das gerações passadas, mas também criar espaços para as novas culturas juvenis. Por isso, o papel do professor tornou-se muito mais complexo do que no passado recente.

Hoje em dia na escola existem ricos e pobres, indivíduos que acham que a escola tem sentido e outros que ela não tem sentido algum. No caso do Brasil, ainda temos alunos que estão lá por que não têm para onde ir enquanto os pais trabalham, outros que frequentam os bancos escolares para fazer as refeições, para não perder benefícios sociais, para encontrar os amigos, conversar, namorar e viver a juventude. Os alunos sempre manifestam a necessidade de, antes de se ocuparem com os deveres escolares, vivenciarem os processos de humanização no ambiente escolar, negligenciados por suas famílias e pelo próprio Estado.

Essa situação provoca um grande desconforto e transforma as aulas num festival de bocejos, e as salas de aula num espaço maçante e enfadonho. Isso gera nos adolescentes os comportamentos agressivos, rebeldes e um enorme desinteresse, até por que eles não reconhecem na escolarização uma garantia de ascensão social. Muitos jovens querem o certificado de conclusão, apenas por justificativa social.

Os alunos têm de se conscientizar da necessidade de aprender a escrever, ler, contar, falar, digitar, navegar, enfim, se instrumentalizar para que possam viver o mundo social informatizado e contemporâneo. E esse é o caminho para se formar indivíduos críticos, informados, que expressem suas opiniões, seus sentimentos, suas discordâncias, capazes de ouvir, refletir e viver em paz com seus parceiros.

\*Professor de História e Ciências Humanas  
SENAC Lajeado

**ANEXO Q – março de 2012****PALAVRA DE PROFESSOR****Professores, os coadjuvantes**

Marcelo Frizon

Nos últimos meses acompanhamos diversos programas televisivos que tratavam de educação (normalmente sobre Enem, Ideb ou sobre os distúrbios na USP etc.). Na maioria deles, os professores estavam ausentes. Simplesmente não havia um professor sendo entrevistado ou participando do debate proposto. Vimos políticos, economistas e administradores discutindo os problemas da educação brasileira, dando a sua opinião, a sua visão das coisas, mas não vimos um professor sequer. Eu fiquei com a impressão de que só a mim isso incomoda.

O professor é um dos protagonistas do processo de ensino e aprendizagem, o outro é o aluno. Por que, então, um economista tem mais a declarar que um professor sobre educação? Afinal, que experiência tem uma pessoa com bacharelado para falar sobre como deve ser o ensino dado por licenciados? Realmente, são impressionantes os dados trazidos por esses especialistas em Educação. É assim que eles se apresentam: especialistas em Educação. Não importa que suas graduações não tratem em nenhum momento de nada relacionado a ensino. Não importa que a última vez que eles pisaram numa sala de aula foi há mais de 15 anos na condição de alunos. Não importa que eles nunca tiveram de ministrar uma turma de 30, 40, 50 alunos. Não importa que eles não saibam que prender a atenção de uma turma inteira é tarefa quase impossível, porque ali estão presentes 30, 40, 50 realidades completamente diferentes: temos uma menina que pensa no namorado, outra que está preocupada com o Justin Bieber, um menino que viu os pais brigarem feio na noite anterior, outro que está pensando na última contratação do seu time de futebol, e por aí vai. Importa que eles têm números e dados estatísticos reais e precisos sobre a educação brasileira. Importa que eles falam bem e melhor que os professores. Importa que eles são mais bonitos que os professores. Importa que eles sabem fazer aquilo que os professores não sabem, ou seja, ganhar dinheiro. No fundo, eles são quase o oposto do professor. E são eles que falam sobre educação, não os professores.

A educação brasileira tem muitas falhas, e esses especialistas em Educação são especialistas em apontá-las. Muitos projetos estão sendo desenvolvidos, em todos os níveis de ensino, para que essa realidade mude, se transforme. No entanto, para que isso ocorra os professores também precisam ser ouvidos. Resta saber se eles têm algo a declarar, ou melhor, se nós temos, porque não podemos ficar esperando o jornalista fazer o convite. Nós, professores, temos de abandonar a coadjuvância e reassumir o papel que nos cabe, inclusive fora da sala de aula: o de protagonistas da educação.

\*Professor de Literatura das escolas Rainha do Brasil  
La Salle Dores e Santo Antônio

**ANEXO R – abril de 2013****PALAVRA DE PROFESSOR****Desencantamento com a profissão**

Por Márcia Aparecida Vitorello\*

Proponho tecer algumas considerações sobre as falas dos professores da rede privada no momento de suas rescisões, a partir das escutas realizadas no Núcleo de Apoio ao Professor Contra a Violência (NAP), serviço ofertado pelo Sindicato. Trata-se de um espaço de acolhimento da palavra do professor e desta escuta emergem questões sobre a vivência profissional no universo da educação, da educação infantil até o doutorado, cada uma com suas especificidades. Destaca-se no último período (2012-2013) o desencantamento pela profissão como uma questão presente em todos estes níveis. Também chama a atenção o grande número de demissões fora do período habitual, o que torna problemática a recolocação destes professores em outros estabelecimentos de ensino.

Em síntese, na atualidade, parece estar se consolidando entre os docentes a percepção de uma cultura de descartabilidade dentro do segmento educacional, e que este descarte pode ocorrer a qualquer momento. O professor, hoje, é, portanto, um sujeito avisado, e diferente de anos anteriores, já não se mostra tão surpreso com a demissão. Se por um lado ele está psiquicamente melhor preparado para lidar com esta situação, por outro, ele passa a investir menos afetivamente na profissão, sendo precisamente a sua implicação no trabalho o motor para um bom desempenho. Este contexto produz como consequência o apagamento do desejo do professor no processo de ensino, com danos à educação como um todo.

No trabalho realizado, também chamou a atenção o grande número de pedidos de demissão dos professores. Tais pedidos são motivados por diversos fatores, dentre os quais, os concursos públicos e a desistência da carreira apareceram como causas frequentes. Encontrei educadores jovens e outros mais experientes desencantados, que desistiram do seu projeto profissional, como afirma um deles: “Eu tinha um ideal de fazer algo pela sociedade e perdi”! Talvez este dano na imagem ideal do ofício possa ser pontualmente sintetizado com a fala de outra professora: “Perdeu o brilho”! Cabe interrogar, então, o que poderia fazer o brilho da profissão cintilar outra vez?

Para além de um caráter legalista e anterior a um apelo à legislação, entende-se, sobretudo, que o que é próprio destas matérias tem lugar indispensável na formação do ser humano, e que a propriedade de construção destes conhecimentos é de quem se licenciou neles. Nesta perspectiva, a frieza da lei tem sentido, bem como seu cumprimento.

\* *Psicóloga do NAP, doutora em Educação e professora universitária.*

**ANEXO S – novembro de 2013****PALAVRA DE PROFESSOR****Professor de papel**

Por José Carlos Sturza de Moraes\*

Dos professores se espera que desempenhem múltiplas atividades, reduzidas à expressão ‘papel’ (missão, função). O papel, singular não expressa bem as plurais tarefas, funções, capacidades que se espera desses profissionais. Serei um professor *papel artesanal*, ‘feito à mão’, a partir – quem sabe – de poucos aditivos químicos poluentes? Ou um professor *papel autocopiativo*, “de alto valor agregado, que consiste basicamente de um papel convencional que recebe um tratamento superficial de agentes químicos especiais que quando entram em contato físico direto desenvolvem reação formadora de imagem”? Um professor assim, artesanal e autocopiativo, também é aquele que se constrói sozinho? Mas é possível nos construirmos sozinhos, com base apenas nas reflexões de nossas leituras ou práticas educativas? Quando lemos já não estamos deixando de ser apenas nós mesmos? Esse ‘eu’ absoluto tem alto valor agregado? Agrega o quê? Quem sabe um professor *papel bíblia*, ‘papel finíssimo, quase transparente’? Ou um professor *papel seda*? Um professor assim, finíssimo e transparente, é aquele que tem bons modos? Educado? Cortês? É aquele que desliza e se esconde por detrás das muitas invisibilidades que escolas e outras instituições sociais impedem que nos impliquemos com os processos sociais e suas produções? Ou é aquele que é claro em suas posições e formas de trabalhar e solidário no seu avaliar e questionar?

Quem sabe um professor *papel jornal* ou *termossensível*, de baixo custo, “feito de restos de móveis, reciclado, ou ainda para máquinas impressoras baratas, como calculadoras”?

Um professor assim – sonho de consumo de muitos gestores públicos – é aquele que não se envolve em greves? Que detesta os poemas de Brecht, especialmente aquele infame, intitulado *Analfabeto Político*? Que se atualiza didático-pedagógicamente com as matérias de jornal? Ou é aquele que expressa em seu cotidiano certa desconfiança sensível, térmica porque à flor da pele? Que professor sou ou serei importa muito para mim e para muitos professores. Importa, especialmente, não ser um professor *papel em branco*, pois, assim como os estudantes com os quais trocamos experiências e saberes vida a fora, também temos leitura social extraclasse. Também temos nossas trajetórias de vida. Também somos humanos e rimos, choramos, amamos... Também rasgamos quando não cuidados e não valorizados.

\* *Professor da Faccat, bacharel em Ciências Sociais, especialista em Ética e Educação em Direitos Humanos e mestrando em Educação (UFRGS).*

**ANEXO T – março de 2015****PALAVRA DE PROFESSOR****Tempo de trabalho e tempo de estudo: uma contradição?**

Janes Teresinha Fraga Siqueira\*

A realidade da formação de nossos alunos é diversa do ideal da educação humanista que os cursos de Ciências Sociais e Pedagogia sempre prezaram. Cumprir o papel de mediador, problematizar e acompanhar o aluno no trabalho de conhecer é tarefa do professor, logo o estudo e o trabalho de pensar são essenciais à profissão. O discurso oficial defende a educação como prioridade para uma sociedade melhor; no entanto, é sabido que, em muitos casos, o sacrifício dos estudantes para conseguir terminar seus estudos não é pequeno. Os jovens deveriam ter mais tempo de dedicação à sua formação.

Para nós representa uma contradição que professores que devem tomar para si a tarefa de formar gerações e de educar crianças e jovens tenham condições de trabalho penosas e, além disso, formação de qualidade prejudicada. Mesmo os que já são professores de Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIS) ou do ensino fundamental sofrem para poder dedicar-se ao estudo. Se o trabalho é na área da Educação, um não deveria complementar o outro? Se o estudo é parte da formação, qual seria o fundamento do conflito? É possível criar sem tempo para descansar? O tempo de descoberta, de reflexão e construção do conhecimento não é trabalho?

A falta de tempo de nossos alunos é facilmente diagnosticada ao observarmos o horário de chegada em aula, o tempo que permanecem, o pedido de prorrogação para entrega de trabalhos, o número de faltas, as condições de saúde apontadas pelos atestados médicos e as queixas sobre gripes, dores de cabeça e tantos outros problemas. Os profissionais docentes, nossos alunos, não podem estar em dois espaços ao mesmo tempo. Ainda assim, devido à distância em que moram ou ao tempo dedicado ao trabalho – em geral ganhando mal –, obriga-os a estar em aula e, ainda, atender à sua orientação de estágio.

Essas constatações não significam que estamos criticando alunas e alunos, ou colegas orientadores. Contudo, surge daí uma questão: que formação é esta em que o tempo para pensar é escasso, limitado? Que formação é esta em que os estudantes não podem desfrutar dos espaços que a universidade oferece para que possam ler e estudar, trocar ideias? Os jovens procuram a universidade. O governo sinaliza com possibilidades de bolsas de estudo, mas há uma despolitização no mundo estudantil. Vivemos uma democracia despolitizada. Não há clareza sobre as contradições da realidade. Estão cansados, apáticos, mas dizem: “É assim, fazer o quê”?

*\*Doutora em Educação – UFGRS. Professora Adjunta da Unisc. Pesquisadora da Linha de Pesquisa: Educação, Trabalho e*

*Emancipação – Mestrado Unisc. Participante do grupo de pesquisa:  
Formação de professores para o Mercosul/Conesul com sede na UFGRS.*



Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria Acadêmica  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [proacad@pucrs.br](mailto:proacad@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br/proacad](http://www.pucrs.br/proacad)